

Lig

revista de psicanálise



2

N 1 • 2013

ISSN 2238-9083
VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010
VERSÃO ONLINE

revista de psicanálise

ANO 2, Nº 1, JAN-JUN/2013 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 2, NUMERO 1, JAN-JUN/2013

ISSN 2238-9083 (VERSÃO IMPRESSA)

ISSN 2316-6010 (VERSÃO ONLINE)

SIG Revista de Psicanálise é uma publicação semestral da Sigmund Freud Associação Psicanalítica e tem como objetivo publicar artigos teóricos e teórico-clínicos, resenhas e entrevistas no campo psicanalítico.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados pertencem a SIG Revista de Psicanálise.

A reprodução total dos artigos desta revista em outras publicações, ou para qualquer outra utilidade, por quaisquer meios, requer autorização por escrito do editor. Reproduções parciais de artigos (resumo, abstract, mais de 500 palavras do texto, tabelas, figuras e outras ilustrações) deverão ter permissão por escrito do editor e dos autores.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise>

Versão online da revista em: www.sig.org.br/sigrevistadepsicanalise

Tiragem: 200 exemplares | Impressão: junho de 2013

S574 Sig: revista de psicanálise. – Vol. 1, n. 2 (jan-jun. 2013)- . –
Porto Alegre : Sigmund Freud Associação Psicanalítica,
2013- . . v. ; 30 cm.

Semestral.

Editor: Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. 2. Teoria psicanalítica -
Periódicos. 3. Cultura - Periódicos. 4. Filosofia - Periódicos.
II. Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático: 1. Psicanálise 159.964.2

Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507



REVISTA DE PSICANÁLISE
PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2013

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2012/2014

Presidente: Sissi Vigil Castiel

Diretora Administrativa: Elenara Vaz Faviero

Diretora de Ensino: Simone Engbrecht

Diretora Científica: Débora Marcondes Farinati

Diretora da Clínica Psicanalítica: Luciana Rechden da Rocha

Diretora de Divulgação: Roberta Araujo Monteiro

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Karen Kepler Wondracek

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora Responsável: Eurema Gallo de Moraes

CORPO EDITORIAL:

Alfredo Jerusalinsky	Eneida Cardoso Braga	Marília Etienne Arreguy
Almerindo Boff	Eurema Gallo de Moraes	Mônica M. Kother Macedo
Ana Lúcia Waltrick dos Santos	Fernando Urribarri	Nelson da Silva Júnior
Bárbara de Souza Conte	José Luiz Novaes	Paulo Endo
Bianca Savietto	Julio Bernardes	Rafael Marucco
Christian Ingo Lenz Dunker	Karin Kepler Wondracek	Sidnei Goldberg
Claudia Maria Perrone	Lizana Dallazen	Sissi Vigil Castiel
Cristina Lindenmeyer Saint Martin	Luciana Maccari Lara	Vera Blondina Zimmermann
Daniel Kupermann	Luis Cláudio Figueiredo	
Débora Marcondes Farinati	Magda Medianeira de Mello	
Denise Costa Hausen	Maria Cristina Poli	

COMISSÃO EXECUTIVA:

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn
Cláudia Maria Perrone
Lizana Dallazen

PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento da obra
de Henri Matisse (reprodução),
Litografia para a Verve, 1937.

* Os textos aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL/CONTENTS.....	07
ARTIGOS/ARTICLES	
A DEMANDA NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE: Transformações no Estatuto da Imagem.....	11
Demand in children and adolescents: changes in image's statute	
- <i>Christian Ingo Lenz Dunker</i>	
FELICIDAD, SUFRIMIENTO, REALIDAD.....	27
Happiness, Suffering, Reality	
- <i>Hugo Lerner</i>	
POR UMA PSICANÁLISE COM SEXUALIDADE.....	37
For a psychoanalysis with sexuality	
- <i>Berta Azevedo Hoffmann</i>	
APORTE A LA METAPSICOLOGÍA DE LA ADICCIÓN.....	51
Contribution to the metapsychology of addiction	
- <i>Rafael Marucco</i>	
MEDEIA: a feiticeira do ódio.....	59
Medeia: the witch of hate	
- <i>Ana Maria Oliveira da Luz</i>	
ENCRUZILHADAS DA DEMANDA: A clínica junto a sujeitos vítimas de violência de Estado.....	67
Crossroads of demand: The clinic with victims of state violence	
- <i>Alexei Conte Indursky</i>	
EM PAUTA/ON THE AGEND	
DESTRUTIVIDADE E NARCISISMO.....	77
Destructivity and narcissism	
- <i>Sissi Vigil Castiel</i>	
DIFERENÇA CULTURAL, SOFRIMENTOS DA IDENTIDADE E A CLÍNICA PSICANALÍTICA HOJE.....	85
Cultural difference, identity suffers and nowadays psychoanalytical clinic	
- <i>Jaime Betts</i>	
O SACRIFÍCIO DO CORPO COMO TOMADA DA PALAVRA E SEU CÁLCULO PARA A IDENTIDADE. Uma reflexão psicanalítica sobre as modificações corporais.....	99
The sacrifice of the body as speaking out and its calculus to identity.	
A psychoanalytical reflection on body marks.	
- <i>Nelson da Silva Junior</i>	
- <i>Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira</i>	
CONVIDADO/GUEST	
CLÍNICAS DO TESTEMUNHO: desafios na reconstrução da história.....	107
Clinics of Testimony: challenges on the historic reconstruction	
- <i>Bárbara de Souza Conte</i>	

ENTREVISTA/INTERVIEW

OS CASOS-LIMITE E A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA:

do desafio clínico à complexidade teórica - Entrevista com ANDRÉ GREEN.....117

Limit-cases and contemporary psychoanalysis:

the challenge to clinical complexity theory - An interview with André Green

- *Fernando Urribarri*

RESENHAS/REVIEW

PSICANÁLISE PARA ALÉM DAS NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA.....123

Psychoanalysis beyond the transfer neuroses

- *Lizana Dallazen*

O SUJEITO DA DOR E SUAS FORMAS DE MAL-ESTAR.....125

The subject of pain and its forms of malaise

- *Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn*

A Psicanálise, no conjunto de seus conceitos, tem quase que, simultaneamente, uma parte estável, que a argumenta, e outra de intensa mobilidade, que a revigora; essa especificidade sustenta sua vigência ao longo do tempo. Assim, escrever sobre o que se pensa, o que se faz e o que se é em Psicanálise é uma maneira de renovar e renovar-se. É recuperar certo frescor que a circulação das ideias, por caminhos diferentes, proporciona. O reconhecimento às diferenças nas reflexões sobre a Psicanálise encontra, nesta revista, espaço para publicá-las e fazê-las transitar; reforçando, assim, a aposta que a SIG sustenta em sua trajetória como associação psicanalítica.

É indiscutível que a posição do analista frente à sua clínica está atravessada pelas marcas de sua formação. Por sua vez, a formação de analistas está tecida nos movimentos próprios de dar forma à sua ação; essa é a encruzilhada em que analisar, educar e governar não serão posturas alheias a políticas e ideologias, tanto no contexto das instituições, como na comunidade a que cada analista pertence e na qual desenvolve sua prática. Esse movimento, evidentemente, não é o de flunar bandeiras para doutrinar seguidores, mas, sim, representa o compromisso de cada um em si e, também, na convivência em espaços compartilhados.

O psicanalista que escreve não apenas encontra uma enriquecedora companhia entre seus pares, como tam-

bém se amplia na convivência com o pensamento de outros saberes.

Nessa direção, temos, como corpo editorial da *SIG Revista de Psicanálise*, a satisfação de colocá-la em circulação. Dessa forma, em suas páginas, o leitor vai encontrar a diversidade nos modos de pensar a Psicanálise em sua extensão de aplicabilidade.

No texto *A Demanda na Criança e no Adolescente: transformações no estatuto da imagem*, assinado por Christian Dunker, o autor desconstrói os conceitos de demanda e estatuto e reconfigura-os com muita sensibilidade para a compreensão do sujeito enquanto o lugar de criança e o de adolescente. O trabalho de Dunker abre a seção de artigos da revista.

O ensaio de Hugo Lerner sobre *Felicidade, Sofrimento, Realidade* traça uma reflexão interessante. O autor, em uma interlocução franca com os aportes freudianos, observa que as demandas atuais por um processo de análise estão matizadas pelo desespero, efeito de sensações de vazio e de intensidade de angústia, além do desamparo psíquico que evidenciam falhas significativas no campo dos investimentos de narcisização. O sofrimento, afirma Lerner, é algo mais do que uma ameaça, é frequentemente uma presença.

Assim, autoestima, narcisismo, conquistas, vínculos, projetos, contexto socioeconômico são conceitos que se entrelaçam e tecem um con-

junto de noções inseparáveis umas das outras, desdobrando-se nas modalidades do sofrimento humano.

Já Berta Azevedo Hoffmann, ao deter-se no tema da sexualidade, problematiza sobre o espaço que essa ocupa no pensamento da Psicanálise atual. Em seu texto, recupera o valor desse conceito na revisão que formula através das contribuições de André Green.

O artigo *Aportes à Metapsicologia da Adição* de Rafael Marucco apresenta esse relevante tema na perspectiva do Édipo, do Narcisismo e da pulsão de morte; nesse circuito teórico desenvolve a ideia de que a adição é um sintoma psíquico, cuja especificidade é uma descomplexidade psíquica que libera a pulsão de morte; por essa via, provoca uma ruptura de ligações, uma perda da função do recalçamento e é uma expressão de dor em ato. Para Marucco, o sujeito adicto é escravo por não poder “pagar” com uma castração simbólica, ficando, então, condenado ao desejo/necessidade de um objeto nomeado como única fonte de segurança narcísica.

Alexei Indursky assina *Encruzilhadas da Demanda*. Nesse ensaio, o autor percorre o caminho da história, no qual o homem está inscrito na condição social de exposição à violências do Estado e propõe a Psicanálise como método de escuta ao indivíduo, porque reconhece sua condição de sujeito de uma história grafitada pelos traçados daquela vivência. São marcas de intensidade que rasuram a integridade psíquica do sujeito. O autor confere o valor necessário ao tema, ao movimentar o sujeito do lugar de fato histórico e inscrevê-lo no espaço da escuta psicanalítica.

A seção **Em Pauta** apresenta os ensaios de Sissi Vigil Castiel sobre *Destrutividade e Narcisismo*, o de Jaime Betts *Diferença Cultural, Sofrimentos da Identidade e a Clínica Psicanalítica Hoje* e o de Nelson da Silva Junior e Luiz Eduardo Moreira *O Sacrifício do Corpo como tomada da palavra e seu cálculo para a Identidade*. Estes psicanalistas pautam as suas reflexões a partir da consigna proposta na qual o mal, a crueldade e a violência são como tatuagens traçadas pelo narcisismo nas imagens da contemporaneidade. Observam-se nestes desdobramentos narcísicos as rasuras na construção da subjetividade, as constantes transgressões à lei da alteridade e a defasagem dos investimentos pulsionais entre pulsão de vida e pulsão de morte, são configurações que ao desconcertarem a escuta, convocam a necessidade de se revisar os conceitos. Assim, em pauta temas da psicanálise que merecem interlocução e debate.

E a seção **Por Convite** está assinada por Bárbara Conte. Sob o título *Clínicas do Testemunho: desafios na reconstrução da história*, o texto toma duas direções. Por um lado, apresenta a participação da SIG no projeto do Ministério da Justiça - Clínicas do Testemunho - e, por outro, desenvolve argumentos teóricos psicanalíticos para a compreensão e a tradução dos efeitos de intensidade no psíquico do sujeito em experiências vividas, nas situações indecifráveis de tortura.

Neste número, a **Entrevista** transcende a formalidade característica desses encontros, por ser uma das inúmeras ‘conversas’ entre Fernando Urribarri e André Green, ambos falam sobre teoria, recuperam conceitos e reformulam

EDITORIAL

outros, em um cenário visivelmente marcado pela amizade, pela confiança e pelo respeito. André Green faleceu em janeiro de 2012; seu legado de indiscutível valor teórico e clínico renova esperança à Psicanálise.

Em **Resenha**, o leitor encontra as apresentações de publicações recentes em Psicanálise. Lizana Dallazen, em *Psicanálise para além das neuroses de transferência*, argumenta a indicação para o livro *Limites de Eros*, or-

ganizado por Eliane Michelini Marraccini, Maria Helena Fernandes, Marta Rezende Cardoso e Silvana Rabello. Já Carolina Dockhorn, em *O sujeito da dor e suas formas de mal-estar*, sugere a leitura de *O sujeito da contemporaneidade* de Joel Birman.

Este é o número dois da *SIG Revista de Psicanálise*! Nossa expectativa é que o leitor encontre na leitura de seus artigos inquietações criativas ao devir de outras produções.

Eurema Gallo de Moraes

Editora responsável

A DEMANDA NA CRIANÇA E NO ADOLESCENTE: TRANSFORMAÇÕES NO ESTATUTO DA IMAGEM

DEMAND IN CHILDREN AND ADOLESCENTS:
CHANGES IN IMAGE'S STATUTE

Christian Ingo Lenz Dunker¹

Resumo: Este artigo aborda a noção psicanalítica de demanda, relacionando-a com as transformações verificáveis no estatuto da imagem, na transição que caracteriza a passagem da infância à adolescência. Nossa hipótese divide o estatuto da imagem segundo sua incidência quadripartida na determinação de unidade, na formação de identidade, na economia da satisfação e na indução metaforizante. Verificamos como estas quatro incidências operam de modo convergente a relação com o que Lacan chamou de *objeto a*, na articulação de dois processos de separação: a separação da infância e a separação da adolescência. Pensamos com isso contribuir para a metapsicologia da adolescência como estado de reconfiguração das relações com a imaginarização do objeto a partir de um reposicionamento da demanda.

Palavras-Chave: Adolescência, Imaginário, Psicanálise, Demanda.

Abstract: This article analyses the psychoanalytical concept of demand in straight correlation with the changes we verify in the statute of the image in the transitional phase of adolescence. Our hypothesis divides the image's statute in four cases: determination of unity, formation of identity, economy of satisfaction and induction of metaphorization. We verify that four incidences operate in articulation to what Lacan named object a, in relation with two different separation processes: from infancy and from adolescence. We ought to comprehend the metapsychology of adolescence as an state of reconfiguration of the relations around the imaginarization of the object produced by a replacement of the demand.

Keywords: Adolescence, Imaginary, Psychoanalysis, Demand.

¹Psicanalista, livre docente em Psicologia Clínica da USP, pós-doutor pela Manchester Metropolitan University. Autor do livro *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica*, Prêmio Jabuti (2012).

1. A DEMANDA

A feliz expressão "demanda na criança e no adolescente" concorda profundamente com o sentido do conceito de demanda em Lacan. O uso comum da noção de demanda remete a pedido, ordem ou apelo. A tendência então é pensar que este pedido tem um fundamento, uma origem ou uma causa. Na verdade prestamos bastante atenção a isso quando julgamos os pedidos dos outros e quando formulamos nossos próprios pedidos. Ou seja, basicamente distribuí-

mos o regime geral dos pedidos em dois grupos: os que se fundamentam em uma necessidade e os que são supérfluos, caprichosos, indignos ou ilegítimos. Que esta necessidade seja de ordem natural, social, discursiva, pulsional ou lógica, isso não importa para o argumento, importa a existência possível de um pedido que pode ser reconhecido como dotado de um fundamento.

A demanda é algo que se impõe aquele que pede, é algo que reduz aquele que pede ao seu próprio pedido. Por exemplo, o grito de fome não é o grito de dor que não é o grito de desamparo, mas em todos eles reconhecemos uma espécie de fundamento, de urgência e de convocação. A evidência, para a qual quero chamar a atenção de vocês, é que esta necessidade é sempre uma suposição feita por quem recebe o grito. Afinal é a mãe que decide qual é o caso e principalmente... Se há um caso. Essa decisão da mãe, ou do outro como figura prestativa, como diria Freud, é o que faz com que o pedido se complete em demanda. Ela supõe que o filho chore de dor e lhe dá o remédio ou que ele chore de fome e lhe dá o peito ou ainda que ele chore de *manha* e neste caso entramos no segundo grupo, o grupo dos pedidos supérfluos. É certo que esta decisão é sempre difícil, por traz do supérfluo pode haver sempre uma necessidade escondida e pior, que neste caso não será reconhecida. Mas ao não ser reconhecida como necessária ela entra no grupo intermediário, o grupo formado pelo grande equivalente geral dos pedidos, ou seja, o caso do amor. Podíamos pensar no amor desta forma muito pouco romântica, uma espécie de reservatório de pedidos sem destino, de pedidos extraviados, nem deferidos nem indeferidos. É por isso que o amor funciona como uma espécie de zona transicional entre a necessidade e a contingência. É a necessidade mais supérflua e ao mesmo tempo a coisa supérflua mais absolutamente necessária. O problema aqui é que quando estamos na ordem do necessário há um saber sabido em curso. É necessário porque eu sei, porque eu reconheço que é. No caso do não necessário as coisas se passam de outra maneira, há um saber insabido. O drama (ou a tragédia) do ser - e ele é particularmente agudo na criança e no adolescente - é que há sempre um insabido à espreita de cada demanda. Ou seja, a demanda é inconsciente, ela é o desejo feito objeto, no inconsciente. É este insabido que faz a demanda ser diferente do pedido. Faz com que a gente nunca saiba o que está realmente pedindo quando pede algo. (*Cuidado com o que você pede, pois isso pode se realizar* - diz o ditado). Sim, muito cuidado com a confiança no pedido, pois ele é sempre pedido com e de outra coisa.

Muito se falou em psicanálise sobre este suposto fundamento da necessidade. Nos preocupamos bastante com a ordem das coisas necessárias, mas na verdade há uma ausência relativa de preocupação com o seu complemento: aquilo que é inicialmente contingente, não necessário, supérfluo. Com isso esquecemos que para os seres humanos o supérfluo é o essencial. Quatro observações para irmos rápido sobre esse ponto:

(a) Freud (1915/1988) notou que o amor era uma forma pulsional anômala, ele não estava sujeita apenas a duas oposições: amar e ser amado ou amar e odiar. Há ainda a terceira oposição entre amor e indiferença. Ora, o que é o

supérfluo senão aquilo que deveria, que se olharmos as coisas do ponto de vista da necessidade, ser indiferente.

(b) Winnicott (1975/1988) ao falar dos objetos transicionais sempre enfatizou que seu destino não é a integração simbólica junto ao eu, nem sua absorção a uma formação de caráter ou ainda a permanência residual como objeto ou representação recalcada. O destino do objeto transicional é a indiferença. Ele cai, é encostado ... se torna *supérfluo*.

(c) Melanie Klein (1957/1991) distingue muito criteriosamente a gratidão da culpa, da bondade e da reparação, a gratidão não é o retorno simétrico da gratificação recebida. A gratidão, como a própria palavra sugere vem de *grátis*, de gratuito (*gratuite*), expressando exatamente a idéia de *algo não necessário*.

(d) Lacan (1962/1986) introduz a idéia de objeto *a*, como causa do desejo e como concentrador de gozo afirmando de que ele é algo da ordem do inútil, preciosamente inútil para o sujeito.

Posso agora voltar à idéia de demanda *na* criança e *no* adolescente para distingui-la da demanda *da* criança ou da demanda *do* adolescente. Se, como apresentei anteriormente, nós não sabemos tudo o que pedimos quando pedimos há uma solução típica para este impasse. É a solução neurótica de imaginar que aquilo que nós não sabemos em nós, então quem saberá? Ora, é naturalmente o outro, é ele quem me dirá que meu pedido não é *supérfluo* e rejeitável, mas necessário e legítimo. Essa é a definição mais simples de neurose que eu conheço: imaginar que este pedacinho inútil do que eu peço, este pedacinho que me escapa, por mais que eu passe a maior parte de meu tempo repetindo, repetindo para formulá-la melhor, ora, este pedacinho faltante porque ele não poderia ser a demanda no outro? Afinal ele também passa a maior parte do tempo pedindo e se atrapalhando com o tal pedacinho fujão? Será que isso que eu pressinto me escapar não é justamente o que o outro está pedindo de mim? Todas as confusões começam e às vezes terminam aí. Ofereço ao outro o que agora sei (sem saber que sei) que ele está pedindo e recebo do outro o meu próprio pedido, mas que agora eu não posso reconhecer como meu. Impossível, não vai dar certo.

Mas de certa forma é o que está acontecendo com as novas demandas na clínica atual. Em vez de considerar que a tarefa dos pais é deixar que os filhos cresçam e não atrapalhar demais o percurso, pusemos na cabeça que as contingências *supérfluas* da existência de uma criança, as infinidades de coisas sem sentido ou sem motivo, improdutivas, como o brincar, estas coisas são agora redutíveis a uma forma qualquer de necessidade. Biopsicosocial, não tem nada que fica de fora, tudo tem o seu lugar rumo à integração total das necessidades básicas em um reino de harmonia. É por isso que o mandamento não é mais *honrarás* teu pai e tua mãe, mas *amarás* teu pai e tua mãe. Receita certa para o ódio. De repente as demandas *da* criança são substituídas, sem hesitação ou temor, pelas demandas *na* criança. Ou seja, demandas dos pais que se realizam como necessidades na criança. As crianças e principalmente os adolescentes sempre foram figuras que nos faziam lembrar a existência do *supérfluo*, a vida

de ócio e criação improdutiva. Mas agora além da neurose ocupacional, isso significa que a antiga realização narcísica dos ideais através da criança não é exatamente uma aposta na contingência, que por sua vez se transmitiria na forma de sonhos às gerações seguintes, mas uma obrigação, a obrigação de ser feliz, a obrigação de gozar tudo o que adulto não pode. E gozar necessariamente, vale dizer, com o supereu vivo e confiante. É toda a diferença em sonhar com uma criança perfeita e ter que ser uma criança perfeita.

Notem como os principais ícones da clínica infantil e também da adolescência respondem a esta forma de demanda *na*, em substituição a uma demanda *da*.

(a) a *hiperatividade* como devolução massiva, automática e desordenada da demanda a seu remetente. É como se em vez de formular demandas, a criança fosse possuída pelas demandas dos outros e funcionasse como um conjunto de pedidos que não se completam realmente como demandas no Outro.

(b) os *déficits de atenção* como dispersão e desfocamento, ou seja, aquilo mesmo que está na origem de toda demanda, ou seja, a possibilidade da recusa. Mas não é uma recusa há uma demanda propriamente articulada, mas a uma nuvem de pedidos.

(c) a *apatia* como forma radical de tentativa de formular uma demanda a partir de uma espécie de recusa genérica, de recusa sem pergunta específica, nem oferta singular.

(d) o *mutismo seletivo*, melhor exemplo da recusa que não alcança a produção de um objeto, pois é recusa daquilo mesmo que constitui a demanda sem segundo nível, a saber a sua colocação ou seu constrangimento em palavras. Não é mais preciso *saber pedir*, construir uma narrativa e negociar a ausência de saber sobre o que se pede. Há certeza de que afinal o que me oferecem é aquilo mesmo que eu quero... E somente isso.

(e) as *anorexias* infantis e adolescentes, outra forma de recusa, mas agora no nível da desconstrução da demanda do outro, da entrada corrosiva do supérfluo sobre o necessário.

Todas estas manifestações clínicas têm em comum a não subjetivação de uma demanda localizada na criança ou no adolescente. Ocorre que esta subjetivação é profundamente dependente do estatuto da imagem que a representa. Em todas estas situações a demanda se objetifica em uma imagem. São formações que frequentemente se localizam na passagem da infância para a adolescência. Seria importante entender como o estatuto da imagem se modifica neste momento para entender estas patologias da demanda.

2. A IMAGEM EM TRANSIÇÃO

Há um consenso relativo de que a adolescência, seja ela tardia ou antecipada, representa uma transformação da relação do sujeito com a imagem. Transformação que pode ser abrupta ou quase imperceptível, expressa na forma de uma crise das exteriorizações, mas também como uma crise introspectiva. Imagem que pode ser objeto de luto, quando se considera o corpo e a experiência

infantil, ou ainda objeto de novas identificações, quando se considera o grupo e as escolhas mais ou menos típicas do momento. Imagem que pode ser assumida ou derogada, destruída ou cultivada. Finalmente é preciso saber se esta transformação da relação do sujeito com a imagem supõe que já esteja ali um sujeito ou se esta é uma transformação constitutiva. Esse tem sido o cenário dos problemas discutidos pela psicanálise no quadro da adolescência. Mas em geral a discussão deixa por suposto que compreendemos efetivamente o que é uma imagem. Em uma época que se define tão extensamente pelas práticas de manipulação, apresentação e regulação da imagem de si e do outro, não parece grande dificuldade entender o que de fato dizemos quando falamos em sociedade do espetáculo ou sociedade das imagens. Substituir tais qualificativos pela noção de narcisismo não é necessariamente tão simples. O narcisismo não é o egoísmo e o egoísmo não é o individualismo. Uma imagem como fato de percepção não é o mesmo que uma imagem como um valor ou que uma imagem como experiência, ou ainda, que uma imagem como mensagem simbólica.

Essa diversidade de incidências da imagem se exemplifica nos temas recorrentemente mencionados quando se trata da adolescência:

(a) Há uma transformação do corpo que o habilita a certas práticas até então inéditas, principalmente em torno da sexualidade. Essa transformação é um fato perceptivo o que não quer dizer que esta percepção seja imediatamente assimilável pelo sujeito. Vale supor que estamos diante de uma experiência de ruptura do sentimento de unidade. Algo similar ao que Roger Callois chamou de *psicastenia legendária*, ou seja, a experiência na qual o sujeito sabe que está em um determinado lugar, mas não sente que está neste lugar no qual sabe que está. É uma experiência de deslocamento com relação a si, que por vezes se desdobra também na esfera do tempo. Pense nos quadros de anorexia, nos quais a pessoa não tem nenhum distúrbio da visão, ela vê seu corpo no espelho e sabe que ele está magro e esquelético, mas ao mesmo tempo ela o percebe subjetivamente e o sente efetivamente como gigantesco e deformado. Imagine a experiência do verdadeiro transexual, ou seja, aquele que se sente prisioneiro em um corpo que não é o seu, sente-se envolto por um corpo estranho no qual não se reconhece. São três exemplos que exageram a experiência mais trivial da adolescência do ponto de vista da percepção do corpo. O fenômeno é tão corriqueiro quanto a certeza de que todos na sala, e na verdade no mundo, estão de olhos fixos naquela sua espinha que aflorou no momento inadequadamente anterior à festa para a qual você se preparou tão zelosamente.

(b) Contudo é outra dimensão da imagem aquela que nos faz passar horas de trabalho desarrumando os cabelos para que eles pareçam "naturalmente" desgrehados ou que pode levar à loucura transitória e efetivamente ao crime motivado por um par de tênis. Aqui não se trata de percepção de uma unidade, mas de reconhecimento de identidade. A imagem possui aqui uma espécie de valor que não se pode medir, pois é por meio dela que encontramos um lugar e um endereço pelo qual podemos ser reconhecidos e, portanto, pelo qual nosso valor poderá ser julgado. A adolescência parece reviver, de modo condensado e errático, toda a história da civilização ocidental no que diz respeito ao fascínio

e horror com relação à imagem: as guerras santas em torno da possibilidade de representar a divindade em imagem, o romance moral sobre as figuras traiçoeiras e sedutoras atrás das quais o mal se esconde na imagem, a meditação filosófica acerca da verdade que se opõe às aparências e ilusões, as intermináveis contendas estéticas em torno do belo e do grotesco, a querela econômica sobre o luxo, o supérfluo e a importância da imagem para a cobiça e produtividade humana. Nesta reedição resumida das controvérsias históricas acerca do valor da imagem a adolescência investiga como a imagem pode atuar como uma espécie de índice pelo qual se pode reconhecer o desejo de alguém.

(c) Em meio a esta investigação encontramos uma terceira função da imagem. A imagem como experiência de prazer. Além de possuir um valor, ainda enigmático, e se apresentar em uma percepção, a imagem é fonte de uma nova forma de satisfação. Satisfação dividida entre ser e ter uma imagem. Satisfação paradoxal, pois denuncia a precariedade das satisfações humanas, seu caráter fugidio e profundamente incerto. Aqui a adolescência descobre um fato dramático da experiência humana: nela toda satisfação possível depende de uma fantasia. Sem a fantasia o desejo seria apenas angústia e sem a fantasia é possível prazer, mas não a satisfação. Intuitivamente a fantasia nos aparece como uma espécie de filme íntimo, roteiro secreto que encadeia nossas aspirações e ideais. Também intuitivamente nos sentimos livres no espaço da fantasia. Isso é apenas parcialmente verdadeiro. Olhando de perto verificamos que diante do amplo e aparentemente inesgotável espectro de formações de fantasia possíveis, na prática as fantasias individuais são extremamente monótonas e repetitivas. Nosso roteiro, virtualmente ordenado, visto com mais atenção, não passam de imagens meio soltas que misturam lembranças e virtualidades. Com exceção dos artistas e criativos geniosos fazemos muito pouco com nossas fantasias, elas são sempre meio decepcionantes quando se realizam e os cenários nos quais elas se desenvolvem são tão pobres quanto os limites da pornografia, aliás, convenhamos, gênero tão eficaz em seus propósitos quanto enfadonho em seus meios. Contudo a imagem que funciona na fantasia não é a imagem percebida, mas a imagem imaginada, ou seja, uma experiência que é ao mesmo tempo motriz, sensorial e de afeto. Suas propriedades não são as mesmas de forma, cor e textura tal qual nosso olho percebe, mas, muitas vezes, apenas restos dispersos destas mesmas propriedades. Como no caso dos neurônios espelhos, quando vemos alguém executar um movimento, a mesma área de nosso cérebro responsável por este movimento é ativada: *sem que estejamos fazendo o mesmo movimento*. É o que Freud chamou de mímica dos afetos. Ou seja, é possível que esta reativação em espelho apenas excite a área correspondente, mas não organize um movimento com forma e ordenação similar ao que efetivamente presenciamos. A função da imagem, como fonte de satisfação na fantasia, é objeto de um trabalho de construção específico na adolescência. É preciso reeditar as fantasias infantis de tal forma a que elas se ajustem às novas possibilidades oferecidas pelo corpo do adolescente.

(d) A quarta incidência da imagem na adolescência diz respeito à relação que o sujeito manterá com relação a ela no sentido da indução metafórica e nomeadora. No conto *O Espelho* de Machado de Assis (1882/1994) encontra-

mos um adolescente que é nomeado alferes do exército. Vestido com sua garbosa farda ele vai visitar sua tia no interior do Rio de Janeiro. Lá ele é recebido com toda pompa e circunstância, afinal agora ele é alguém, ele é um alferes. Ele começa a notar estranhas transformações em si mesmo: sua fala se torna mais adulta, seus gostos insinuam transformações, o modo como trata os subalternos se altera substancialmente. Mas eis que a tia e sua comitiva retiram-se por algum tempo da fazenda e ele fica só com os escravos. Aqui começam os problemas, os escravos continuam sua faina de trabalho e nada lhe falta para a subsistência. Mesmo assim falta alguma coisa. Não é a solidão, pois estes lhe fazem companhia. Ocorre que os escravos, ocupados que estão com seus afazeres, têm muito pouco a dizer sobre sua nova e nobre condição de alferes. Eles não lhe despendem um reconhecimento especial, agora ele voltara a ser apenas o sobrinho da tia. Segue-se uma perturbadora seqüência de angústia, pesadelos, tristeza e até mesmo fenômenos de estranhamento do corpo e do espaço no qual ele está. Finalmente ele resolve o problema. Veste-se com a tal farda e posta-se diante do espelho, recuperando assim o viço e a satisfação de si. O conto exemplifica o quarto aspecto da relação do adolescente com a imagem. O sujeito se transforma quando ele *assume* uma imagem. Assume é a palavra chave, pois não basta que ele fosse nomeado alferes (como, por exemplo, se seguisse meramente uma ordem dos pais para ter uma carreira viável) sua transformação depende do ato de assumir, de subjetivar uma imagem. Ora este ato é em si um ato sumamente simbólico, é um gesto psíquico pelo qual alguém pode dizer: agora sou isso. Mas como todo ato simbólico ele precisa ser sancionado pelo outro. É o papel da tia. Aqui surge um problema adicional. Observe-se que os dois personagens da trama são figuras frágeis do ponto de vista do reconhecimento que podem conferir ao jovem alferes. Por trás das medidas da tia ele sempre poderá escutar o sussurro de uma voz a dizer - no fundo é apenas minha velha tia batendo palmas como faz sempre para qualquer travessura que eu invente. Inversamente os escravos não são figuras que o próprio alferes reconheça como fonte potencial de reconhecimento - afinal o que sabem eles sobre o exército? Que importa se o patrão é mais ou menos poderoso? Aqui está o truque de difícil compreensão para ao adolescente: ao assumir uma imagem, o sujeito assume junto (e sem saber de toda extensão) os lugares para os quais esta imagem pode ser reconhecida como dotada de valor. Em outras palavras, ao assumir uma imagem não podemos prever as perspectivas pelas quais esta imagem irá realmente se formar como uma imagem para o outro. Mas mesmo sem saber da extensão da aplicação da imagem nós potencialmente reconhecemos alguém que poderá reconhecer esta imagem como tal, como a imagem que nos representa. Portanto, ao assumir uma imagem nos lançamos em uma transformação da qual não somos mais soberanos, que sai de nossas mãos, pois esquecemos que assumir é necessariamente pré-reconhecer. Daí que o adolescente seja lançado em uma inflação e um apelo por mais reconhecimento e ao mesmo tempo em uma revolta e confrontação com esta própria tirania da lógica do reconhecimento. No fundo ela é sentida como injusta, afinal porque não bastaria "ser o que se é" para assim ser reconhecido pelos nossos próprios termos? É a solução, nada alvissareira, representada pelo jovem alferes, postado diante do espelho, agarrado à sua farda. Ocorre que a farda jamais poderá reconhecê-lo.

Vimos assim como a transformação que se verifica no adolescente quando ele assume uma imagem, é uma espécie de síntese da própria adolescência e esta pode ser redefinida como uma reedição do estádio do espelho como formador da função do sujeito em psicanálise (LACAN, 1938/1988). Vejamos agora como este estatuto quádruplo da imagem se organiza nos três momentos que caracterizam a adolescência: o fim da infância, a adolescência propriamente dita e o fim da adolescência. É preciso entender estas três configurações não como momentos necessariamente sucessivos, mas como complexos de problemas, como montagens distintas da imagem adolescente. Neste sentido, o fim da adolescência pode vir muito antes que se possa viver o fim da infância e a adolescência propriamente dita, pode vir muito depois de seu próprio fim. Entendamos estas três configurações como colagens distintas para problemas que no fundo não redundam em soluções superadoras, mas em reorganizações ou passagens. Por exemplo, é comum que uma mãe que veja seus filhos partirem de casa, reutilize as estratégias que empregou para lidar com seu próprio fim de infância, ou que alguém diante da morte se veja recuperando as mesmas táticas que empregou no fim de sua adolescência. Também é freqüente que após uma separação alguém retome as mesmas práticas e tormentos da adolescência propriamente dita, mesmo tendo passado por seu fim. Como veremos cada uma destas posições não implica a abolição das anteriores, pois o fim da adolescência é apenas uma maneira de localizar o fim da infância e o fim da infância é impensável sem uma distribuição de posições quanto aos temas da adolescência propriamente dita e do fim da adolescência.

3. A DEMANDA E IMAGEM

Em seu artigo seminal sobre o estádio do espelho Lacan (1938/1988) apoia-se nos estudos de Henry Wallon que descrevem, entre 6 e 18 meses de idade uma transformação do estatuto da imagem. No primeiro momento a criança toma a imagem como outro, inclusive a imagem de partes de seu próprio corpo, como a sua mão. Esta relação é contemporânea do que Spitz descreveu como emergência do primeiro gesto semântico, ou seja, o "não". No segundo momento da relação com a imagem ocorre uma indeterminação da relação entre o eu e a imagem, que caracteriza os fenômenos de transativismo e estranhamento (*Unheimlich*). O terceiro momento está marcado pela assunção da imagem, ou apropriação da imagem como um signo simbólico que representa o eu. Neste terceiro tempo ocorre a vivência gestáltica de satisfação, o "*aha Erlebnis*", que se apresenta nos jogo de alternância. Ou seja, primeiro a imagem é subjetivada entre o real e o imaginário, depois entre o simbólico e o imaginário e finalmente entre o simbólico e o real. Ora, geralmente se lê o estádio do espelho como teoria sobre a formação do eu e do estabelecimento das primeiras relações de alteridade. No entanto seria possível ver, igualmente no estádio do espelho, uma concepção sobre a montagem da demanda?

Podemos ler o estádio do espelho com a emergência de uma determinada posição da demanda diante do Outro, como momento primitivo do constrangimento a que a necessidade seja aparelhada pelo significante, para encontrar assim seu lugar na economia pulsional do sujeito. Desta maneira o estádio do

espelho é uma narrativa sobre uma separação ou cessão do objeto a. É a tese de que o desejo é um efeito da não equiparação, para mais ou para menos, entre demanda e necessidade (LACAN, 1958/1999). Este processo de reviramento entre demanda e desejo Lacan pensou com um segundo modelo, conhecido como modelo dos toros entrelaçados (LACAN, 1962/1986). Neste caso se trata de fazer passar aquilo que é demanda na mãe para a posição de desejo no sujeito, e aquilo que é demanda no sujeito ao que faz demanda na mãe. Ocorre que este emparceiramento deixa dois pontos inconcluídos, o sujeito, como lugar da volta da demanda que não é contata (subjetivada) e o objeto a como ponto de difração da demanda em seu retorno sobre si mesmo.

O terceiro modelo sobre a demanda em Lacan aparecerá em 1971, quando esta é fixada em quatro tempos: *eu te peço, que você recuse, o que te ofereço, porque não é isso*. Temos então a posição quadripartida que pretendemos integrar à relação com a imagem na adolescência: a função de negação que simboliza o objeto entre ausência e presença (*não é isso*), a de dom do objeto que articula a demanda à dialética amorosa (*o que te ofereço*), a que mantém a unidade à demanda ao signo-imagem que a representa (*te peço*) e a que confere identidade a demanda, pelo consentimento e reconhecimento do Ouro (*que você recuse*) (LACAN, 1971/1999).

Seria possível descrever a adolescência como articulação dos três tipos de relação com a imagem com os quatro tempos da demanda?

4. O FIM DA INFÂNCIA

O fim da infância é também o esgotamento de uma imagem. A imagem, construída retrospectivamente pela criança, do filho que seus pais um dia desejaram. Tal imagem não é apenas a expressão da saúde e da boa aventura, mas uma espécie de complemento. Um par simétrico que serve à função de satisfação para os pais e de organização do valor para a criança. Todavia, principalmente no fim da infância, estas duas funções da imagem: a satisfação e o valor entram em oposição. Até então, reunidas sobre uma mesma figura, a criança inferia seu valor como imagem pela satisfação ou insatisfação dos pais ou para suas extensões simbólicas. Uma imagem pode representar esta situação: a criança sobe ao alto de um brinquedo e chama seus pais sentados no banco do parque - "*Olha eu aqui!*". Em geral os pais respondem com um olhar híbrido que diz "*Muito bem!... mas cuidado para não cair.*" Ou seja, na criança a satisfação da conquista recebe seu valor da sanção da mãe. É uma reedição do antigo olhar que a criança que engatinha recebe de sua mãe quando está próxima de um certo limite. Depois de explorar os arredores ela para, e recolhe este olhar - *ir em frente ou voltar?*

Compare-se esta situação com o momento em que diante de um tombo deste brinquedo, em meio ao choro e ao consolo a mesma mãe dirá o terrível: "*Eu bem que avisei!*". Mas há outra possibilidade, depois na enésima vez em que o tal brinquedo é escalado não há mais olhar algum senão aquele que lembra a graça que esta operação um dia teve. Indiferença. Essa indiferença é crucial para a criança crescer, mas ela é também o início do fim, o início do luto pela satisfa-

ção que um dia se obteve neste jogo. No limite uma passagem para a lembrança e a deflação de uma imagem.

Em regra geral isso significa que a suposição de um amor incondicional, ou melhor, um amor que lhe é dedicado pelo que se é e não pelo que se *faz* ou pelo que se *tem*, é substituída por um amor condicional. Portanto o fim da infância se caracteriza pela tensão entre a *demanda na criança* e o surgimento de um fato novo: a *demanda do adolescente*. Em outras palavras, subo no brinquedo, mas agora me pergunto: o que quero com isso mais além de minha própria conquista e de uma bela imagem formada nos olhos dos pais? Ressurge aqui, de forma radical, uma antiga questão que remete à gramática do pedir.

Por exemplo, o grito de fome não é o grito de dor que não é o grito de desamparo, mas em todos eles reconhecemos uma espécie de fundamento, de urgência e de convocação. Esta *necessidade* é sempre uma suposição julgada por quem recebe o grito. Afinal é a mãe que decide qual é o caso e principalmente... Se há um caso. Essa decisão da mãe, ou do outro como figura prestativa, como diria Freud, é o que faz com que o pedido se complete em demanda. Ela supõe que o filho chore de dor e lhe dá o remédio ou que ele chore de fome e lhe dá o peito ou ainda que ele chore de *manha* e neste caso entramos no segundo grupo de pedidos, o dos pedidos supérfluos. É certo que esta decisão é sempre difícil, por traz do supérfluo pode haver sempre uma necessidade escondida e pior, que neste caso não será reconhecida. Podemos caracterizar a infância, deste ponto de vista como a prática do reconhecimento, sanção e construção de demandas.

Mas ao não ser reconhecida nem como necessária nem como improcedente uma demanda entra em um caso intermediário, o grupo formado pelo grande equivalente geral dos pedidos, ou seja, o caso do amor. Podíamos pensar no amor desta forma muito pouco romântica, uma espécie de reservatório de pedidos sem destino, de pedidos extraviados, nem deferidos nem indeferidos. Um reservatório formado por imagens à procura de um valor e de satisfações à procura de uma imagem.

É por isso que o amor funciona como uma espécie de zona transicional entre a necessidade e a contingência. É a necessidade mais supérflua e ao mesmo tempo a coisa supérflua mais absolutamente necessária. O problema aqui é que quando estamos na ordem do necessário há um saber sabido em curso. É necessário porque *eu sei*, porque eu reconheço que é assim. No caso do não necessário as coisas se passam de outra maneira, há um saber insabido. O drama (ou a tragédia) do ser - e ele é particularmente agudo no fim da infância - é que há sempre um insabido à espreita de cada demanda, assim como há um insabido por trás da imagem. Ou seja, a demanda é inconsciente, ela é desejo feito objeto, no inconsciente. Até aqui a função da imagem conciliava valor e satisfação em uma estabilidade relativa quanto ao que se espera em um pedido e principalmente na forma de fazê-lo. Uma pedrinha recolhida na rua se torna um grande presente para os pais, porque eles interpretam esta oferta como um ato de amor. Mas nem todos os outros o fariam da mesma forma, pois nem para todos os outros é a mesma imagem inconsciente que funciona como articular do

laço da demanda amorosa com o desejo inconsciente.

Esta crise entre a o valor e satisfação se anuncia no que alguns chamam de crise dos oito anos. Historicamente há um enigma psicológico em torno dos oito anos, as escalas e testes nunca funcionam muito bem para esta idade, a diversidade de reações cognitivas, afetivas e atitudinais é tão grande que não se pode estabelecer uma regularidade. Mas sabe-se que algo acontece. A criança pode oscilar seu humor, trazer súbitos problemas de aprendizagem, focar introspectiva ou ainda sofrer quedas e pequenos acidentes antes não tão freqüentes. É possível que a criança entre em uma espécie de crise de satisfação. Não é que lhe falem objetos ou meios, mas aquilo que antes era tão certa fonte de prazer, torna-se agora, inexplicavelmente, insatisfatório. E quanto mais insumos os pais acrescentam para sanar o problema, pior parece o estado da criança. Em suma uma gramática da satisfação perdeu seu valor. Há uma crise da própria satisfação também chamada de crise de gozo. O gozo é uma noção psicanalítica que se ilustra na idéia de um prazer que é ao mesmo tempo sofrimento e de um sofrimento que é ao mesmo tempo prazeroso. Ou seja, uma satisfação fora da ordem.

Que os pais soubessem que o pedido não é a demanda, não é o mesmo que a criança realize isso. É possível que a crise dos oito anos seja uma crise em torno da descoberta de que não sabemos bem o que pedimos naquilo mesmo que pedimos e que ela exprima com seus gestos um tanto incoerentes algo como: *"te peço que recuses o que eu te ofereço, pois não é isso."* Quando a criança assume esta questão, e não apenas a prática como a criança, acabou-se a infância - começa um desejo Outro.

5. A ADOLESCÊNCIA PROPRIAMENTE DITA

Se o fim da infância se marca pelo desequilíbrio nas relações entre o valor e a satisfação que se organizam em uma demanda, a adolescência propriamente dita é uma solução provisória para este problema. Agora o reconhecimento da demanda torna-se um modo de relação problemático. Por causa disso os antigos cuidados e práticas amorosas são sentidos agora como invasões intrusivas, toda ajuda "compreensiva" tem marcada em sua frente o sinal diminutivo e perigoso: "criança". Nada de carinhos na frente dos amigos, os apelidos domésticos tornam-se o que são - domésticos. O luto do fim da infância dá a luz àquilo que é o fundamento de toda demanda: a recusa. A gramática relacional do reconhecimento de demandas se inverte em uma furiosa demanda de reconhecimento. Mas por quem? De que forma?

Freud notou que o amor era uma forma pulsional anômala. Ele não está sujeito apenas a duas oposições: amar e ser amado, ativo passivo. Além dessa há no amor duas outras oposições: entre amor e ódio e entre amor e indiferença. A adolescência propriamente dita se caracteriza pela exploração desta tripla gramática. Saindo da posição virtualmente passiva em que se trata de fazer-se amar pelos pais o adolescente tem à sua frente a difícil tarefa de amar. Amar um objeto indeterminado. Escolher alguém ou algo (uma profissão, um projeto, um contexto) pelo qual será possível então ser amado... Mas de uma nova maneira.

Winnicott (1975) ao falar dos objetos transicionais (aquele paninho que a criança carrega para todo lado e não dorme sem ele) sempre enfatizou que seu destino não é a integração simbólica junto ao eu, nem sua absorção a uma formação de caráter ou ainda a permanência residual como objeto ou representação recalcada. O destino do objeto transicional é a indiferença. Ele cai, é encostado, torna-se supérfluo. É também esta a sensação adolescente de inutilidade, vacuidade, indiferença do mundo para si e de si para o mundo.

Melanie Klein (1957/1991) distingue muito criteriosamente a gratidão da culpa, da bondade e da reparação. A gratidão não é o retorno simétrico da gratificação recebida, não é a devolução da demanda ao seu requisitante. A gratidão, como a própria palavra sugere vem de grátis, de gratuito (*gratuite*), expressando exatamente a idéia de algo *não necessário*. Não é por acaso que na adolescência vigore uma alternância entre o sentimento de ingratidão, que o mundo nos dispensa injustamente, e de profunda gratidão antecipada pela liberdade que se avizinha. Daí que uma mesma imagem seja reversamente fonte de amor e no dia seguinte de ódio. A ciranda dos amigos preferidos e odiados. O turbilhão do namoro adolescente. A oscilação se explica pela gramática da unidade e da fragmentação da imagem. A imagem que amo no outro é a devolução de minha própria imagem um dia demandada aos pais. Mas, além disso, há um pouco mais. Qualquer pequeno defeito a destrói, desfoca ou desfigura, com seu inevitável efeito agressivo.

Lacan (1962/1986) introduz a ideia de objeto a, como causa do desejo e como concentrador de gozo, afirmando de que ele é algo da ordem do inútil, preciosamente inútil para o sujeito. Ora, este objeto insinua-se para o adolescente como resposta à sua indagação sobre a demanda. O objeto a, se caracteriza pela impossibilidade de se colocado ou representado na forma de uma imagem. Ele é o brilho, o elemento a mais que torna a imagem uma imagem desejável, estranha ou assustadora, mas de toda forma não indiferente. Se o fim da infância se caracteriza por uma crise entre satisfação e valor, a adolescência propriamente dita é uma crise de reconhecimento. O paradoxo do reconhecimento, que é a forma assumida pela demanda neste momento, é que se trata de um ensejo de reconhecimento, mas que não deve ser ao mesmo tempo apenas reconhecimento de uma imagem. É por isso que o adolescente está em guerra permanente com sua imagem, pois ele depende dela para dizer que não é da imagem que se trata. Daí que um elogio possa ser sentido como uma ofensa e que uma declaração amorosa se torne tarefa quase impossível. Ambas as situações em que a imagem mostra claramente sua distância com relação ao objeto que ela deveria representar. É preciso dizer os dotes da amada, louvar seus divinos olhos e acentuar sua beleza "interior", ocorre que toda vez que isso ganha uma imagem, parece se tratar de outra coisa. Algo que é sentido pelo adolescente como indescritível, daí seu gosto espontâneo pela poesia.

A precariedade e fascínio despertado pela imagem adolescente, apesar das aparências, representam uma verdadeira recusa da confiança na imagem. É geralmente o olhar do adulto, que vê na fascinação por marcas, estilos e objetos uma verdadeira alienação na imagem. Sua crítica a isso costuma ser apenas uma

maneira de livrar-se do desejo que tais imagens nele evocam. Mas se olharmos mais de perto, veremos quão transitórias são tais adesões adolescentes. Seria mais justo dizer que o reconhecimento propiciado por uma imagem, que faz ligação a um grupo ou forma de vida específica, geralmente está a serviço da enunciação coletiva de uma demanda de reconhecimento. Uma demanda similar a que se instaura quando alguém está em estado de viajante, de alguém que vive uma experiência semelhante à daquele que imigra de um o lugar para outro e depois de algum tempo não se sente pertencendo mais, integralmente, a nenhum deles. Nesta situação é muito comum que grupos se reúnam em torno da cultura nativa e continuem a cultivá-la, a expensas de suas transformações no país de origem. É uma maneira de dizer ao passado - *ainda estamos aqui e somos como vocês* - nos reconheçam, por favor.

6. O FIM DA ADOLESCÊNCIA

Se de fato nossa cultura se tornou uma cultura adolescente, ou seja, que se organiza em torno dos temas e problemas da adolescência não como uma fase da vida, mas como um conjunto de valores, fica no ar a pergunta: como nos curamos disso? Quando isso acaba? Quando afinal encontramos a imagem que estabiliza nossa demanda de reconhecimento e serve de referência satisfatória para o valor de nossa própria percepção? Colocada nestes termos a adolescência é interminável. No entanto há uma forma de reduzir o problema, de deixar este conjunto de crises em torno da imagem neste estado de latência pelo qual reconhecemos que alguém se tornou adulto. Para os romanos isso só acontecia realmente, no sentido jurídico e político, quando o pai vinha a falecer. Ou seja, quando de fato nos encontramos em uma situação sem recursos para retornar da demanda de reconhecimento para o reconhecimento da demanda. Se a solução dos antigos nos parece hoje mais alegórica do que real, ela exprime um grão de verdade. O fim da adolescência é também um luto, não mais da criança que um dia teria sido desejada pelos pais, mas um luto da família como modo de laço social. Ou seja, a assunção de que o reconhecimento real é aquele vem do outro, do estrangeiro, daquele que se define como não familiar. Seja pelo trabalho, pelo saber ou pelo desejo, o fim da adolescência representa uma transmutação da demanda de reconhecimento por meio da imagem. Não é a sua extinção, mas a sua incorporação a um sistema de distribuição no qual a imagem possui, sobretudo, um valor simbólico.

No filme *Beleza Americana* (1999), um pacato e decepcionado pai de família tem sua vida transformada pelo encontro com a amiga de sua filha adolescente. Ele decide então pedir demissão e retornar às imagens de sua própria adolescência: maconha, o carro Mustang, a musculação e até mesmo o trabalho juvenil em uma lanchonete. Ele sente-se feliz, mas a fruição retrospectiva de sua adolescência tem um fim quando ele se vê prestes a consumir o encontro sexual com a amiga de sua filha. Neste instante ele recua, pois parece saber que o valor simbólico da imagem depende de sua distância em relação ao real. Não é que lhe falte libido, mas ele reconhece na jovem adolescente o próprio engodo da demanda de reconhecimento. Ele lê nos olhos da menina a presença de si mesmo... Como outro. As micagens adolescentes que ele exercita e revive são ainda

profundamente diferentes da prática verdadeira da adolescência, pois não exprimem o que lhe é essencial, ou seja, a demanda de reconhecimento. Quando se diz que os adultos de nossa época comportam-se cada vez mais como adolescentes há um equívoco forte na aproximação. Não é o mesmo laço de amizade e em geral compreende um tipo de egoísmo ressentido ausente no verdadeiro adolescente. O retorno às imagens adolescentes não é o mesmo que o retorno ao modo de relação adolescente com as imagens.

Muitas vezes se vê o final da adolescência descrito como um momento de renúncia, como se implicasse o reconhecimento de que a festa acabou. Mas isso nos faz esquecer como a adolescência fora muito mais terrível do que podemos lembrar. Ora, talvez seja esta possibilidade de viver com a adolescência e não viver a adolescência que caracterize seu fim. Como se a adolescência fosse este trabalho mesmo de produção de uma imagem para ser lembrada, nos piores e melhores momentos do que virá. Uma espécie de reservatório de esperanças e ideais que é preciso carregar consigo como uma espécie de equipamento para a vida. Mas a única possibilidade de levar isso na viagem que se seguirá é transformando tais imagens de sua forma atual para sua forma simbólica. Caso contrário, as bagagens ocuparão tanto espaço que passaremos a maior parte do tempo a cuidar delas em vez de usufruir do percurso. Uma pequena história do folclore alemão nos ajuda a entender o processo. Hans sai de casa para aprender o ofício de ferreiro. Seu mestre ao recebê-lo diz que ele passará algum tempo até que consiga aprender o que precisa, mas que ao final receberá o peso de sua cabeça em ouro como recompensa - uma bela imagem da ligação entre o valor e o reconhecimento. É assim que depois de alguns anos o adolescente termina sua tarefa e recebe o prêmio prometido e ambicionado. Mas agora, sem ter para onde ir, ele começa a vagar rumo à sua antiga casa - uma bela imagem para a formação de uma nova família. No caminho vai fazendo trocas desvantajosas com o dinheiro que conseguiu. São trocas comercialmente ruins, mas lhe propiciam experiências ricas e transformadoras. Chega assim ao final de seu trajeto com uma única moeda de ouro. Encontra na chegada de sua casa o velho poço, no qual atira a última moeda e faz um desejo. Termina assim sua jornada adolescente, pobre, mas feliz. É o fim de sua adolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, M. O Espelho. In _____. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, v.2. (Obra originalmente escrita em 1882).

FREUD, S. Pulsões e suas vicissitudes. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v.14, p105-135. (Obra originalmente escrita em 1915).

KLEIN, M. Inveja e gratidão. In _____. **Inveja e Gratidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p.205-267. (Obra originalmente escrita em 1957).

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do sujeito [Je] tal como nos revela a experiência psicanalítica. In _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. (Obra originalmente escrita em 1938).

LACAN, J. **O Seminário livro V- As Formações do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Obra originalmente escrita em 1958).

ARTIGO

LACAN, J. **O Seminário livro IX A Identificação**. Tradução Centro de Estudos Freudianos do Recife, 1986. (Obra originalmente escrita em 1962).

LACAN, J. **O Seminário livro IXX... Ou pior**. Tradução Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 1999. (Obra originalmente escrita em 1971).

WINNICOTT, D.W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. (Obra originalmente escrita em 1975).

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL

Beleza Americana (PT/BR) (American Beauty). Estados Unidos, 1999, direção de Sam Mendes.

FELICIDAD, SUFRIMIENTO, REALIDAD

HAPPINESS, SUFFERING, REALITY

Hugo Lerner¹

Resumo: O trabalho considera a constituição subjetiva não somente derivada do pulsional, mas também da cultura e do contexto sócio-histórico no qual está inscrito o sujeito, resulta inevitável pensar que a política, a economia, os fatos históricos-sociais e suas vicissitudes impactam fortemente e até com violência às pessoas. Portanto, o sofrimento do sujeito se encontra inexoravelmente relacionado com seu entorno. A Psicanálise está claramente entramada com os sofrimentos atuais e estes se encontram imbricados com o contexto social.

Palavras-chave: Psicanálise, Sofrimento, Contexto Sócio-Histórico.

Abstract: This article is considered the subjective constitution not only derived from instinctual, but also the cultural and socio-historical context in which the subject is enrolled, it is inevitable to think that politics, the economy, the social-historical facts and their vicissitudes strongly impact even with violence to people. So the human suffering is inextricably linked to its surroundings. Psychoanalysis is clearly linked with present sufferings and these are interwoven with the social context.

Keywords: Psychoanalysis, Suffering, Socio-Historical Contest.

¹Médico Psiquiatra y Psicoanalista. Vicepresidente de la Fundación para el Estudio de la Depresión (FUNDEP). Miembro titular y analista didacta de la Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires (APDEBA). Autor y Compilador del libro: "Psicoanálisis: cambios y permanencias" (2003). Coautor de: "Adolescencias: Trayectorias Turbulentas" (2006). Autor y compilador de "Organizaciones Fronterizas - Fronteras del Psicoanálisis" (2007). Autor y compilador de "Los Sufrimientos" (En prensa). lernerhugo@gmail.com

"Hasta ahora, nuestra indagación de la felicidad no nos ha enseñado mucho que no sea consabido. La perspectiva de averiguar algo nuevo no parece muy grande ni aún si la continuáramos preguntando por qué es tan difícil para los seres humanos conseguir la dicha. Ya dimos la respuesta cuando señalamos las tres fuentes de que proviene nuestro pesar: la hiperpotencia de la naturaleza, la fragilidad de nuestro cuerpo y la insuficiencia de las normas que regulan los vínculos recíprocos entre los hombres en la familia, el estado y la sociedad. [...] Es cierto que no podemos suprimir todo padecimiento, pero si mucho de él, y mitigar otra parte; una experiencia milenaria nos convence de esto. Diversa es nuestra conducta frente a la tercera fuente de sufrimiento, la social. [...]"

"Se descubrió que el ser humano se vuelve neurótico porque no puede soportar la medida de frustración que la sociedad le impone en aras de sus ideales culturales, y de ahí se concluyó que suprimir esas exigencias o disminuirlas en mucho significaría un regreso a posibilidades de dicha". (FREUD, 1930/1988, p.85-86)

Siempre que comienzo un escrito recurro a Freud. No es ninguna novedad, dirán ustedes mientras leen este escrito y probablemente piensen que es lo usual o esperable en un "psicoanalista correcto".

Este modo de iniciar una travesía siempre me resulta útil para situarme en un territorio, un punto de partida, y a partir de allí circular por caminos diferentes de los que Freud ha transitado, varios de ellos con más detenimiento; a otros apenas los ha esbozado o no ha tenido tiempo para recorrerlos.

Entonces, casi siempre el embrión de un escrito mío se encuentra en la fidelidad a una herencia - en general, la de Freud- pero, como afirmó Bleichmar (2006, p.11), "con la necesaria combinación entre la filiación -que siempre se establece sobre la base del amor- y la capacidad crítica -que no implica destrucción sino desconstrucción-". Después devendré o procuraré ser "infiel", en el sentido de no ser "talmúdico" y así poder desarrollar las ideas de un modo que integre mis diferentes lecturas y mi trayectoria clínica.

Veamos: Freud (1895/1988) nos alertó de que el objetivo del análisis tendría que ser transformar la miseria histórica en un infortunio corriente, o si se prefiere, en la infelicidad común.

También nos señaló tres causas principales del sufrimiento del ser humano: 1) problemas o limitaciones físicas; 2) catástrofes naturales; y 3) nuestras relaciones con otros seres humanos.

Desde tres lados amenaza el sufrimiento; desde el cuerpo propio, que, destinado a la ruina y a la disolución, no puede prescindir del dolor y la angustia como señales de alarma; desde el mundo exterior, que puede abatir sus furias sobre nosotros con fuerzas hiperpotentes, despiadadas, destructoras; por fin, desde los vínculos con otros seres humanos" (FREUD, 1930/1988, p. 76).

Infelicidad (en alemán *Unglück*), significa "infortunio", que es la palabra que empleó Freud (1895/1988) en Estudios sobre la histeria, mientras que felicidad es en alemán (*Glück*) sinónimo de fortuna o buena suerte. Se dice que somos afortunados o tenemos buena suerte cuando las cosas transcurren como nosotros aspiramos a que lo hagan.

La felicidad ¿obedece en parte a las circunstancias externas? En caso de que así fuese, siempre nos hallaremos a merced de los otros para conquistarla. Esta es una explicación que ha habitado frecuentemente la literatura clásica. Incluso podemos inferir de lo citado antes que también en Freud se vislumbra una posición por momentos semejante.

La infelicidad, el sufrimiento, ¿devendrán entonces cuando las cosas no transcurren como nosotros deseamos? ¿También en estos casos estamos sometidos a los acontecimientos externos?

En parte la respuesta puede ser afirmativa, sin que ello implique dejar de lado, al ocuparnos de su génesis, las fuerzas pulsionales, la conflictiva edípica,

los traumas tempranos mal elaborados, etc.

Pero si retornamos a Freud para apoyarnos en esta línea que quiero desplegar, volveremos a interrogarnos acerca del lugar que ocupan los otros, la cultura en general, en facilitar o no la posibilidad de arribar a los "mares tranquilos y mansos de la felicidad" o a los "océanos tormentosos del sufrimiento".

Freud (1930/1988) afirmó que la vida resulta muchas veces demasiado pesada, que puede destinarlos grandes sufrimientos y desilusiones, y que para sobrellevarlos no podremos hacerlo sin paliativos. También nos alertó acerca de que para esta faena hay tres variedades de recursos: "poderosas distracciones que nos hagan valuar en poco nuestra miseria; satisfacciones sustitutivas, que la reduzcan, y sustancias embriagadoras que nos vuelvan insensibles a ella". (FREUD, 1930/1988, p. 76-77)

Siempre sagaz y adelantado a su tiempo, aseveró que bajo la influencia de tales riesgos de sufrimiento, el ser humano reduce sus deseos de felicidad y que el principio del placer se transmuta, por influjo del mundo exterior, en el más moderado principio de realidad. Continúa diciendo que no es sorprendente que el sujeto humano se considere feliz por el simple hecho de haber eludido la desgracia, de haber resistido el sufrimiento, y que con la finalidad de evitar el sufrimiento, frecuentemente relegue a segundo plano la búsqueda del placer.

Si seguimos esta línea de pensamiento, parecería que sufrir, estar atravesado por cierto grado de infelicidad, es inevitable, aunque ciertos sectores de la sociedad actual pretendan imponer un modo light y feliz a ultranza de instalarse en la realidad, lo que yo llamo la "juventud Cinzano" o "la juventud Quilmes" en función de lo que estas publicidades muestran como "ideal": jóvenes alegres, despreocupados, sin problemas económicos, todos hermosos y esbeltos, en lugares paradisíacos como el Caribe o las montañas nevadas donde se practica esquí, y con el placer al alcance de todos.

¡Qué alejados quedan de este modelo aquellos sujetos sumergidos en la problemática de la subsistencia! En ellos el ideal, el proyecto de vida, inmensamente apartado de estos escenarios, está mucho más asociado a satisfacer necesidades básicas y no a lo que esas publicidades intentan mostrar. En todo caso, el alcohol en ellos es más un anestésico que un estimulante.

No obstante, si sigo en la trayectoria que antes emprendí, parecería que tanto en las clases sumergidas como en las "juventudes Cinzano" la inevitabilidad del sufrir es una constante. Con la salvedad de que en las clases sociales empobrecidas y alejadas del mercado de consumo el sufrir está más encarnado en la falta de satisfacción de las necesidades básicas: salud, alimentación y vivienda.

En los que, en cambio, tienen sus necesidades básicas satisfechas deberemos buscar la causa del sufrir esencialmente en la imposibilidad de lograr y de estructurar proyectos, en el impedimento de arribar al ideal del yo que cada quien haya instalado de acuerdo con su trayectoria de vida y sus ilusiones.

Si el sufrimiento, como nos ha enseñado Freud, tiene su origen fundamental en nuestras relaciones con otros seres humanos, esto no hace sino desplegar

cómo se constituye el sujeto humano. Si concebimos que el sujeto se construye en intersubjetividad, las alteraciones, las emociones todas deberán ubicarse en el mismo lugar explicativo. Entonces se comprende, como decía Freud, que el sufrimiento tenga relación con los otros.

Los otros son los otros significativos en el devenir de la constitución subjetiva pero también en los otros debemos colocar lo histórico-social, como lo ha desarrollado con tanto acierto Castoriadis (1986).

EL PSICOANÁLISIS EN UNA ENCRUCIJADA

Ya he dicho en otro trabajo (LERNER, 2003) que a nuestra disciplina se le formulan peticiones desde distintas perspectivas y lugares. Tomemos, por ejemplo, la demanda sobre sus fronteras de aplicación, que atraviesa su práctica desde hace ya tantos años. Cuando Freud creó el psicoanálisis, lo juzgó aplicable únicamente a las neurosis. Es indiscutible que ahora estamos más asediados por los cuadros fronterizos, los trastornos narcisistas, los pacientes del vacío. Los sufrimientos no son nuevos, son distintos o tienen distintas causas.

Hoy el sujeto está frágil, débil. Con todo esto nos toca lidiar en la actualidad. Esta demanda, proveniente de situaciones clínicas que antes no eran abordables -por las limitaciones teóricas de entonces- o no existían, operó para que las teorías se expandieran, y la aplicación de esas teorías siguió sus pasos. Nuestra práctica y nuestra técnica fueron variando, no se mantuvieron iguales a través del tiempo. Las fronteras y los dispositivos del psicoanálisis se ampliaron. Por ejemplo, muchos colegas están dedicados desde hace años a extender y aplicar los conceptos psicoanalíticos a todos los campos en que se desarrolla nuestro trabajo, como el del psicoanálisis de parejas y familias, donde se constata claramente que a menudo el sufrimiento tiene su origen en la relación del sujeto con los otros.

Si consideramos a la constitución subjetiva no sólo derivada de lo pulsional, sino también de la cultura y del contexto socio-histórico en que se deviene sujeto, resulta inevitable pensar que la política, la economía, los hechos histórico-sociales y sus vicisitudes impactarán fuertemente y hasta con violencia en las personas, y que el sufrimiento de estas últimas se halla inexorablemente relacionado con su entorno.

Hoy las personas que solicitan tratamiento psicoanalítico están más cerca que en el pasado de la desesperación, el vacío, la angustia, la depresión. Hoy, notoriamente, la demanda pasa casi exclusivamente por la necesidad de ayuda. El sufrimiento es algo más que una amenaza: es frecuentemente una presencia. Nadie (excepto tal vez en algunos sectores sociales o en algunos casos de nuestros colegas) visita a un psicoanalista para ver "cómo anda su vida".

El psicoanálisis está claramente entramado con los sufrimientos actuales y estos se encuentran imbricados con el contexto social. Hace muchos años, el psicoanalista atendía en general a pacientes con cuadros neuróticos y otros que entraban en la categoría de colegas. Hoy los sujetos que nos demandan atención, con "sus partes psicóticas, sus escudos narcisistas, su self grandioso, su

pensamiento operatorio y sus defectos alexitímicos [...] parecen muy diferentes de los 'clásicos neuróticos' de la belle époque" (McDOUGALL, 1987, p.116). El psicoanálisis, como cualquier otra práctica social, varía de acuerdo con los distintos contextos sociales en los que se desenvuelve.

Muchos psicoanalistas nos hemos formado con una concepción diacrónica del sujeto, mientras que el mundo actual nos enfrenta a un pensamiento sincrónico, correspondiente al suceso, a lo presente e inmediato. En los orígenes de nuestra disciplina el sufrir se juzgaba más bien en términos de conflictos. En nuestros días es corriente atribuir los sufrimientos a lo que falta, a lo que no está, y - al menos en mi caso- en función de la urdimbre que se teje entre el sujeto y su contexto.

SI SUFRE TOME UNA PÍLDORA

La finitud de la "felicidad" comienza a dibujarse en el mapeo de la realidad. La realidad pone límites a la ilusión de "un mundo feliz".

No nos queda más que aceptar ese destino entre la confusión y el mutismo de muchos, que quieren que veamos una realidad aterciopelada, sin tropiezos ni dificultades, una realidad irreal.

Lo que importa es ir olfateando el desamparo que la realidad nos impone y recurrir a nuestras herramientas yoicas para sortear los escollos. Caso contrario nos convertiremos en sujetos apáticos para recuperarnos de las derrotas que la realidad intenta -y muchas veces logra- infringirnos.

Aceptémoslo: el sufrir es inherente a la condición humana y no es bueno que un sujeto se instale en la vida aturdido por la algarabía eufórica de los que niegan este hecho.

A veces se siente que los plazos para arribar a la "felicidad" están por vencer y hay que "pasarla bien" a cualquier costo. ¿Cómo se introdujo este ideal en el imaginario social?

Indudablemente, el hecho de estar triste conlleva un grado de sufrimiento, pero ¿siempre hay que darle el significado de que algo anda muy mal, de que en el individuo triste hay algo patológico?

Las personas se desarrollan sumergidas en una cultura determinada, que afecta su constitución como tales, sus proyectos, sus ideales, su consistencia narcisista -con todo lo que esto implica en la estructuración del yo, el ideal del yo, el superyó-. Si su desarrollo se da en ese espacio, debemos considerar que las alteraciones que se produzcan en él repercutirán en la constitución subjetiva. Algunos sujetos serán más inmunes que otros a las sacudidas contextuales, cuando las hay, pero dudo que alguien pueda salir indemne de los cataclismos y los terremotos socio-históricos.

No siempre que una persona atraviesa momentos de sufrimiento, tristeza, desilusión, debe colocársela en el "casillero" de la patología. El sufrimiento, al igual que la tristeza, está devaluado, desprestigiado (STERNBACH, 2009), como

si estos estados emocionales llevasen invariablemente a algunos colegas a la presunción de anormalidad.

Es mi deseo alertar acerca de lo que considero una tendencia muy marcada entre nuestros colegas: la de psicopatologizar rápidamente y encasillar a los sujetos que consultan por estar atravesando trayectorias turbulentas en su devenir, por estar sufriendo. Al no poder etiquetarlos, se los ubica en alguna categoría diagnóstica que si bien "aplaça" nuestro afán clasificatorio, se aleja del método psicoanalítico que Freud nos dejó como legado, tal como yo lo entiendo. El sujeto humano es complejo y tramita sus emociones de acuerdo a sus series complementarias, en las que están incluidas, por supuesto, sus vivencias actuales. Si estas vivencias varían, seguramente variará aquello que, urgidos por catalogar, llamamos síntomas.

¿Qué ha sucedido? ¿Por qué tanta urgencia en catalogar, en diagnosticar? ¿Es un producto de la época, o acaso de los intereses de la industria farmacéutica?

¿Tendrá que ver con la ilusión de que para tal o cual cuadro existe el elixir que todo lo calma? ¿Con la opinión de que al sufrimiento hay que desterrarlo, anestesiarlo, negarlo?

Sostengo que tal vez tenga que ver con que en los tiempos actuales un sinnúmero de causas contextuales hacen que el sufrimiento esté irremediablemente presente y se trate de eludir esa presencia y renegar de ella. Seguramente cada época tuvo lo suyo. Pensemos en la época actual.

En los sujetos que sufren, en los que están alcanzados por la tristeza o la desesperanza, lo que está convulsionado es, qué duda cabe, el narcisismo; ¿en qué devenir subjetivo que jaquea los ideales no lo está? Sabemos que en las convulsiones afectivas está comprometido el yo (o sea, el narcisismo) y, por lo tanto, el ideal del yo y la autoestima, sin olvidar el lugar que ocupa el superyó; pero también en la subjetividad convulsionada por situaciones socio-históricas se ven sacudidos los ideales, la autoestima y el narcisismo.

Muchas son las ocasiones en que las personas que sufren sienten que han perdido objetos especulares (KOHUT, 1974) que narcisicen su yo; su superyó ya no quiere un yo devaluado y tan alejado del ideal del yo. Estoy pensando también, por ejemplo, en los diferentes tipos de duelo por pérdida del trabajo, de las relaciones afectivas, de los bienes o de los ideales, en las mudanzas, etc. A partir de este interjuego, se desprende que la autoestima está en baja. Esto es lo que sucede cuando estamos tristes, apáticos, desesperanzados. En determinadas trayectorias y momentos del devenir subjetivo pueden estar presentes las mismas manifestaciones que en los cuadros clínicos graves y no por eso debemos pensar inexorablemente en un cuadro psicopatológico. Comencemos por pensar que el individuo está sufriendo. Esperemos para etiquetar.

Estamos instalados en una cultura que nos induce a la urgencia, a actuar ya mismo, a encubrir en vez de reflexionar. Esta tendencia es muy opuesta a la posición del psicoanálisis, el cual, alejado de la urgencia, ante una inquietud que se nos plantea se siente más atraído por la interrogación y no por la clausura inmediata.

Pero es así. Hoy muchos profesionales, como los médicos generalistas (y no sólo los que se dedican a la salud mental) se ven atrapados en esta modalidad de hacer que el paciente no sufra y de hacerlo "ya". Reactualizan lo que sucedía hasta no hace tanto, cuando se prescribía al Prozac como la droga de la felicidad. ¿Quién no quiere transitar por el "mundo feliz" que describió Aldous Huxley?

Si atendemos a las enseñanzas de Freud, parecería que el sufrimiento, la ausencia de felicidad constante, es una condición del sujeto humano. Por más Prozac y promesas de alcanzar la felicidad plena, los sufrimientos, los duelos, las alteraciones de la autoestima que tanto dolor nos producen no dejarán de tenernos en jaque. Tenemos dos caminos: o transitamos por ellos y los elaboramos, o tratamos de eludirlos con pociones mágicas.

SUFRIMIENTO Y CONTEXTO SOCIO-HISTÓRICO

"L'enfer, c'est l'Autre" (El infierno es el Otro). (SARTRE, 1944)

Para reflexionar acerca del sujeto actual debemos integrar otras miradas mas macro que contemplen la indudable complejidad de la construcción subjetiva, atravesada por contextos socio-histórico que hacen tambalear fácilmente el narcisismo y la autoestima, al poner tantas vallas y tantos obstáculos para concretar proyectos y consecuentemente para consolidar una identidad con cierto grado de equilibrio. Con el consiguiente sufrimiento que conllevan todas estas agitaciones sobre el yo.

Sin duda ciertas situaciones contextuales-sociales pueden interferir en la estabilidad identitaria o podemos pensar que dichos contextos en algunos sujetos pueden frenar la construcción de su identidad o impedir su trayecto identificador provocando múltiples formas de tormento. Por supuesto que no dejo de lado el lugar del duelo, tanto por pérdidas afectivas, de bienes, desocupación, pérdida de ideales, etc. como detonadores de sufrimientos, sin excluir obviamente que es imposible concebir la producción de subjetividad sin el o estando de base. Los duelos producen sufrimiento pero también son necesarios, en tanto generan estructura psíquica.

Podemos pensar sin demasiado temor a equivocarnos que una de las labores psíquicas medulares del sujeto humano es mantener en equilibrio su identidad, o si se quiere, el delineamiento de su "proyecto identificador" (AULAGNIER, 1977/1988).

Un sujeto atravesado por crisis emocionales, contextuales, o sociales se enfrentará a un monto adicional de traumas, adversidades, cataclismos, etc., que, según cómo navegue por estas aguas, dejarán sedimentos, estructuras, o vacíos. La lucha se libra entre el proceso identificador - proceso en tanto la identidad no es algo acabado sino en movimiento -, por un lado, y por otro el vacío, la futilidad, la sensación de inexistencia, la desesperanza, la apatía, la tristeza. Y resulta obvio que un sujeto atrapado por estas vicisitudes nunca se librará de cargar con sufrimientos.

Estas emociones/sensaciones frecuentemente tienen particularidades y detonantes de origen social, el contexto social que a veces se sufre. Siguiendo a

Castoriadis (1998) en cuanto a la forma en que lo histórico-social incide en la producción de subjetividad -y, yo agregaría, de patología, de sintomatología, de sufrimiento-, sólo debemos mirar las convulsiones que a menudo hemos atravesado en el pasado -también las que atravesamos en el presente- y seguramente encontraremos correlaciones por demás significativas entre el aumento del sufrimiento, de la apatía, de la desesperanza, y una sociedad con crisis sociales, ausencia de credibilidad en la dirigencia política, violencia, desocupación, sensación de desmembramiento; una sociedad en la cual es imposible para muchos imaginarse un futuro, armar un proyecto, con la consecuente pérdida de ideales. Para que alguien se integre a su medio y se convierta en sujeto, debe contar con un contexto estable y previsible. Como aseveró Lewkowicz (2004), el yo tendrá serias dificultades para constituirse si el medio social circundante es fluido, inestable e impredecible.

En la estructuración del yo intervienen diferentes factores; indudablemente la realidad histórico-social es uno de ellos. Si aceptamos que la realidad ocupa un lugar central en la constitución del aparato psíquico, no estamos hablando más que de uno de los vasallajes del yo.

Hoy en día muchos individuos no pueden alcanzar logros, no porque su yo esté debilitado constitucionalmente - como lo vería una línea de pensamiento biologista - sino porque no hay una situación contextual que le permita mantener una estructuración firme. Por lo tanto. No hay un equilibrio narcisista, ni una autoestima adecuada. ¿Cómo pensar que esto no traerá aparejado un nivel de sufrimiento significativo?

Concibo al yo como una entidad que no queda terminada y sellada de una vez y para siempre, sino que está en formación constante. Esta postura es bastante optimista en cuanto al psicoanálisis como situación terapéutica, porque si se concibe un yo anquilosado perpetuamente, cuyas producciones fueran pura repetición, quedaría muy poco por hacer. Lo actual reviste, entonces, una importancia central. Como bien afirma Hornstein (2008), "Estamos permanentemente sostenidos en nuestra identidad, en nuestro proyecto de vida, en nuestra autoestima, no sólo por la historia infantil sino por la historia actual".

Autoestima, narcisismo, logros, vínculos, proyectos, contexto socio-histórico son conceptos que se entrelazan, que tejen una urdimbre de nociones inseparables unas de otras. No dejemos de observar cómo se entrecruzan estos conceptos con el sufrimiento humano.

Cuando hablamos de la autoestima, estamos hablando del narcisismo infantil, de cómo fue narcisizado el sujeto o como lo es en la actualidad; estamos hablando de los logros, los vínculos, los proyectos de un individuo en su devenir subjetivo. Sin una autoestima equilibrada, el sufrimiento devendrá en forma inexorable.

¿Por qué se ha difundido la certidumbre de que el sufrimiento es nocivo? Obviamente, está alejado del placer, pero no de la realidad, de los infortunios ordinarios. Por supuesto, a lo largo de toda la historia de la humanidad el sujeto

ARTIGO

humano ha luchado por desprenderse y desembarazarse de los sufrimientos; pero si los sufrimientos, los infortunios ordinarios, fuesen pasajeros y no se instalasen de forma crónica, la situación no sería grave. Se torna preocupante cuando dejan de ser ordinarios para convertirse en algo extraordinariamente constante.

Abandonar el principio de placer por el de realidad presupone sufrimiento, ya sea que se renuncie a aquél por la angustia de castración, la angustia por el superyó o los imperativos de la realidad. No tener posibilidades de que se produzca la descarga cuando y donde uno quiere genera sufrimiento, y la causa de esta imposibilidad de descarga hay que buscarla con frecuencia en el contexto socio-histórico.

Como psicoanalista, me involucro con el dolor psíquico, con el sufrimiento, las desesperanzas, las apatías; en suma, con todas las situaciones que amputan el acercamiento al ideal del yo, alteran el narcisismo y, por lo tanto, estorban el proceso necesario para una constante construcción del yo. En numerosas ocasiones - el sujeto debe enfrentarse a obstáculos que derivan de tormentas socio-históricas y, como bien lo describió Silvia Bleichmar (2005, p.95), estas últimas "desmantelan la subjetividad, hacen estallar al yo", provocan sufrimiento.

Al sufrimiento hay que enfrentarlo, comprenderlo, acompañarlo e interrogarlo. No aspiremos a clausurarlo o a suprimirlo mágicamente. Al paciente que nos consulta apesadumbrado, abatido, desolado, consternado, tendremos entre otras cosas que aportarle un auxilio, "hacer participar al yo debilitado en un trabajo de interpretación puramente intelectual, lograr que se nos transfiera la autoridad de su superyó", entre otras tantas funciones e intervenciones (FREUD, 1938/1988, p. 269). De esta manera podremos aspirar a ser humildes continuadores del Freud del Esquema del psicoanálisis. Él nos advirtió acerca del lugar del sufrimiento humano y nunca nos prometió, ni como seres humanos ni como psicoanalistas, "un jardín de rosas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, P. **La violencia de la interpretación**. Buenos Aires: Amorrortu, 1988. (Obra originalmente escrita em 1977).

BLEICHMAR, S. **La subjetividad en riesgo**. Buenos Aires: Topía, 2005.

_____. **Paradojas de la sexualidad masculina**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CASTORIADIS, C. **El psicoanálisis, proyecto y elucidación**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1986.

_____. **Hecho y por hacer**. Pensar la imaginación. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v.2. (Obra originalmente escrita em 1895).

FREUD, S. El malestar en la cultura. In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v.21. (Obra originalmente escrita em 1930).

FREUD, S. Esquema del psicoanálisis. In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1988, v.23. (Obra originalmente escrita em 1938).

HORNSTEIN, L. **Comunicação Oral**. Clases del curso anual de la Fundación para el Estudio de la Depresión (FUNDEP). Buenos Aires, 2008.

_____. **Autoestima e identidad: narcisismo y valores sociales**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

KOHUT, H. **Análisis del self**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

LERNER, H. ¿Técnicas o rituales?. In LERNER, H. (Org.). **Psicoanálisis: cambios y permanencias**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

LEWKOWICZ, I. **Pensar sin Estado**. Buenos Aires: Paidós, 2004.

SARTRE, J.-P. **A puertas cerradas**. Buenos Aires: Losada, 1944.

MCDUGALL, J. **Teatros de la mente**. Madrid: Tecnipublicaciones, 1987.

STERNBACH, S. **Comunicação pessoal**. Buenos Aires, 2009.

POR UMA PSICANÁLISE COM SEXUALIDADE

FOR A PSYCHOANALYSIS WITH SEXUALITY

Berta Azevedo Hoffmann¹

Resumo: O presente artigo problematiza o desprestígio da sexualidade infantil tal como conceituada por Freud na atual Psicanálise, apontada em 1995 por André Green, e procura acompanhar os movimentos teóricos que favoreceram tal dessexualização. Neste contexto, ganha peso a discussão sobre a vigência das temáticas edípicas em casos não-neuróticos e sobre a concepção, no meio psicanalítico, de que o edípico e o genital seriam superficiais e menos relevantes em uma análise.

Palavras-chave: Psicanálise, Sexualidade, Édipo, André Green, Freud.

Abstract: This paper discusses the current debasement of freudian sexuality in psychoanalysis, appointed in 1995 by André Green, and seeks to track the movements theorists who favored such desexualization. In this context, the argument gains weight on the validity of Oedipal themes in non-neurotic cases and on the idea in the middle psychoanalytic, that the oedipal and genital would be superficial and less relevant in an analysis.

Keywords: Psychoanalysis, Sexuality, Oedipal, André Green, Freud.

Caro Dr. Jung, meus cumprimentos após seu regresso da América, embora não mais tão afetuosa como na última ocasião [...] o senhor reduziu uma boa quantidade de resistência com suas modificações, mas eu não o aconselharia a contar isso como crédito, porque, como sabe, quanto mais a gente se afasta do que é novo em Psicanálise mais certeza se tem do aplauso e menos resistências se encontra. (FREUD, 1912/2003, p.523, tradução nossa).

É com essa frase que Freud responde à empolgação de Jung que, na condição de presidente da *International Psychoanalytical Association* (IPA), voltava de suas conferências americanas em que disse ter conseguido diminuir as resistências à Psicanálise retirando o peso do sexual em suas comunicações. Para Freud, de nada adiantava combater as resistências à Psicanálise deixando de ser Psicanálise, e o caminho não deveria ser afastar-se da temática sexual, mas, ao contrário, abordá-la cada vez mais.

As famosas discordâncias entre Freud e Jung repousaram, em grande parte, nas divergências do suíço com relação ao conceito freudiano de libido. Em muitos momentos Jung deixou claro que não considerava positivo que a teoria

¹Psicóloga, psicanalista, mestre em psicologia clínica pela PUC-SP, professora e supervisora clínica da Faculdade de Psicologia da Universidade São Marcos, professora convidada do CEP de SP, membro filiado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Presidente da Associação dos Membros Filiados do Instituto de Psicanálise da SBPSP. Autora do livro *Crise Pseudoepiléptica* (2011).

da sexualidade se projetasse em primeiro plano e propôs o termo "energia psíquica" em substituição a libido. Sua proposta de ampliar o conceito de libido para além da pulsão sexual, que em princípio pareceria ser uma tentativa de tornar mais aceita a Psicanálise, mostrou ser, em verdade, uma forma de recusar o conceito e retirar o sexual do lugar central atribuído a ele por parte dos primeiros psicanalistas.

Num segundo momento, esse novo conceito de libido levou também a uma reformulação na concepção de incesto. Dizia Jung em 1912: "[...] Evidentemente, o objetivo da proibição não é proibir o incesto, mas consolidar a família (ou a religiosidade, ou a estrutura social)" (JUNG, 1912/1993, p.507).

O que é proposto, assim, é o abandono do desejo incestuoso como elemento primordial da constituição psíquica. A formulação confusa de Jung implica que o incesto seja tornado tabu não por ser desejado, mas para ligar regressivamente a angústia flutuante a uma representação, que se torna tão temida e passa a ser objeto de repressão. (MEZAN, 1985. p.385)

Segundo Jones (1975), Jung já havia dito a Freud que não acreditava que os desejos incestuosos pudessem ser tomados literalmente, devendo ser considerados como símbolos de outras tendências.

Essas discussões, que tiveram como ambiente os primeiros círculos psicanalíticos, estavam entre os motivos teóricos que puseram fim ao intercâmbio afetivo e intelectual entre Freud e Jung, uma vez que a relação entre os dois continha elementos transferenciais que colocava entraves para a superação das divergências teóricas.

A posição de Freud de defender o sexual dentro da teoria põe em relevo a importância conferida por ele a tal temática como sendo central para a Psicanálise. Ela é reafirmada após o rompimento com Jung. Em *A história do movimento psicanalítico*, de 1914, ele utiliza-se da metáfora da faca e explica que uma faca que tenha sua lâmina e cabo trocados não poderia ser considerada a mesma faca. Em Psicanálise, para Freud, lâmina e cabo corresponderiam às concepções de Inconsciente e Sexualidade, pressupostos fundamentais para o pensar psicanalítico (FREUD, 1914/2003).

Muito antes das diferenças com Jung, o problema da sexualidade já enfrentava resistências. Lembremo-nos da dificuldade de aceitação por parte do meio médico do então recém lançado *Três ensaios de sexualidade*, em 1905. Mesmo Breuer, cuja amizade com Freud contribuía para uma maior boa vontade para com suas ideias, ao publicar em conjunto com ele seus Estudos sobre a histeria, afirma, na apresentação de seu célebre caso Anna O. que "o elemento sexual estava assombrosamente não desenvolvido." (FREUD, 1895/2003, p.47, tradução nossa). O que lemos nas linhas que relatam esse caso sugere outra opinião, se tomado por ouvidos mais freudianos.

As construções psicanalíticas dessa época foram mostrando que operavam, na comunicação do paciente, resistências às suas moções pulsionais; resistências

as essas que implicavam no não aparecimento claro do desejo. O fato de não ser explícito ou consciente para o paciente, entretanto, não equivaleria à inexistência de tais desejos, e as pesquisas iniciais de Freud buscavam comprovar que o inconsciente tem seus efeitos apesar, ou, dito de forma mais rigorosa, justamente por não estar sob o controle consciente.

O DESCASO PARA COM O SEXUAL

Em seus *Três ensaios*, Freud (1905/2003) dedica uma seção inteira para discutir o descaso para com o infantil. O descaso a que ele se referia dizia respeito ao sexual infantil, especificamente. Até aquela época se desconhecia a sexualidade infantil e se imaginava que ela nascia com o advento da puberdade, tendo, portanto, um nascimento tardio. As descobertas de Freud de que haveria na criança desejos e sensações de prazer buscadas das mais variadas formas foram recebidas com repúdio por parte da comunidade médica.

Com essas concepções, Freud operava um corte epistemológico que diferenciava de maneira radical as noções de sexualidade e genitalidade. Num primeiro momento, Freud imaginou que a sexualidade seria despertada na criança por um adulto abusador, que instaurava o sexual onde nada havia neste sentido. Essa concepção, abandonada quando Freud deixa de lado a teoria da sedução para abordar a fantasia, abre espaço para suas fundamentais descobertas sobre a sexualidade infantil. Já não era o adulto abusador que depositava na criança o que não lhe era devido, mas, ao contrário, o contato com esse outro significativo estimulava na criança sua disposição perverso polimorfa. Essas ideias tiravam da criança a inocência até então suposta, e atribuíam a ela fantasias e desejos há muito recalcados pelos adultos.

Corajoso o homem que escandalizou o mundo com tais descobertas. Mais corajoso por ter admitido, para os colegas e, sobretudo, para si, que estava errado quando acreditava na necessária facticidade do abuso.

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despendendo lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha neurótica [...] Se eu estivesse deprimido, confuso e exausto, essas dúvidas certamente teriam que ser interpretadas como sinais de fraqueza. Já que me encontro no estado oposto, preciso reconhecê-las como o resultado de um trabalho intelectual honesto e vigoroso e devo orgulhar-me, depois de ter ido tão a fundo, de ainda ser capaz de tal crítica. Será que essa dúvida representa apenas um episódio no avanço em direção a novos conhecimentos? [...] A expectativa de fama eterna era belíssima, assim como a da riqueza certa, independência completa, viagens e elevar as crianças acima das graves preocupações que me roubaram a juventude [...] Agora, posso voltar a ficar sossegado e modesto e a continuar a me preocupar e a economizar. Ocorre-me uma historinha de minha coleção: "Rebeca, tire o vestido; você não é mais noiva nenhuma." (FREUD, 1897/2003, p.265, tradução nossa)

Foi pela coragem de abrir mão do que tinha que Freud pôde chegar a conclusões jamais supostas. "Se os histéricos reconduzem seus sintomas a traumas inventados, está aí precisamente o fato novo, a saber, que eles fantasiam essas cenas e a realidade psíquica pede para ser apreciada junto à realidade prática." (FREUD, 1914/2003, p.17, tradução nossa). Foi porque aceitou que errava em conceber o trauma ligado a um abuso real na etiologia da histeria que o mundo sexual infantil se tornou pensável.

Quando afirmamos que se tornou pensável, não quer dizer que tenha sido de forma pacífica e natural. Toda a história do movimento psicanalítico testemunha as batalhas travadas por Freud para não sucumbir pela constante demanda de que se deixasse de lado a sexualidade infantil. Estaria ganha tal batalha? A Psicanálise e os psicanalistas teriam conseguido contribuir para que a sexualidade pudesse ter espaço? Ou foram eles quem se adaptaram e se tornaram mais puritanos?

Sem dúvida alguma o mundo que temos hoje é, em grande medida, influenciado pelas conquistas da Psicanálise e pelas denúncias feitas por ela sobre a montagem hipócrita da moralidade do século 19. E se o mundo não é mais o mesmo também não o é a Psicanálise. E deveria ser? Se desde Freud a Psicanálise se alicerça na clínica e nela encontra suas fontes de movimentação, e a clínica reflete o que se vive em sociedade, então não é de se surpreender que a Psicanálise tenha se deixado movimentar, repensar e ampliar seus campos de atuação e pesquisa. O que surpreende, isso sim, são certos caminhos de modificação que podemos reconhecer em nossa atual Psicanálise. Quero dizer, portanto, que é esperado que a Psicanálise se deixe afetar pelo mundo, que esteja aberta para se repensar a partir da clínica, e que possa recolocar perguntas diante de novos cenários. O que parece inesperado é encontrar na teoria e na clínica uma Psicanálise sem sexualidade.

EXISTE UMA PSICANÁLISE SEM SEXUALIDADE?

André Green (1995) surpreende-nos a todos ao colocar, de uma forma bastante provocativa e espirituosa, bem a seu estilo, a seguinte pergunta: Tem a sexualidade algo a ver com a Psicanálise?

Essa pergunta, aparentemente descabida, traz à luz um sintoma da Psicanálise atual: não mais se fala em sexualidade. Nos periódicos da área lê-se páginas e páginas sem que a sexualidade seja sequer abordada. Green faz a ressalva de que algumas vezes a sexualidade feminina é teorizada, em contraposição às explicações oferecidas por Freud, ou então algo da sexualidade ganha atenção, mas como uma especialidade, e não mais como central na constituição psíquica. É possível pensar a sexualidade como uma questão específica de certas análises? Como conceber uma análise que não trate de sexualidade?

Chegamos aqui à questão da ausência do sexual na clínica contemporânea. Green aponta que também nas discussões clínicas a sexualidade se faz ostensivamente ausente. O autor se pergunta se estaria ele superestimando o papel do sexual na análise, e ele mesmo responde negativamente, ao reconhecer nas apresentações de sessão a velha e viva sexualidade, ainda presente no

material do paciente. A questão é, então, o que é feito com ela na escuta do analista. Que destino ganha o elemento sexual que escapa às considerações e debates clínicos? Será que nos aproximamos de uma leitura como a de Breuer no caso Anna O. e nos afastamos de Freud, acusado em sua época de pansexualista?

Green (1995) reconhece dois movimentos diferentes. Para alguns o sexual realmente não é reconhecido. Para outros, ao contrário, ele é percebido, mas é apenas tangenciado, visto que entendido como defesa contra algo considerado mais fundamental e precoce. Nesse segundo caso, a recusa intencional de dar atenção aos aspectos especificamente sexuais que aparecem no discurso do paciente é acompanhada de um manejo que privilegia as relações de objeto.

QUEM DESSEXUALIZA A PSICANÁLISE?

É justamente a teoria das relações de objeto, desenvolvida por duas linhas principais, uma de Fairbairn e outra de Melanie Klein, a responsável pela dessexualização da Psicanálise, segundo Green (1995).

Fairbairn foi um psicanalista britânico conhecido por se opor sistematicamente à teoria das pulsões de Freud, que considerava mecanicista e pouco humanista. Como alternativa, passou a se referir a objetos e não a pulsões. A fase oral, por exemplo, muito bem poderia ser nomeada como fase do seio, segundo ele, já que o objeto é que tem importância para a criança, sendo a boca apenas o instrumento para uma estratégia particular de relacionamento com o objeto. (HINSHELWOOD, 1992) Se Fairbairn substitui a busca do prazer pela busca de objeto, o que implica para Green (1995) uma dessexualização da teoria, isso traz à tona uma reflexão de Freud (1905/2003) que parece ainda atual, de que, diferente da antiguidade, que valorizava a pulsão a ponto de elevar à condição de objeto o que aparentemente não teria os atributos para tanto, em nossa época nós desculpamos a existência da pulsão justificando-a pelos encantos do objeto.

Em relação a Klein, as críticas de Green (1995) são dirigidas principalmente em duas direções. Por um lado, em Klein a precedência da destruição fez com que a oposição prazer/desprazer perdesse cada vez mais espaço para aquela protagonizada entre objeto bom e mau. Na obra kleiniana, portanto, a temática da sexualidade infantil progressivamente foi sendo substituída pela da destrutividade. Esta crítica, no que concerne à busca por ressexualizar a Psicanálise, é bastante legítima. Não é possível, entretanto, que nos furtemos de fazer a ressalva de que o estudo da destrutividade tem sido fundamental para a ampliação do campo analítico, com a inclusão das problemáticas introduzidas desde *o Além do princípio de prazer* (1920/2003), com a pulsão de morte. Neste quesito, tanto crítico quanto criticada aportaram contribuições fundamentais, ao buscar, no terreno clínico, fazer trabalhar esse conceito freudiano tão abstrato. Esse direcionamento para dar atenção aos efeitos da pulsão de morte configura, sem dúvida, uma ampliação qualitativa no universo psicanalítico.

Já no âmbito da sexualidade, e nesse sentido dirige-se a segunda crítica de

Green (1995), Klein parece dar ênfase maior à oralidade, em detrimento de outras formas de prazer. Em sua teoria, a dama da Psicanálise elevou o seio à posição suprema, cuja influência estendia seu modelo para a fase genital, tornando o pênis um órgão de doação e alimentação que, nas palavras de Green (1995), "o torna um seio" (p.222). "No fim, o que descobrimos com a teoria de Klein da relação objetal primitiva? O seio como um objeto bom ou mau, a fixação oral como imanejável, ou no mínimo inigualável, as pulsões destrutivas provocando ansiedade e as eróticas como meras defesas." (GREEN, 1995, p.223).

Vemos, portanto, que ao debater com a obra kleiniana, Green (1995) o faz destacando, por um lado, o desvio de atenção que cede espaço da sexualidade para dedicá-la à destrutividade e, por outro, o privilégio dado à sexualidade oral. Neste ponto, o autor reclama pela importância do pai, tal como encontramos em Freud que, na obra kleiniana, passa a uma posição secundária. O que ele parece estar reivindicando, portanto, é importância da terceiridade e da temática edípica que aparecem como estruturantes no pensamento freudiano e perdem peso quando o interesse teórico repousa na relação mãe-bebê. A reivindicação pela importância do pai está ligada, então, à constatação científica de que o Édipo é estruturante e implica uma terceiridade, o que marca sua concepção de processo de estruturação psíquica.

Em seu artigo sobre o pai na teoria e na clínica contemporânea, Fernando Urribarri (2012), psicanalista argentino estudioso da obra de Green, nos oferece subsídios para pensar o Complexo de Édipo tal como entende André Green.

Para Green, todo sujeito, independente de sua estrutura, alcança o Édipo, já que a centralidade deste está no fato de a criança, mesmo antes de seu nascimento, ocupar um lugar no Édipo de seus pais. Mesmo que inicialmente a relação principal do bebê seja com a mãe, a situação já é triangular, uma vez que o pai se inscreve como figura de ausência (URRIBARRI, 2012).

Como grande estudioso de casos nomeados como limites, Green (1995) acredita que as características clínicas desses pacientes fizeram com que os analistas tivessem como consenso que a explicação para tais sintomas teria pouca conexão com a sexualidade, precisando ser buscada em termos de relações de objeto. Green afirma ser aparentemente mais fácil compreendê-los com o auxílio de fatores "independentes da sexualidade, tais como o fracasso em satisfazer a necessidade de tranquilidade, equilíbrio emocional ou segurança interior" (GREEN, 1995, p.218) e que o que pode ser observado do ponto de vista consciente provavelmente leve a conclusões similares. No entanto, afirma que pode imaginar categorias bastante distantes da sexualidade e da destrutividade operando na vida psíquica, mas as considera como descrições fenomenológicas que, se analisadas, levarão às categorias extremas que Freud descreveu.

No que diz respeito à compreensão de pacientes que apresentam estruturas não-neuróticas, Green (1995) apresenta uma visão que difere da que usualmente é apresentada pelos colegas¹. Frequentemente se entende que esses pacientes sofreriam de regressões muito anteriores às fixações edípicas e genitais, o que conduziria à conclusão de que essas fixações clássicas não seriam neles válidas.

Green chegou à conclusão oposta, afirmando serem as fixações sexuais e genitais o centro da cebola. Green fala da impossibilidade de tais pacientes de aceitar a menor frustração, a decepção, o ciúme, a dificuldade de admitir que o objeto não corresponda à imagem projetada, além da desorganização da destruição sem limites do objeto e do self, com ameaças de colapsos que fazem com que o paciente se desobrigue de uma relação total e completa. No centro da questão estariam, para ele, aspirações genitais com suas conotações conflitantes, tais como a diferença entre os sexos e as gerações, a tolerância à alteridade, o conflito entre o desejo e a identificação com o objeto e a aceitação da perda de controle no gozo sexual.

O que Green entende como questão na estrutura não-neurótica não é a passagem da díade para a tríade, mas a transição de uma "terceiridade potencial (enquanto o terceiro está presente apenas na mente da mãe) à terceira efetiva, interiorizada e estruturante." (URRIBARRI, 2012, p.150). Com sua noção de *outro do objeto*, Green aponta para uma função terceirizante que não é exclusiva do pai, podendo ser ocupada por outra figura como, por exemplo, alguém da infância da mãe. Com esse esquema triádico originário, Green dá abertura para um "reconhecimento de organizações triangulares, nas quais se inscreve um terceiro efetivo, onde existe separação primária e alteridade, mas não uma estruturação ou organização edípica (com reconhecimento estável da diferença entre sexo e gerações)" (URRIBARRI, 2012, p. 151). A matriz triangular do psiquismo seria, então, a fantasia da cena primária, que, juntamente com o complexo de castração comporia o núcleo da estrutura do Complexo de Édipo.

Em seu artigo *A mãe morta*, Green (1980) afirma a triangularidade em estruturas não-neuróticas, considerando que o fantasma fundamental não está ligado ao seio primordial, mas ao protótipo do Édipo ligado à fantasia da cena primária, não sendo possível, portanto, extirpar o complexo da mãe morta voltando-se para a relação oral. A fantasia da cena primária é triangular, com terceiro excluído, mas não inclui a diferença entre os sexos e as gerações.

De que forma trabalha Green (1980) o fantasma da cena primária no complexo da mãe morta? Não como testemunhada, como tratou Freud (1918 [1914]) no *Homem dos Lobos*, senão como acontecida na ausência do sujeito. Este experimenta a distância que o separa da mãe, sua impotência para estabelecer o contato com o objeto, e se sente incapaz de reanimar e dar vida à mãe morta.

Mas, desta vez, em vez do rival ser objeto que monopolizava a mãe morta no luto que ela vivia, ele se torna, pelo contrário, o objeto terceiro que surge, diferente do que se espera, capaz de devolver-lhe a vida e proporcionar-lhe o prazer do gozo. Aí jaz a situação revoltante que reativa a perda da onipotência narcisista e desperta um sentimento de uma enfermidade libidinal incomensurável. (GREEN, 1980, p.258)

CONTROVÉRSIAS GREEN-LAPLANCHE

Em um artigo que responde ao livro *As cadeias de Eros* de Green (2000), Jean Laplanche (2003) compartilha da preocupação de que a sexualidade estaria desaparecendo da Psicanálise, mas critica a abordagem feita pelo colega em

relação a si e à Klein. Uma das primeiras pontuações feitas por Laplanche é a de que haveria em Green uma equação entre genital e sexual, uma vez que seus exemplos de resgate da sexualidade se ligam à temática genital.

Laplanche (2003) provoca ao afirmar ver em Green uma regressão pré-freudiana da teoria. "Freud não teria penado durante todo um capítulo (XX) da *Introdução à Psicanálise* para definir a sexualidade se lhe bastasse invocar o genital, o falo e a diferença dos sexos, a sexuação" (LAPLANCHE, 2003, p.20).

A pergunta de Laplanche (2003) sobre o lugar do pré-genital freudiano em Green é interessante e pode ser legítima. De fato, fica por esclarecer que lugar é dado por Green às pulsões pré-genitais, principalmente em seu livro *As cadeias de Eros*, em que evoca sistematicamente exemplos de genitalidade para argumentar o sexual que merece escuta clínica. Tendo a pensar que não se trata de uma leitura dessexualizante dessas pulsões não genitais, nem de um engano metapsicológico na leitura dos *Três ensaios*, como sugere Laplanche, mas uma ênfase, em Green, de uma revalorização do genital e uma consideração deste não como necessariamente defesa, senão como algo digno de ser escutado. De fato vemos Green num esforço por incluir o genital, mas daí a considerar que ele ignora a ampliação fundamental da sexualidade feita por Freud há uma distância.

Para além das disputas entre Green e Laplanche, em sua troca de ataques e respostas, parece que o motor de tais desavenças não estava propriamente centrado nas divergências conceituais que os separam, senão alimentado por pontos sensíveis que foram tocados e que transformaram as afirmações teóricas em provocações. Com isso queremos dizer que não é possível saber se, fora do clima competitivo que coloriu essa troca de artigos, Laplanche (2003) sustentaria sua proposta de um Green que não alcançou a ampliação freudiana da sexualidade. Após toda a leitura deste artigo-resposta a Green de Laplanche, que sem dúvida nos ajuda a formular questões sobre os apontamentos de Green, destacaríamos uma afirmação que ficou deslocada e sem importância em meio às diferenças pessoais: aquela em que Laplanche se refere a uma ideia "com a qual estou no geral de acordo" (LAPLANCHE, 2003, p. 13): o "quadro geral da dessexualização própria ao pensamento psicanalítico contemporâneo" (LAPLANCHE, 2003, p. 13). Já em 1988, Laplanche introduzia uma apreciação similar ao afirmar que "o que está presente nas origens do pensamento freudiano é certamente o caráter demoníaco, atacante, desestruturante da sexualidade. Este aspecto escandaloso da sexualidade é o que tende a ser continuamente abafado do pensamento psicanalítico." (LAPLANCHE, 1988, p.56).

Como vimos, seu caminho em 2003 aponta para uma suposta dessexualização do pré-genital em Green (2000), que Laplanche (2003) sustenta apoiando-se na afirmação de Green de que poderíamos ver na evolução kleiniana um declínio progressivo do sexual ligado ao fato de que a genitalidade apareceria sempre subordinada à oralidade em sua obra. Dessa afirmação, Laplanche (2003) conclui que Green estaria retirando a oralidade do espectro do sexual, o que seria, de fato, bastante curioso. Sem negar que a dessexualização pudesse estar em ação também no próprio Green, já que nenhum de nós está livre dessa armadilha, ressalta-se em seu artigo de 1995, a afirmação da fixação

oral tão priorizada entre os kleinianos como sendo, muitas vezes, apresentada mais como fonte sagrada do que como fonte de prazer, o que caracterizaria uma tentativa de retirar o aspecto sexual da oralidade. O problema não está em recorrer, então, à oralidade, mas na forma assexuada em que ela passa a ser apresentada. Fica a questão de saber se esse movimento é estabelecido já com Melanie Klein, ou se ele decorre do uso feito de sua teoria por seus seguidores.

A discordância de Laplanche (2003) em considerar Melanie Klein como responsável pela dessexualização da Psicanálise já estava colocada, *a priori*, em seu trabalho de 1988, cujo título pergunta "É preciso queimar Melanie Klein?".

Em seu artigo, Laplanche (1988) sustenta que Klein não se assusta em tocar o pulsional e retoma as famosas controvérsias Freud-Klein, travadas com Anna Freud, em que Klein, em resposta ao temor de Anna do manejo do pulsional nas crianças, diz não constatar uma liberação da maldade das pulsões ao conduzir a análise de crianças, como temia a herdeira consanguínea de Freud.

Laplanche (1988) tem como objetivo do artigo:

mostrar, para além das contradições, em que as exigências de Freud e Klein se encontram, se aprofundam uma à outra. Essa exigência é o reconhecimento do mundo inconsciente, que é muito diferente do recalque esquecido da nossa infância. É o reconhecimento da própria pulsão, para além das assimilações biologizantes que fariam dela uma variedade do instinto e dos comportamentos adaptativos. (LAPLANCHE, 1988, p. 56)

De fato, a partir das leituras de Melanie Klein, é possível perceber que, embora herdeira de algumas das formulações de Fairbairn, que introduziu a questão das relações de objeto varrendo da cena o pulsional, ela não perdeu o elemento pulsional em suas formulações. É difícil, portanto, sustentar que esteja ausente em Klein a pulsionalidade. Ela está viva em seus casos clínicos e em suas formulações teóricas acerca dos casos. Se tomarmos seu livro *A Psicanálise de crianças*, encontraremos inúmeras referências à temática sexual. Ao trabalhar a deflexão da pulsão de morte e sua influência na relação da criança com seus objetos, por exemplo, Klein afirma: "suas fantasias sádico-anais, que parecem formar uma ligação entre o estágio oral de sucção e o estágio oral de morder, têm um caráter bastante definido e contém ideias de que ela toma posse dos conteúdos do seio da mãe por meio de suga-lo e de esvaziá-lo". (KLEIN, 1975, p. 150). Vemos, então, que mesmo a pulsão tendo recebido um lugar muito particular em Klein quando relacionada ao conceito da fantasia, tal elemento está presente e de uma forma bastante violenta, recuperando, inclusive, a dimensão pulsional da agressividade.

Por outro lado, há em Green (1995) uma crítica interessante sobre pensarmos nossos pacientes como bebês e equacionarmos o mais primitivo e profundo como mais importante. Sua afirmação de que a relação mãe-bebê é frequentemente evocada de uma maneira assexuada é digna de ser considerada. Um aspecto em que nos afinamos com Green (1995) em sua crítica à dessexualização é aquele que reconhece uma tendência à transformação, na escuta, de nossos

pacientes em bebês aparentemente assexuados, com cujas mães estabelecem relações igualmente pouco pulsionais. Essa transformação implica na desvalorização dos elementos de conteúdo edípico, supostamente mais superficiais em uma análise, em favor da escuta do que há de mais arcaico. As implicações clínicas envolvidas nessa operação são fortes e demandam reflexão.

Há algum tempo esse elemento se fez presente em uma discussão clínica de inspiração kleiniana que abordava os meandros da análise de um adolescente. Em dado momento, uma analista experimentada, contrariou a fala hegemônica de que o paciente funcionava psiquicamente como um bebê, para recuar ainda mais ao afirmar que ele poderia ser pensado como ainda não tendo nascido, como se ainda não tivesse passado pela experiência do nascimento. Este recorte nos permite reflexões sobre o recuo para uma relação mãe-bebê que se torna cada vez menos sexuada, muito embora houvesse abertura no caso para a escuta de momentos de movimentação na análise quando se insinuava, por diversos momentos, a existência de um outro da analista, o que, por sua vez, poderia acenar para uma terceiraidade que dá potência à análise.

Isso me faz concordar com Green (1995), quando afirma que as questões edípicas e genitais não estão ausentes nos casos clínicos apresentados, mas são colocadas de lado em favor de outras supostamente mais primitivas. Mais do que isso, a leitura do primitivo como assexual e opondo-se a um manejo considerando a terceiraidade têm implicações clínicas radicais. Não é o mesmo considerar ou não o Édipo como organizador psíquico, ter ou não uma terceiraidade na escuta.

"Jogar com os termos não elimina o fato de que há, nos kleinianos contemporâneos, dessexualização, por trás de uma relação de objeto que rompe suas amarras com o sexual como atestam suas apresentações clínicas." (GREEN, 2003, p.36). Não dessexualizar a escuta psicanalítica e incluir a terceiraidade no trabalho clínico não implica adotar uma visão linear da sexualidade freudiana, como se fosse possível dividir os sujeitos em tipos genitais e não-genitais, privilegiando que se alcance o primeiro dos casos. A sexualidade se faz presente, por exemplo, quando é possível reconhecer no arcaico a pulsionalidade que lhe é devida.

Remetamo-nos agora ao caso de uma jovem que, no início de sua análise, trazia através da fala sua captura no materno, e com muita vivacidade rememorava situações de fracassos na infância que a faziam ainda sofrer e encontrar dificuldades no contato com os pais. Certa vez trouxe um sonho em que tentava se proteger de um tsunami que devastaria a cidade. De fato, em sua análise o outro era muitas vezes vivido como uma onda capaz de levar consigo tudo o que ela buscava construir. As sessões chorosas, que ocuparam grande parte de seu processo, aos poucos foram cedendo espaço para a instauração de conflitos, que a análise ajudava a sustentar. Um dos que tiveram maior destaque foi aquele em relação ao namorado, ao mesmo tempo tão amado e tão pouco desejado. Esse desencontro entre o amor e o desejo passou a lhe causar incômodo. Ao abordar tal mal-estar, a paciente passou a construir hipóteses sobre sua falta de desejo que, mais do que isso, beirava a repulsa: seu corpo com "seios"(em função da gordura), seu jeito delicado, seu cuidado excessivo para com ela, sua forma de tratá-la como uma boneca... De fato uma boneca não deseja, lhe disse a analis-

ta. Ela passou a lembrar de seu antigo namorado, que conseguia lhe despertar o erotismo. No namoro atual a paciente passou a experimentar a sensação de estar sendo invadida, de sentir nojo diante do "jeito grudento" do parceiro. Seria este um elemento sem importância? Esse nojo, que poderia ser visto negativamente, foi-se delineando como um movimento psíquico bastante interessante que parecia remeter ao recalçamento de algo incestuoso.

Em um caso como esse, o surgimento de impasses ligados à relação amorosa com o namorado não pareceu, nem de longe, algo superficial e de importância secundária. Ao contrário, continha o efeito de uma análise em movimento. Se a emergência desses conteúdos era uma defesa, ela o era no sentido fundamental do termo, em seu aspecto estruturante. Surge um conflito, e a paciente deixava vir à tona o mal-estar da captura no materno, e pôde colocar algum dique às invasões que sentia.

A posição do analista, nesse caso, não se restringia a dar continência à queixa trazida, mas em auxiliar para que um conflito pudesse ser instaurado e sustentado. Por traz desse manejo está uma escuta que considera a captura no materno como intensamente sexual e incestuosa. O fato de o conflito ir tomando forma dá sinais de que a sexualidade está em jogo na escuta: o nojo vai sendo entendido como dique em relação a uma barreira contra uma sexualidade incestuosa e, concomitantemente, a paciente passa a falar da falta sentida em relação a uma posição de mulher.

Em uma tentativa de provocar Laplanche em sua proposta de ser o pioneiro em conceber a mãe como primeira sedutora, Green (2003) relembra as afirmações de Freud em seu *Esboço de Psicanálise*:

Este primeiro objeto se completa logo na pessoa da mãe, que não só nutre, mas também cuida e desperta na criança tantas sensações corporais, tanto prazerosas como desprazerosas. No cuidado do corpo ela se torna a primeira sedutora da criança. Nessas duas relações se arraiga a significância única da mãe, que é incomparável e se fixa imutável para toda a vida, como primeiro e mais intenso objeto de amor, como protótipo de todos os vínculos posteriores de amor... em ambos os sexos. (FREUD, 1940 [1938] 2003, p. 188, tradução nossa)

Em um artigo que também se propõe a discutir o livro de Green (2000), Violante (2003) acredita que as críticas que atribuem a Klein e Fairbairn o desvio dessexualizante da Psicanálise estariam deslocadas no que diz respeito à Klein, uma vez que a autora não considera que em Melanie Klein a relação mãe-bebê seja assexuada.

Em seu artigo, Violante (2003) não poupa Winnicott e Bion da lista de autores que teriam descentrado os conceitos psicanalíticos de desejo e libido em suas formulações teóricas. Também não escapou às críticas Anna Freud, que teria contribuído de forma precursora para que ruíssem as pedras angulares da Psicanálise.

Concluo que é com Anna Freud, a qual encontra respaldo no "Grupo do

meio", que as três pedras angulares da Psicanálise - o inconsciente, a sexualidade e o complexo de Édipo; o recalque e a resistência; a transferência - com as quais Sigmund Freud construiu o edifício psicanalítico, mais do que deslocadas, começam a ruir, tendo sido paulatinamente removidas de tudo aquilo que é hoje, Psicologia, mas jamais Psicanálise. (VIOLANTE, 2003, p.67)

Se podemos questionar o papel atribuído por Green (1995) à Melanie Klein na tarefa de retirar o peso do sexual, não é possível desconsiderar a argumentação de Green como um todo. Ela traz uma reflexão fundamental a respeito de um movimento psicanalítico contemporâneo visível para quem se proponha a observá-lo. De quem tal movimento é tributário? De Breuer, Jung, Anna Freud, Fairbairn, Melanie Klein, Winnicott ou Bion? A esta pergunta não há uma resposta que encontre consenso. Não propomos o núcleo da questão como a busca por um autor determinante.

Ao abordar a forma como se movimenta o pensamento analítico, Laplanche (1988) afirma que ele se faz "por repetição e ruptura, por banalização e reafirmação, por circularidade e aprofundamento. Os momentos inovadores são também retorno à fonte." (LAPLANCHE, 1988, p.52).

Podemos considerar o momento da Psicanálise contemporânea como tendendo à banalização da sexualidade e de seu impacto subversivo atribuído por Freud, como num recuo pré-psicanalítico às tentativas de retirar a sexualidade do centro das tematizações, seja por um não reconhecimento clínico de seus elementos, à imagem de Breuer, ou numa proposital retirada de importância do sexual, ao melhor estilo junguiano.

Quando se faz a crítica a movimentos que se afastaram do sexual na Psicanálise não o é no sentido da condenação de um ou outro autor em especial. Não há valor em tal debate se ele significar buscar um culpado e circunscrever nele o problema. Faz sentido, isso sim, se pudermos entender que há movimentos na Psicanálise que, para privilegiar um campo e ampliar a compreensão de certos aspectos, acaba deixando de lado alguns pontos importantes que precisam ser levados em conta. A função de artigos como este é de sensibilizar a escuta analítica para o que ficou de lado e precisa ser resgatado, no sentido de uma reafirmação. Se for um problema circunscrito a um autor, seja ele M. Klein, Fairbairn, A. Freud ou Winnicott, isso nos desimplica. A ideia, ao contrário, seria que pudéssemos nos remeter à nossa clínica buscando encontrar nela uma presença viva e operativa do sexual.

NOTAS

¹ Neste momento Green (1995) não nomeia a quais vertentes psicanalíticas está se opondo, mas é possível depreender do texto que se trate das orientações ligadas à teoria das relações de objeto.

ARTIGO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Estudios sobre la histeria. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 24v. v.2. (Obra originalmente publicada em 1895).

_____. Carta 69 a Fliess. Fragmentos de la correspondencia con Fliess. (1950 [1892-99]). In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. 24v. v.1. (Obra originalmente publicada em 1897).

_____. Tres ensayos de teoría sexual. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 24v. v.7. (Obra originalmente publicada em 1905).

_____. Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 24v. v.14. (Obra originalmente publicada em 1914).

_____. De la historia de una neurosis infantil (el "Hombre de los Lobos"). (1918 [1914]). In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. 24v. v.17. (Obra originalmente publicada em 1918).

_____. Más allá del principio de prazer. (1920). In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. 24v. v.18. (Obra originalmente publicada em 1920).

_____. Esquema del psicoanálisis. (1940 [1938]). In: _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. 24v. v.23. (Obra originalmente publicada em 1940[1938]).

FREUD, S. Carta 312. In: FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. William McGuire (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Carta escrita em 1912).

GREEN, A. Sexualidade tem algo a ver com Psicanálise? **Livro Anual de Psicanálise**, Tomo XI, São Paulo: Escuta, 1995, pp. 217-229.

_____. A mãe morta. (1980). In: _____. **Narcisismo de vida Narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. **As Cadeias de Eros**. Lisboa: Climepsi, 2000.

_____. O desencadeamento do significante enigmático dessignificado no processo tradutivo-destrutivo autoteorizante. Sobre o interesse de ler bem Jean Laplanche. **Psicanálise e Universidade**, n.19, São Paulo, 2003.

HINSHELWOOD, R.D. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992

JONES, E. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

JUNG, C.G. Carta 313 J. In: FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. William McGuire (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Carta escrita em 1912).

KLEIN, M. **A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LAPLANCHE, J. É preciso queimar Melanie Klein? In: LAPLANCHE, J. **Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

_____. "O pré-genital freudiano: na armadilha. Sobre o livro de André Green: As cadeias de Eros. Atualidade do sexual". **Psicanálise e Universidade**, n.19, São Paulo, 2003.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

URRIBARRI, F. André Green: o pai na teoria e na clínica contemporânea. **Jornal de Psicanálise**, v. 45, n.82. São Paulo, 2012.

VIOLANTE, M.L. Quem (des)sexualiza a Psicanálise. **Psicanálise e Universidade**, n.19. São Paulo, 2003.

APORTE A LA METAPSICOLOGÍA DE LA ADICCIÓN

CONTRIBUTION TO THE METAPSYCHOLOGY OF ADDICTION

Rafael Marucco¹

Resumo: Acredita-se que uma metapsicologia bem compreendida é encontrada no campo entre o analista e o paciente. O campo construído por ambas as pessoas vai construir uma metapsicologia específica para cada caso. Então, o que vou desenvolver é apenas uma de muitas possíveis leituras da metapsicologia da adição. Para entender as ideias desenvolvidas, a estruturação psíquica será direcionada para: Édipo, o narcisismo e a pulsão da morte, a fim de investigar a hipótese sobre o vício que é ordenado sob estes três eixos.

Palavras-chave: Metapsicologia, Adição, Édipo, Narcismo, Pulsão de morte.

Abstract: It is believed that well understood metapsychology is found in the field between analyst and patient. The field built by both people will build up a specific metapsychology for each case. So the one that I will develop is only one of many possible reading of metapsychological of addition. To understand the developed ideas the psychic structuring will be directed into: Oedipus, narcissism, and the death driving, in order to investigate the hypothesis about the addiction which is ordered under these three axes.

Keywords: Metapsychology, Addiction, Oedipus, Narcissism, Death driving.

La idea de pensar la metapsicología de la adicción, obliga a hacer una aclaración. La pretensión de encontrar una explicación metapsicológica debe separarse rotundamente de la explicación. Creo que la metapsicología bien entendida se encuentra en un campo que se da entre un terapeuta y su paciente. En el campo constituido por ambos, se construirá una metapsicología específica para cada caso. Por lo tanto ésta que daré es sólo una de las tantas posibles miradas metapsicológicas de la adicción.

Voy a separar para una mejor comprensión de estas ideas, la estructuración psíquica en: Edipo, narcisismo y pulsión de muerte. Para así desarrollar una hipótesis acerca de la adicción que se ordenará bajo estos tres ejes. Aclarado este punto colateral voy a una hipótesis que creo es compartida por varios autores, entre los que se encuentran Charles Melmann, Sylvie Le Poulichet y fundamentalmente Joyce Mc Dougall.

Esta hipótesis es que la adicción como cuadro psicopatológico está en relación a la estructuración narcisística, que va a involucrar tanto el eje edípico (la función de los padres y el complejo de castración a él relacionado), como

¹Psicólogo, Psicanalista, Egresado de La Facultad de Psicología de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Candidato del Instituto de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina (APA).

también a la economía psíquica como forma de organización en relación al eje pulsión de vida, pulsión de muerte. Es decir, la adicción como una consecuencia de una mala organización narcisística y por lo tanto una defensa frente a precariedad del yo que se da en parte por fallas en las funciones paternas y la liberación de la pulsión de muerte como efecto de la desligadura que se produce en el cortocircuito sintomático.

La idea central será esta: La adicción es un síntoma, un síntoma particular, que se establece como defensa, ante el fracaso del yo frente a los requerimientos de la pulsión. Hablo de síntoma particular porque si bien la adicción no es una estructura como puede ser la psicosis, se establece, no obstante como un síntoma con tanto poder que termina por "copar" toda la estructura. Es lo que después vemos como el funcionamiento adictivo independizado y muchas veces descontrolado.

Entonces para hablar de la metapsicología de la adicción, vamos a tener que ponernos de acuerdo en la noción de estructuración psíquica. Desarrollemos por ello la idea que encierra el concepto de narcisismo.

Como estructura, el narcisismo es un sistema de equilibrio psíquico, que involucra al sentimiento de sí o autoestima; o sea al yo y su funcionamiento. Es el sistema de equilibrio libidinal. Recordemos que Freud (1914/1988) hacía responsable al narcisismo (su sistema y funcionamiento) de la capacidad de amar o amarse. El narcisismo es un punto clave en la teoría freudiana, tanto que de él depende una de las definiciones de salud. En este punto debemos aclarar que la estructura narcisística nunca es del todo fuerte. En realidad siempre es muy precaria. Nuestro sentimiento de sí, la autoestima, es un sentimiento muy variable y dependiente en grado sumo, del otro y de la realidad, que siempre aportan una gran inestabilidad al yo. Es decir que para poder amar y estar sanos, dependemos de que el objeto acepte nuestro amor y nos brinde el suyo. Pero si el objeto se resiste entonces esa dicha y felicidad de complacencia con uno y el mundo, mostrarán su carácter de ilusión modesta y barata.

Lo que está en la base de este problema es la vivencia de desamparo (*Hilflosigkeit*). Esta situación inicial del aparato tiene un efecto contrario en el narcisismo, que justamente es necesario (el sentimiento de autoestima elevada) como fuerte rechazo (negación) de esta vivencia de desamparo y su derivado la angustia de castración post-edípica.

El narcisismo, entonces, es una estructura que tiende a desmentir la desnudez y fragilidad que deja el desamparo inicial. Por lo tanto toda vivencia que ponga en jaque la estructura narcisística, generará un dolor en el aparato. Dolor que tenemos que entenderlo como una ruptura en el psiquismo. Dolor que tendrá entonces, un efecto en el psiquismo. Y éste, es un cambio en el modo de funcionamiento psíquico. Quiero decir, cuando un sujeto se encuentra atravesado por un dolor, su principal objetivo ya no es pensar sino huir.

El narcisismo, tal como me hizo reflexionar Cothros (2010), depende según Freud (1914/1988) de tres puntos que serán el cimiento de la estructura: 1. La experiencia del amor de los padres que permite la ilusión de la omnipotencia

infantil (el yo ideal). Sin este pasaje no podría ni siquiera pensarse nada. 2. de la idealización a los padres (ideal del yo) que es un resguardo frente a la "medida" del yo (ideal) cuando la realidad le impide mantener la ilusión de omnipotencia; "cada vez que el yo no se contenta consigo mismo, encuentra un refugio en el Ideal del yo", nos dice Freud y 3. de los logros en la realidad exterior (vivencia de satisfacción). Finalmente, basta aclarar que Freud considera al narcisismo no sólo como una estructura sino también como un sistema. O sea, que como sistema, si falla uno de estos ejes, va a verse comprometido el todo. Entonces cuando un sujeto no logre un equilibrio narcisista, tanto porque no fue investido por los padres como ideal (yo ideal), como porque no haya podido idealizar a los padres (ideal del yo), como porque la realidad no le permitió experimentar logros (vivencia de satisfacción), el sistema todo fallará. Consecuentemente se verá en la necesidad de sobrecompensar en algún punto el sistema de equilibrio perdido; buscará investir su yo, idealizar al otro, sobreadaptarse o retirar toda libido de la realidad. Adelantando algo, es aquí donde la droga actúa adecuándose a las necesidades subjetivas de cada sujeto.

En la teoría psicoanalítica, llamamos trauma a estos episodios. Los traumas son vivencias de dolor, concretas o no, pero reales para el aparato, que instalan un funcionamiento especial. El funcionamiento económico.

Ahora, ¿qué pasa cuando un sujeto se encuentra con el dolor? Su aparato ya no está orientado en la búsqueda del placer, sino que busca escaparse del dolor. Que luego la cesación del dolor sea sentida como placentera no nos debe llevar a confundir los términos, el placer es una consecuencia de la evitación del dolor (incremento en el aparato) pero no la finalidad inicial. Por decirlo de alguna manera la regulación es económica y no cualitativa. El placer sentido es el inicio de una cualificación posterior. La droga, según mi experiencia está siempre más relacionada como tratamiento para el dolor que como búsqueda de placer. Y de hecho al poco tiempo ningún adicto, al menos de los que yo haya atendido, sentía placer al drogarse, más bien era una necesidad que calmar o si se buscaba el tóxico con la promesa de placer, el acto adictivo terminaba siempre acompañado de un malestar casi insoportable. Y el hecho de que el paciente sepa con anterioridad que el circuito adictivo termina siempre en dolor, no hace otra cosa que mostrar el carácter de una repetición compulsiva. Por otro lado hay que recordar que en la economía psíquica siempre el exceso es sentido como displacer, y es ello lo que continuamente repite el adicto.

Ahora bien, para escaparse del dolor el sujeto va a hacerlo o bien re trayéndose narcisísticamente o buscando identificarse con un ideal. Y en este punto, el adicto buscará el tóxico, que no es otra cosa que un objeto idealizado y por lo tanto un objeto narcisístico, que en el fondo le permite la retracción para poder regular el sistema narcisístico.

Voy a traer una idea acerca del narcisismo y su articulación con el Edipo que trabaja muy bien Abadi (1984) y permite pensar algo con respecto al sentido de la droga. La idea central que trae Abadi (1984) es que Narciso para convertirse en Edipo tiene que poder poner en juego su ser, en una operación simbólica. Es decir el sujeto debe renunciar a la omnipotencia narcisística en

reconocimiento de un otro, y para ello debe poder realizar cierta negociación psíquica con el objeto (sea éste el mundo, la cultura, o un otro). Recién ahí se produce, entonces la metamorfosis de Narciso a Edipo. Las relaciones objetales y el reconocimiento de que éstas limitan la omnipotencia del ese "yo ideal", y determinan que el sujeto haga un pleno reconocimiento del valor psíquico del objeto. Pero, aclara Abadi (1984), lo hace con una trampa, renuncia a su omnipotencia, delegándola en un otro (la cultura, dios, el padre, etc.). Este acto es una trampa, porque si bien implica una resignación, también es una defensa. Cuando el sujeto entrega su propio narcisismo a un otro, la omnipotencia delegada, es conservada de alguna manera.

Entonces tenemos que el reconocimiento del otro, el deseo del otro (la madre como ejemplo), implica la pérdida de la omnipotencia narcisística y el reconocimiento de la relación de dependencia (reconocimiento que, desde este punto, es depresivo y angustiante, porque remite la experiencia de desamparo). Entonces para desear tiene que perder esa omnipotencia que niega la realidad, pero tiene que hacer algo para conservarla a fin de no angustiarse y deprimirse demasiado; y por lo tanto negar otra vez la vulnerabilidad de alguna manera.

¿Qué hace? Una parte la delega en los padres idealizados. "Acá Narciso, convertido en Edipo, siente que tiene que reintroyectar la omnipotencia que había proyectado en ellos. Siente que el dueño de esa omnipotencia es el dueño del falo, o sea el padre, y el símbolo de esa condición fálica es la posesión de la madre. Surge el deseo de tener a la madre para suplantarlo al padre y así invertir la relación de poder para recuperar la omnipotencia" (ABADI, 1984)

Para ponerlo en fórmula podríamos decir que Edipo desea por Narciso o Narciso desea en Edipo. Dicho de otra manera Edipo es un Narciso. Desea a un otro, pero no a cualquier otro, sino a aquel que le brinda el falo.

Así la identificación padre del Edipo, es el resultado del deseo de volver a la condición narcisista. Esto se hace a través de un rodeo que es necesario. O sea la omnipotencia perdida es reintroyectada vía identificatoria (incorporación del falo paterno, que es la posesión de la madre narcisista): Si se tiene a la madre, se tiene también el falo del padre. Poseer a la madre es reincorporar el Falo que posee el padre (ABADI, 1984).

Creo que esta idea en relación al Edipo como defensa del narcisismo, es clave para comprender el sentido de la incorporación (oralidad) adictiva. Es clave porque la adicción como cualquier otro síntoma debe estar en relación a aquello que nos define como "hombres", y ello es exclusivamente el atravesamiento por el Complejo de Edipo. Dicho de otra manera, más allá que las raíces deban ser buscadas en las relaciones primarias (pre-edípica), éstas jamás llegarán a nosotros (los psicoanalistas, los terapeutas) sin el tamiz que da el Edipo. De allí en más todo será significado a través de él. Lo contrario sería pensar el aparato como un mero resultado de arco reflejo y no como un entramado de subjetividades que impiden que un sujeto sea igual a otro, por más que ambos se droguen de la misma manera.

Entonces ¿Qué le pasa al adicto en este punto? En principio el adicto no tiene dónde proyectar la omnipotencia, ya que no hay padre potente que lo separe de una madre omnipotente que lo fagocita. El logro de esa omnipotencia, será caer por vía tóxica, en la adicción.

La droga tendrá el doble o triple sentido de cumplir con un retraimiento libidinal que lo lleva a un narcisismo primario (yo ideal omnipotente, donde yo soy el placer) y desde allí jugar con la idea de controlar a su antojo los momentos de placer y las evitaciones del displacer independiente del objeto; por otro lado es la representación de un corte con la madre omnipotente, y por lo tanto un llamado al falo del padre, que al ser fallido, lejos de fortalecerlo, lo pasiviza aún más, condenándolo a ser el falo de la madre. Lugar tan mortífero como ideal. Finalmente, y por lo mismo, es el retorno a la madre, por ser siempre una operación fallida de la función paterna.

Si se piensa el circuito así, la adicción es un síntoma psíquico, ya que cada vez se pone en acto la fantasía obtener el falo paterno y se reproduce parte de una verdad psíquica cuando aquel desvanece prontamente.

Hago aquí un paréntesis para fortalecer esta idea con el aporte de algunas líneas al respecto del vínculo entre narcisismo y adicción. En el mito de Narciso, en la versión de Leonardo Pinkler (2006), se narra la historia de un Eros (deseo) que lleva a la muerte, es la historia del extravío del deseo por una imagen.

Narciso nace fruto de la violación que Céfiso hace de Liríope. Céfito era un dios río, que luego de consumir la violación sigue su curso y no se sabe más de él. Así nace Narciso quien resulta sorprendentemente hermoso. A los 15 o 16 años, edad en que todavía podía pasar por niño o por hombre, aclara Pinkler, Narciso tiene muchos pretendientes a quienes no responde. Una vez se pierde en un bosque y al ver que sus compañeros se alejan grita "coeamus" y a su paso sale Eco, una ninfa que tenía la maldición de repetir una y otra vez la última palabra, y responde "coeamus" que tiene un doble significado: significa tanto reunirse como hacer el amor. Narciso la rechaza y Eco se venga castigándolo con una maldición. El castigo de Narciso será que se enamore de una imagen que nunca pueda tocar. Así una vez que tenía sed fue a la fuente a saciarse y encontró su imagen de la que queda "estupefacto", y sin poder hacer otra cosa que contemplar su propia imagen termina muriendo de sed. En ese mismo lugar nace una flor, que lleva el nombre de Narciso.

Se da entonces esta extraña paradoja [idea que me expuso también Cothros (2010)]: Narciso debe romper su propia imagen para acceder al agua y así no morir de sed. Lo que simboliza que Narciso para vivir (acceder a potentemente a lo que desea) debe perder su imagen idealizada y dejar la estupefacción de mirarse a si mismo.

Es notable tres cosas, que la problemática de Narciso empieza en la pubertad, o sea en el momento del deseo del otro y ante el cual Narciso huye asustado, angustiado diríamos nosotros, refugiándose en la idolatría de su propia imagen. Que del padre no hay noticias después del embrazo y la última que Narcisismo proviene de la raíz, Narke (estupefacción), de la cual proviene la palabra narcótico.

Pensemos que la asociación con lo narcótico es esencial para la comprensión del significado del mito. Narciso queda tomado por la fascinación de su imagen, que a la manera del efecto de los narcóticos, lo hacen caer en un ensueño en el que el cuerpo, sus necesidades y sus deseos son adormecidas analgésicamente.

Casualmente la mayoría de las adicciones aparecen en la adolescencia. Y son una forma de recuperación de una imagen narcisística en jaque frente al dolor, que normalmente genera el deseo del otro y la diferencia sexual, es decir la pulsión.

Hay que recordar la experiencia subjetiva de potencia es inherente a un fracaso. Sólo es se potente frente a la posibilidad de no serlo. La liberación, por medio de la vía tóxica, de la angustia (de castración) y por lo tanto narcisista, ligada a probarse ante el otro (representante simbólico de la castración) tiene el precio de la adicción a un objeto (sustituto del falo) y por lo tanto objeto narcisístico.

De hecho etimológicamente de la palabra adicción, que muchas veces se la define refiriéndola a un origen griego como "a" (prefijo de negación) y "dicto" (dicción, palabra) y de ahí la tan popularizada versión de que adicto significa sin palabra, aunque correcta en la realidad clínica, proviene del latín (addictus) y significa "dedicado a o adjudicado". La palabra tiene raíz en el derecho romano donde se llamaba addictus al deudor insolvente que había sido adjudicado al acreedor para que éste cobrase su deuda. La pena o condena no se establecía, como en la actualidad, sobre los bienes del deudor, sino sobre su propia persona. Treinta días después de la sentencia si el deudor no había pagado su deuda, era adjudicado por el juez, al acreedor, quedando así en calidad de addictus y cuya designación proviene de la addictio (adjudicación) que pronunciaba el magistrado. Entonces etimológicamente es: "dedicado a", lo que podría traducirse concretamente por "esclavo".

Parecería, entonces, que el adicto es esclavo por no poder "pagar" con una castración simbólica. Su búsqueda de estar más allá del orden simbólico, lo esclaviza en una exigencia de "poder permanentemente", que se vuelve tiránico y también lo condena al deseo/necesidad de un objeto que se establece como única fuente de seguridad narcisística.

Detengámonos un poco más sobre este punto. El tema subyacente es el de la desinvestidura libidinal y por lo tanto el efecto de la pulsión de muerte en el aparato psíquico; es decir cómo la adicción va a ir reduciendo necesariamente el campo libidinal (erótico) llevando al "objeto droga" a la condición de objeto exclusivo garante de la distancia con el objeto causa del dolor o la angustia que custodia su frágil falidad. Irá matando su deseo de objetos para evitar encontrarse con los traumas de su historia. En este sentido uno de los indicadores de mejoría en los tratamientos es cuando un paciente adicto puede empezar a colocar su libido en otros objetos (vocación, parejas sexuales, intereses diversos, etc.) y no meramente en una abstinencia que muchas veces depende más de un intercambio de objeto adictivo, que muchas veces es el propio terapeuta o instituto de tratamiento, que de un nuevo despliegue libidinal.

Entonces y retomando, la finalidad de la adicción es la de liberarse de estados dolorosos, idea que comparto plenamente junto a Joyce Mc Dougall

(1998) y Sylvie Le Poulichet (2005), referentes inevitables en este tema. Claro que además, ésta liberación tiene un costo que es la neutralización de una parte vital del mundo interno que podemos entender como el deseo. Efectivamente el adicto irá deseando cada vez menos a favor de su "único" objeto, que no es otra cosa que la simbiosis consigo mismo y que al decir de Le Poulichet (2005) es una narcosis del deseo.

Dicho de otra manera, se produce necesariamente una supresión del sujeto, o sea una muerte en vida. La solución adictiva depende de la idealización que se hace del objeto droga, idealización que supone la transferencia de un narcisismo primario perdido. En este proceso se busca un objeto qué desear, para no desear nada más. Este circuito de la pulsión no deja de remitirnos rápidamente al esquema propuesto por Freud (1920/1988) donde la pulsión de muerte cobra una independencia mortífera si se está "más allá del principio del placer".

Es este el circuito, o mejor dicho este cortocircuito, de la droga, que Le Poulichet (2005) va a llamar OPERACIÓN PHARMAKON (algo que es remedio y veneno al mismo tiempo) y por el cual se crea la adicción y que termina como decía antes, en la supresión del sujeto. Esta idea deja muy claramente en evidencia que no es el objeto el que crea la adicción sino que es el sujeto en su sufrimiento, intentando escapar de él, que en una operación defensiva constituye un objeto (en este caso la droga) como adicción.

La droga puede equivaler más a un antidepresivo que intenta suprimir cualquier estado de tensión para el yo que la búsqueda de placer que intentan hacernos creer. Es lógico pensar que el objeto adictivo, lo es, justamente, porque está fuertemente investido, ¡narcisísticamente investido!; está cargado de la ilusión fálica. Así conciente o inconcientemente, el que cae adicto es quien le atribuye el poder de resolver mágicamente la angustia y el vacío. En este sentido es que pienso la droga como un objeto narcisístico. Es decir, la adicción no depende tanto de la sustancia química en sí como del sentido ilusorio.

Finalmente no quiero quitar importancia al lugar de los padres en la génesis de la adicción. El mejor ejemplo que he visto clínicamente es la frecuencia con que las madres de los adictos suelen presentar síntomas "psicosomáticos" y que ellas mismas terminan relacionándolos con la adicción de su hijo, mostrando así la relación histérica de la madre con su hijo. Un ejemplo dramático fue el de una madre que tenía la costumbre de bañar a su hijo, que promediaba los 30 años, cada vez que éste llegaba a su casa intoxicado. Confesó en un grupo, tras decir la "mala sangre" que se hacía por su hijo que padecía de leucemia y que sentía que llevaba así, a su hijo en la sangre. Por otro lado tenemos los padres que cómplicemente han abandonado su función interdictora entre el pacto fálico de la madre con el hijo. En este sentido también es muy común que los pacientes internados suelen enojarse mucho reprochando las "normas" (leyes) de la institución proclamando fuertemente un "¡a mí, ni mi viejo me puso los límites, cree que me los va a poner Ud.!", que creo este discurso y "acto" típico debe entenderse, no meramente como un desafío a la autoridad, sino más bien como una denuncia de la falla paterna y que el terapeuta debe tomar muy en serio.

EN CONCLUSIÓN

La adicción es una respuesta defensiva frente a una estructuración yoica en problemas que no deja lugar a la aventura de la investidura edípica ya que supone una estructura narcisística amenazada por la falla en las funciones parentales (padres fallidos y madres narcisistas).

La adicción se establece cuando un objeto se idealiza como compensación de un sistema narcisístico en jaque, tanto por no haber recibido el amor de los padres, por no haber poseído padres que sostengan una imagen idealizada o que la realidad haya sido devastadora de las vivencias de satisfacción. Se busca entonces y sistemáticamente, a través de la droga una vivencia de satisfacción en la realidad, una incorporación idealizada del falo paterno y un retorno al narcisismo primario del yo ideal y por lo tanto un retorno a la madre fálica.

El acto adictivo busca la descarga rápida de tensión como refiere Freud (1920/1988) en Más allá del principio del placer y en este sentido funciona como una descomplejización psíquica que libera la pulsión de muerte, implica una ruptura de las ligaduras, una pérdida de la función de la represión y es una puesta en acto del dolor.

Por eso yo denomino la adicción ya establecida como un funcionamiento psíquico elemental. En mi criterio y para terminar, este es un recorrido inevitable en la construcción de una metapsicológica de la adicción que debe hacerse con cada paciente.

Entonces, ¿qué es una adicción? Es la consecuencia de una idealización de un objeto al que se le cede el antiguo poder del yo, y por el cual, con su posesión, se recupera la armonía psíquica y por ello entonces, una forma de evitar el dolor. Esta última definición es muy importante clínicamente ya que muchas veces los encargados de tratar a un paciente desconocen su nivel de sufrimiento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADI, M. Narciso y Edipo ida y vuelta. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE PSICOANÁLISIS, 1984, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 1984.

COTHROS, H. **Comunicação Pessoal**. Buenos Aires, 2010.

FREUD, S. Introducción al narcisismo In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, v.14. (Texto originalmente publicado em 1914).

FREUD, S. Más allá del principio del placer. In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, v.18. (Texto originalmente publicado em 1920).

FREUD, S. Tipos libidinales. In _____. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, v.21. (Texto originalmente publicado em 1931).

LE POULICHET, S. **Toxicomanía y psicoanálisis: la narcosis del deseo**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2005.

MC DOUGALL, J. **Las mil y una caras de Eros**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1998.

PINKLER, L. **El mito de Narciso**. Imago Agenda. Buenos Aires, n. 98, 2006.

MEDEIA: A FEITICEIRA DO ÓDIO

MEDEIA: THE WITCH OF HATE

Ana Maria Oliveira da Luz¹

Resumo: A autora aborda o mito Medeia como pretexto para desenvolver e refletir sobre alguns temas e conceitos psicanalíticos. Relata o mito bem como informa sobre as obras que perpassaram o mundo expondo esta tragédia grega. E 'tece' comentários a partir do clímax desta lenda - o infanticídio.

Palavras-chave: Abandono, Vingança, Castração, Tanatos, Infanticídio.

Abstract: The author approaches the Medea myth as an excuse to develop and reflect on some issues and psychoanalytic concepts. Reports the myth as well as reports on the works that have permeated the world exposing this Greek tragedy. And 'weaves' comments from the climax of this legend - infanticide.

Keywords: Abandonment, Revenge, Castration, Thanatos, Infanticide.

"Ah! Como sou infeliz! Sofrimentos cruéis! Ai de mim! Ai de mim! Por que não posso morrer?" (Eurípedes, 431 a.C/2011).

"Ai de mim! Sofro, desventurada, sofro, e não posso conter os meus gritos de dor. Malditas crianças de mãe odiosa, morram com seu pai! Que toda a nossa casa pereça!" (EURÍPEDES, 431 a.C2011).

É a voz de uma mulher. Que mulher será essa que traz na tragicidade das suas palavras e do seu existir tamanha dor e tamanho ódio?!

Escuto estes sons afetivos, fico atraída e sigo na direção deles.

Atravesso o tempo. E me deparo com o feminino chamado Medeia - de Eurípedes. Medeia a temível feiticeira, filha de Eetes (Aietes), rei da Cólquida, neta de Hélio, o Sol, que assombrou e desnudou ao mundo as suas paixões humanas: carregada de amor e ódio, a um só tempo, mata os filhos que teve com o marido. Infanticida.

E é neste contexto de um sujeito de ações desmesuradas que emerge o desafio d'eu me aproximar dessa 'hybris' psíquica e com a ajuda de algumas ferramentas psicanalíticas tentar alinhar algumas ideias e reflexões. Mas antes de abordar o trabalho em si, gostaria de esclarecer alguns pontos sobre o trágico poeta Eurípedes, relatar o mito Medeia e explicitar a noção, 'hybris'.

"Hybris é um termo grego que significa o desafio, o crime de excesso e do ultraje. Traduz-se num comportamento de provocação aos deuses e à ordem

¹Psicanalista, Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro - CPRJ. Especialista em Psicologia Clínica pela PUC-RJ. Especialista em Saúde Mental pelo IPUB-RJ.

estabelecida. A hybris revela um sentimento de arrogância, de soberba e de orgulho, que leva os heróis da tragédia à insubmissão e à violação das leis dos deuses, da pólis (cidade), da família ou da natureza. O conflito que nasce da hybris desenvolve-se através da peripécia (súbita alteração dos acontecimentos que modifica a ação e conduz ao desfecho), do reconhecimento (agnórise) imprevisto que provoca catástrofe. O desencadear da ação dá-nos conta do sofrimento (pathos) que se intensifica (clímax) e conduz ao desenlace. O sofrimento age sobre os espectadores, através dos sentimentos de terror e de piedade, para purificar as paixões (catarse)" ([www.infopedia.pt/\\$hybris](http://www.infopedia.pt/$hybris)).

Eurípedes, o trágico poeta grego, nasceu em Salamina, ou Atenas, em torno de 484 a.C. e, uma curiosidade, cultivava o hábito de meditar em completo isolamento no interior de uma gruta em frente ao mar. Escreveu 92 (noventa e duas) peças de teatro, privilegiando as mulheres em personagens intensamente humanos, verdadeiras heroínas, e muitas vezes ressaltando o caráter tempestuoso de suas paixões como Medeia escrita em 431 a.C. (EURÍPEDES, 431 a.C/2011).

Um pouco mais sobre o mito Medeia.

O enredo de Medeia constitui um entrelaçamento de lendas da profícua mitologia grega. Uma pequena sinopse dessa lenda, penso, ajudará melhor a sua compreensão.

"A tônica da peça é o ódio sobre-humano em que se transforma o amor de Medeia por Jasão, quando este a repudiou para se casar com a filha do rei da terra que os acolhera. A essa terrível humilhação seguiu-se outra que precipitou a decisão de Medeia: Creonte, o rei, pai da nova noiva de Jasão, decretou a expulsão de Medeia e de seus filhos de Corinto.

Medeia era conhecida nas lendas da Antiguidade por seus poderes mágicos extraordinários. Sua terra, a Cólquida de onde Jasão a trouxera, era famosa pelas aptidões sobrenaturais de seus habitantes, hábeis feiticeiros e conhecedores de todos os segredos de magia.

A peça evolui de uma Medeia abatida, deprimida pelo repúdio do marido, esposa traída que definhava no leito e nem sequer levantava os olhos, aparentemente conformada com a sorte, para uma mulher animada por um terrível desejo de vingança e extermínio, que não se detinha sequer no infanticídio, como vindita extrema para aniquilamento total do marido perjuro. O amor ciumento de Medeia em sua evolução para o ódio assassino, seu orgulho ferido (por que, também, não fazemos alusão a uma ferida narcísica?), sua ferocidade, sua astúcia são "pintadas por Eurípedes com mão de mestre" (EURÍPEDES, 431 a.C/2011).

O infanticídio, aborto de um projeto de imortalização, lembrança deformada de ritos iniciáticos ou de crime passionai, torna-se um ato pulverizante e 'bárbaro' que fez com que o nome de Medeia fosse mal acolhido desde a Antiguidade. De 'princesa'/'feiticeira' à exilada/estrangeira, pertencente ao mundo dos errantes, torna-se um sujeito vindo de um alhures inquietante (BRUNEL, 1998).

Talvez se por um lado há um repúdio à história de Medeia por parte dos

expectadores/ leitores, por outro lado, quem sabe, fascina a mesma platéia pelo caráter "monstruoso" contextualizado no plano das antinomias bárbara/civilizada, estrangeira/autóctone (BRUNEL, 1998).

Ratifico o sucesso da fascinação por Medeia pelo histórico de alguns poemas, literaturas, óperas, filmes e peças teatrais escritas em variadas versões através dos tempos até os dias de hoje.

Medeia - presente em fragmentos de poemas épicos gregos, como os Corínticos de Eumelo (século VII a.C.), que se referem ao poder soberano da feiticeira sobre Corinto, [...] - é citada por Hesíodo (*Teogonia* V. 992-1002) no rapto da heroína por Jasão em Cólquida, sua chegada em Iolcos e o nascimento do Medo (filho que Medeia teve com Egeu após praticar o filicídio).

Com a *Quarta Pítica*, o poeta Píndaro iria dar a imagem definitiva de uma Medeia dotada do dom da profecia, estrangeira versada no conhecimento das drogas ("pamphármacos xeína"), apaixonada por Jasão, figura capital na busca do Tosão (Velocino de Ouro), arrebatada da Cólquida pelo Argonauta, e assassina de Pélias.

Os trágicos gregos deveriam apresentar diferentes aspectos do mito através das peças das quais subsistem alguns fragmentos: Ésquilo, em *As Amas de Dionísio*, evoca Medeia rejuvenescendo Híades; Sófocles, com *As Colquidianas*, sublinha o papel da bruxa que ajuda Jasão [...], oferecendo-lhe o ungüento de Prometeu e matando Absirto (irmão de Medeia); já em *Os Rizotomos (As Feiticeiras)*, ele iria referir-se à morte de Pélias depois da colheita das ervas necessárias ao rejuvenescimento.

Eurípedes em *Pelíades* - outra tragédia grega - deveria fixar-se no caráter hipócrita e maléfico da feiticeira [...]. Bem diferente é a figura da jovem mágica, [...], desenvolvida nos livros III e IV do poema épico de Apolônio de Rodes, *Os Argonauticos* (séculos III e IV a.C.).

Na literatura latina, as tragédias de Ênio (*Medeia em Corinto e Medeia no exílio*), de Pacúvio (*Medos*), e de Áccio que se inspirou em Apolônio, atestam, nos séculos II e I a.C., um período de emergência do mito.

Ovídio, na *Oitava Bucólica* (v.43-49), Livro II das *Metamorfoses*. E na *Heróide XII*, Ovídio retrata a dor de Medeia quando Jasão a abandona por causa de Creusa (Glauce).

Medeia de Sêneca [...] é uma alma extraordinária, cuja grandeza monstruosa é representativa do sublime invertido e ligada aos tratados morais dos estóicos.

No primeiro século depois de Cristo: *Os Argonauticos* de Valério Flaccus; e o poema *Medeia* (século V) de Dracônico.

Na literatura medieval do século XII ao XIV: Medeia torna-se personagem episódico dos *Romances de Tróia*. Benoît de Sainte More, o flamengo Jacques van Maerlant, o italiano Guido delle Colonne e o inglês John Lydgate remonta-
rão a Ovídio para evocar a imagem da princesa apaixonada [...]. Além de citada

em O Inferno de Dante (XIII,v.86-98) , nas coleções ibéricas (*Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende), em *Los infiernos de amor* do poeta espanhol Santillana , na *Égloga Andres* do português Francisco de Sá, em *De Mulierbes claris* (Mulheres famosas) de Boccaccio" (BRUNEL, 1998).

Falei em filmes acima e gostaria de citar dois cineastas que levaram Medeia para as telas de cinema: Pier Paolo Pasolini ("*Medea*"/1969). E aponto uma curiosidade - este filme chegou ao Brasil com o título "Medeia: a feiticeira do amor". Pasolini se inspirou na obra clássica de Eurípedes e apresentou a oscilação de uma Medeia entre o humano e o divino, o maldito e o sagrado, o perdoável e o injustificável.

Lars Von Trier, ("*Medea*"/1988), lança um olhar para o funcionamento psíquico da mente de uma mulher perturbada e as suas conseqüência ao ser abandonada e desprezada pelo seu marido.

Enfim, ainda há inúmeras Obras produzidas sobre Medeia - mito enigmático, estarecedor e atraente que caminhou através dos séculos e continua a caminhar, navegando por mares, rompendo fronteiras, 'pisando' em tantos continentes para quem quiser abordá-la ou mesmo interrogá-la.

Interessante ressaltar que Medeia iria ter desdobramentos, em nossos dias, com a peça Gota d'água (1975), dos brasileiros Paulo Pontes e Chico Buarque de Holanda. Esta peça é uma transposição da aventura de Medeia para as favelas (BRUNEL, 1998).

Atualizo Medeia. E associo o mal estar causado pelo tema de Eurípedes ao texto de Freud "*O Mal - Estar na Civilização*". Nele, o pai da psicanálise resalta que "*o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: (1) da degenerescência do nosso próprio corpo; (2) do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; (3) e finalmente de nossos relacionamentos com os outros homens*" (FREUD, 1930/1976, p.49). Este último, talvez o mais penoso para o sujeito.

Trago Junito Brandão e faço um paralelo ao segundo ponto de sofrimento referido acima. Diz ele: Medeia não é apenas a esposa sanguinária e vingativa, mas as forças cegas e irracionais da natureza (BRANDÃO, 1984). Forças cegas, forças pulsionais, sujeito do desejo. E, aqui, impossível não buscar a clínica, a nossa escuta, aos que nos procuram com os seus sofrimentos, com sua Angústia e emoldurá-la. Pois há vários destinos para a angústia e um deles pode ser a expressão do desejo do sujeito encontrar representantes/representações para a sua vida pulsional, muitas vezes devastadora e perigosa e que sem eles se exprimiriam no ato e destruição (François Perrier, in BIRRAUX, 1992).

E, quanto às forças vingativas (Tanatos) de Medeia, pesquiso o livro "*Lembra-te De Que Sou Medeia*" de Isabelle Stengers e esta autora coloca "que talvez seja melhor introduzir no lugar de vingança, [...] o termo grego, pânico. Quando Medeia compreende que Jasão vai abandoná-la, que a história deles, dolorosa e criminosa, vai ser apagada sem deixar outros vestígios a não ser aqueles, intoleráveis, de sua própria memória, ela é invadida por um verdadeiro pânico. [...]Esses

empreendimentos, para ela, eram os laços gloriosos que proclamavam um amor na medida do seu ser. E, de repente, o mundo se torna vazio, a memória amiga debochada, obscena. Medeia, a mulher, sabe que vai morrer, por causa disso, se não chamar a Outra" (STENGERS, 2000). Ou seja, a irracional, a estrangeira, a desconhecida. Enfim a desmesurada. Diz Medeia: "para quem procura a minha morte posso ser cruel" (STENGERS, 2000).

E privilegio - ao enigma da Medeia pulsional - a terceira questão que Freud (1930/1976) aborda sobre o sentimento penoso das relações entre os sujeitos. No caso de Medeia essas relações foram vividas de modo tão exacerbado que despertou afetos no limite do habitualmente aceitável no humano. Para melhor compreender sua reação paroxística vamos tentar nos acerrar do perfil da sua subjetividade.

Medeia é apresentada como revestida de onipotência. É mulher plena de poderes, parece completa. Como veremos mais adiante em algumas ocasiões elidia o masculino mais próximo de si que obstaculizava os seus movimentos.

Ora, a pergunta que fica então é: como uma mulher que se apresenta como tão inteira vai se ligar a um homem, considerando que a aproximação masculino/feminino em princípio se dá pelo regime da falta?

Penso ser pontual colocar e explicitar então alguns antecedentes de Medeia antes da eclosão da tragédia - infanticídio.

"Jasão, ao atingir a maioridade, teria direito ao trono de Iolcos. Enquanto o pai, Áison, o preparava para o reinado entregou o poder a um primo, Pélias, que, chegada a hora de passar o trono a Jasão, recusou-se a fazê-lo e desterrou Áison. [...]. Jasão, algum tempo depois, apresentou-se a Pélias e ousadamente lhe exigiu de volta o reino usurpado. A decisão e a popularidade de Jasão intimidaram Pélias que, lembrou a Jasão que Aietes (Eetes), rei da Cólquida, tratara desumanamente Frixo, parente de ambos, e o matara para apoderar-se do Velocino de Ouro (pele de um carneiro prodigioso, alado, com lã de ouro). Pélias alegou que já era idoso para empreender, ele próprio, a viagem punitiva e exortou Jasão a fazê-lo, prometendo-lhe o trono caso ele regressasse vitorioso.

A expedição embarcou na nau Argo. [...]. À chegada dos "Argonautas", Aietes (Eetes) que, segundo a lenda era filho do Sol, prometeu entregar-lhes o Velocino de Ouro se Jasão pudesse realizar, em um mesmo dia, quatro proezas consideradas impossíveis. [...]. Mas, Hera, deusa mulher de Zeus, que simpatizava com Jasão, teria feito com que Medeia [...] ficasse perdidamente apaixonada por Jasão e promettesse, se este jurasse casar com ela e lhe ser eternamente fiel, ajudá-lo a vencer, com seus poderes mágicos todas as provas sobre-humanas.

Os "Argonautas" reembarcam na Argo. Jasão ia levar consigo, além do Velocino e Ouro, a apaixonada Medeia. Aietes (Eetes), ao tomar conhecimento da fuga da filha e da proteção que esta dera a Jasão através dos seus poderes mágicos, mandou seu filho Absirtes em perseguição aos fugitivos. Medeia matou seu irmão, e esquartejou o cadáver, espalhando-lhe os membros pelo caminho para desnortear o pai quando este viesse também em sua perseguição.

O regresso dos "Argonautas" a Íolcos foi celebrado com grandes festas, às quais o pai de Jasão, Áison, não poderia comparecer por causa de sua avançada idade. Medeia, com seus remédios mágicos, devolveu-lhe a juventude. Pélias, o usurpador da coroa de Íolcos, também quis ser rejuvenescido, mas Medeia, instigada por Jasão, deu às filhas do rei, para aplicação no pai, uma receita, propositadamente errada, que o matou (EURÍPEDES, 431 a.C/2011).

A revolta da população de Íolcos contra Medeia e Jasão foi tão forte que os dois tiveram de fugir para Corinto, onde viveram em perfeita união durante dez anos. Nessa altura, porém, Jasão apaixonou-se por Glauce (Creusa), filha do rei de Corinto (Creonte), e repudiou Medeia para poder casar com seu novo amor (EURÍPEDES, 431 a.C/2011).

A partir do desfecho que Medeia realiza frente ao abandono infligido por Jasão, farei alguns comentários a seguir.

Quem era Medeia? A mulher poderosa, ícone do feminino, e, que, como supracitado, já era sanguinária - mata o irmão, para não atrapalhar a sua empreitada com Jasão e, incitada, mata o rei Pélias, o usurpador do trono de Jasão.

Medeia era (e é) um grito, um berro, um clamor atroz que ecoava e que ecoa aos ventos, e, estes, nos trazendo o estarrecimento face a sua imagem do caos e das forças maléficas. Às trágicas forças e a sua intensa radicalidade Medeia 'impõe' questionamentos e reflexões que se vivenciam como vida.

E, também, chama a atenção a sua posição frente ao masculino. Parece que é matando, esquartejando e elidindo um masculino que a sua onipotência estaria "a salvo", digamos assim.

Onipotência! Uma particularidade, que acredito ser pontual, deste mito/mulher - Medeia, com a sua "sede" de ter o domínio frente ao mundo do homem/masculino, na prática da sua imortalização, tenta gerar seus filhos sem o recurso do sêmen masculino, mas sim, através de beberagens (magias). Beberagens, estas, que eram prioridades do universo dos homens arcaicos gregos.

Uma pausa para introduzir alguma literatura psicanalítica e associá-la ao relato do meu trabalho.

Utilizo-me de ideias sobre temas referentes ao campo dos afetos e conceitos psicanalíticos a partir, também, do livro *Ressentimento* de Maria Rita Kehl (2004). O objetivo é refletir sobre o 'Efeito Medeia' e, desse modo, abordar a marca do abandono experienciada por ela e que poderia tê-la lançado numa posição melancólica, vitimizada, com uma ferida narcísica 'eterna' favorecendo a esta 'feitiçeira' tornar-se 'presa' de um profundo ressentimento. Mas o ressentimento em Medeia foi um lampejo e se dissipou numa velocidade de um relâmpago.

Por que afirmo isto? Pois segundo Kehl, o ressentimento é cronificar o sujeito numa posição passiva, invejosa e destrutiva à distância. Desta posição, como bem sabemos, se afasta Medeia, já que ela é afetada pelas forças irracionais da pulsão de morte (Tanatos).

Sendo assim, não há mais realidade, afeto, laços e sim, apenas, o desencadear de um ódio que se materializa numa atitude de uma vingança cruel - mata os filhos. Dessa maneira, reforço que a atitude de Medeia ao contrário de ressentimento foi uma atitude de "*coragem vingativa*" (KEHL, 2004).

Examinemos agora a forma dessa vingança: ela mata os filhos de Jasão e não os seus filhos, pois já não os possuía. Medeia não era mais nem mulher, nem mãe e sim a feiticeira do ódio. Tratava-se, desse modo, de infligir a Jasão o castigo da castração, e seguindo Brunel (1998), a sua imortalização através da descendência. E Medeia, neta do Sol, sem sombras, deixa-se ver na face do seu crime. Medeia, mais uma vez, age no tom de uma barbárie, libertando a estrangeira, ou seja, "a parte obscura de nós mesmos" (ROUDINESCO, 2008).

Ora, este movimento ensandecido, o de castrar, pois é disso que se trata, o ex-marido nos dá uma 'pista' de como Medeia vivenciou o abandono - em espelho. Em espelho! E, dessa forma, podemos propor a ideia de que foi desta maneira que Medeia viveu/sentiu a sua separação: significou para si parte da perda do seu corpo.

Faço um retrocesso na história e retomo ao ponto em que Medeia é enfeitiçada pela paixão do amor (Eros) e se une a Jasão (um masculino). Volto à pergunta: Por que este tipo de mulher se une a Jasão? Para triunfo de sua posição de magia. Brilhando e ajudando a ele a vencer provas e conquistar o Velocino de Ouro e tendo como garantias de que Jasão e o seu olhar apaixonado estariam ligados a ela, fusionados fielmente e 'para sempre'.

Jasão ao buscar a sua liberdade se apaixona por Glaucé (Creusa), filha do rei Creonte. Medeia não hesita. Mata Glaucé através de um plano de contornos demoníacos. E Creonte vem a falecer ao assistir à morte de sua filha.

Podemos pensar, então, que Medeia é uma imagem desenraizada que nos afeta, que nos invade com seus sentimentos de fúria, desembocando eles em ações involucriadas por crimes.

Retorno ao momento em que o olhar de Jasão se desprende do 'mundo' de Medeia e se dirige atraído para outro 'mundo' - o de Glaucé. Este é o ponto! Jasão rompe com este ponto perverso, doentio e de servidão, e, quem sabe, de uma dívida impagável. O pacto fusional se desfaz. E a desfusão é a *gota d'água* que 'toca' Medeia em sua fúria assassina e, por conta disso, parece, comete o infanticídio. Da ilusão de completude à desilusão (princípio da realidade). Inimaginável e insuportável para Medeia sentir na carne o 'bisturi' da castração, da separação, da dor e do existir.

Mas a incompletude se fez. A experiência da castração se presentificou. Este lugar Medeia repudiava. Impensável tê-lo na sua circulação psíquica, pois para Medeia ter um masculino ao seu lado se constituía num acréscimo (um 'pedacinho') de sua carne. Sua inteireza dependia de Jasão ser um pedaço seu.

O abandono de Jasão infligiu à Medeia mais do que um lugar de mulher abandonada. Deslocou-a para o lugar de uma mulher castrada na sua completude.

O mundo de Medeia se esvaziou, desmoronou e com ele todas as certezas construídas por ela.

Quem era ela? Mais uma vez estrangeira no seu próprio território. O território da castração. Terras nunca dantes visitadas por Medeia. Terras sem magias, sem feitiços e sem deuses.

A uma Medeia mutilada, a outra Medeia implode.

E como se reinventar neste 'novo' lugar? Seria através do filicídio?

O trabalho termina. Eurípedes já escreveu Medeia. Esta peça já foi representada, cantada e poetizada. Mas as cortinas não se cerram...

Vislumbro uma questão a qual se afina com Escobar, in Stengers (2000): "A perplexidade de Penteu (rei de Tebas e morto por Dionísio) frente a Dionísio (deus grego dos ciclos vitais, das festas, das insânias) - é homem, é mulher? - é a mesma perplexidade de todos nós frente a Medeia, o choro, o pânico, *(o abandono, a castração- acréscimos meus)* e o horror de Jasão".

Medeia - é homem, é mulher? Quem é Medeia, agora?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRRAUX, A. **A fobia, estrutura originária do pensamento**. Rio de Janeiro, 1992.

BRANDÃO, J. **Teatro grego: tragédia e comédia**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BRUNEL, P. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1998.

EURÍPEDES. **Medeia**. São Paulo: Martin Claret, 2011. (Obra originalmente escrita em 431 a.C)

FREUD, S. A História do Movimento Psicanalítico. In _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.14. (Trabalho original publicado em 1914).

_____. O Mal-estar na civilização. In _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.21. (Trabalho original publicado em 1930).

Hybris-infopédia. Disponível em [www.infopedia.pt/\\$hybris](http://www.infopedia.pt/$hybris). Acessado: 05 abril 2013.

KEHL, M. R. **Ressentimento**. São Paulo - SP: Casa do Psicólogo, 2004.

ROUDINESCO, E. **A Parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

STENGERS, I. **Lembra-te de que sou Medeia**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

ENCRUZILHADAS DA DEMANDA: A CLÍNICA JUNTO A SUJEITOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE ESTADO

CROSSROADS OF DEMAND:
THE CLINIC WITH VICTIMS OF STATE VIOLENCE

Alexei Conte Indursky¹

Resumo: O presente artigo busca discutir o engajamento de sujeitos expostos à violências de Estado a um tratamento psicanalítico. Observamos emergir da cena social, quase cinquenta anos após o golpe de Estado, discursos que colocam tais sujeitos como figuras da precariedade, sendo a dificuldade de demandar tratamento o signo principal de tal condição. Partindo da especificidade clínica dos traumas provocados pela tortura e pelos desaparecimentos forçados nos tempos da ditadura civil-militar brasileira, abordaremos o conceito psicanalítico de demanda para produzir torções em tais discursos. Do significante de uma "demanda precária de tratamento" buscamos resgatar a "precariedade do sujeito de demanda", própria ao sujeito desejante.

Palavras-chave: Demanda, Violência de Estado, Tortura, Desaparecimentos Forçados, Precariedade e Reparação.

Abstract: The present paper aim to discuss the engagement of State violence's victims in a psychoanalytic treatment. What we see emerging from the social scene, almost fifteen years passed the brazilian coup of State, are discourses that point these subjects as precariousness figures, in which the difficulty on demanding treatment appears as its main condition. By introducing the clinic specificity of tortures and forced disappearances traumas produced by the brazilian dictatorship, we'll approach the psychoanalytic concept of demand, in order to produced some torsions on those discourses. From the significant of a "precarious demand of treatment" we'll search to rescue the "precariousness of the subject of demand", commune to all desiring beings.

Keywords: Demand, State Violence, Torture, Forced Disappearances, Precariousness and Repair.

¹Psicólogo,
Mestre em Psicanálise
(Paris VII Denis-Diderot),
doutorando em Psicanálise
(Paris VII, Denis-Diderot).
leco.indursky@globo.com

Não foi só a terra: ocuparam-nos a nós, acamparam no meio de nossas cabeças. Somos madeira que apanhou chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos que secar à luz de um sol que ainda não há. Esse sol só pode nascer dentro de nós. Está-me seguindo completo?

Mia Couto

A demanda na psicanálise se caracteriza por seu traço irreduzível ao registro do biológico e do desejo. Enquanto seres desejantes não temos objetos preestabelecidos na Natureza aos quais se liga nossa necessidade vital. Se a demanda se constitui assim a partir um deslocamento constante de objetos eleitos pelo sujeito, ela permanece estritamente ligada à dependência que este nutre junto aos outros sujeitos. "O mundo humano impõe ao sujeito demandar; encontrar palavras que se farão audíveis pelo outro" (CHEMAMA e VANDERMERSCH, 1995, p.86). Aspecto este a partir do qual Jacques Lacan (1999) deduz consequências importantes sobre o campo do simbólico: é por este mesmo ato de se endereçar a alguém que pode se constituir a dimensão do Outro, lugar da linguagem por excelência. Uma vez que o sujeito se engaja nas tramas do simbólico, estará menos em questão o objeto que ele pode encontrar para se satisfazer, do que a resposta que ele deve receber deste Outro como signo de seu reconhecimento.

Buscando a etimologia latina de "demanda" nós encontramos não por acaso o termo "*demandare*"¹, cujo significado indica o ato de se entregar a alguém, mais precisamente de confiar a sua solicitação à um outro. Nós vemos que imbricada à solicitação de um objeto, se coloca em jogo a dimensão do reconhecimento do sujeito que o solicita. De forma que ao demandar o sujeito se engaja em seu endereçamento ao outro, para saber deste algo que diga de seu próprio desejo.

Freud (1916/1982) em texto intitulado, Vários tipos de caráter descobertos no trabalho analítico, arrola três classes de sujeitos cujo traço de caráter interpõe certas dificuldades ao trabalho analítico. No primeiro grupo discutido, aquele das exceções, Freud nos expõe a ideia de um sujeito que ao clamar-se uma exceção por nascer com um problema congênito ou ter sofrido muitos revezes na vida, não se submeteria a regra analítica de renúncia de certas satisfações demandada durante o processo de cura. Tais sujeitos pelo fato de, ou já haverem aberto mão de muito, ou de terem sido despojados de alguém pelo fatalismo da vida não se encontram mais na condição de renunciar à conquista de seus prazeres. Seria, ao contrário, a própria Vida ou Natureza que lhes deveria uma compensação ou restituição pela injustiça sofrida, permanecendo eles, até outra ordem, no seu direito de serem exceções. Essa recusa à abstinência faria, portanto, signo do gozo de encontrar-se identificado a tal posição peculiar, não sendo possível de reconhecer-se enquanto sujeito senão através dela. Estranho sentimento este que alguns portariam de já terem tudo dado aos outros e ao Outro, permanecendo assim exonerados da comunidade de renúncia.

À posição de exceção, daquele abatido pelo infortúnio do destino, coaduna-se muitas vezes a posição subjetiva do preconceito, ou seu significante mais contemporâneo, o do sujeito discriminado. Como nos ensina Freud (1916/1982), o sujeito vítima de preconceito ou discriminação é justamente aquele que não passaria pela ação do juízo, mas prejudicado, colocar-se-ia no laço social enquanto vítima deste, e contigualmente exigiria uma reparação pela discriminação realizada. Entre a dor do sujeito discriminado e a reparação desta, a figura da precariedade se estabelece.

O psicanalista Paul-Laurent Assoun (2005) nos adverte à etimologia da palavra precariedade: no Latin, *precarius* diz daquilo que se obtém pela reza incessante, ou ainda, aquilo que se obtém de joelhos. Ora, como poderia aquele que recusa adentrar na comunidade de renúncia, requerer uma demanda ao Outro? A figura subjetiva de precariedade desaguaria, segundo Assoun (2005), numa posição paradoxal no laço social daquele sujeito que tudo requer, sem nada demandar.

Não nos interessa aqui estipular traços de caráter às vítimas de violência de Estado, mas atentar às dificuldades que algumas leituras sociais sobre certas economias pulsionais, nos impõem em nosso percurso de trabalho. Por exemplo, a de que sujeitos que sofreram violências de Estado nas ditaduras não necessitariam de tratamento psicológico, mas estariam apenas preocupados com a reparação moral e financeira. Ou ainda, que tais sujeitos não apresentam demanda nenhuma, mas tudo pedem dos outros, sob o signo de figuras atuais da precariedade e da vitimização.

Esses discursos nos apresentam diversos impasses teóricos e técnicos, sendo a demanda para engajar-se num tratamento analítico o primeiro nó, e quiçá o mais tenaz, uma vez que enlaça a dimensão do traumático, da verdade do sujeito e seu reconhecimento social.

Ora, enquanto psicanalistas nos caberia aqui fazer algumas torções em tais discursos com vistas a restabelecer aquilo que é o próprio da precariedade do sujeito de desejo e sua demanda. Dito de outra forma: retirar o precário da posição de menos-valia do laço social para fazer jus ao real que tais discursos recobrem. No caso dos atingidos pela violência da ditadura civil-militar brasileira, significaria tomar o real do silêncio que invade tais sujeitos atentando aos efeitos traumáticos causados pela tortura, pelo silenciamento das violências de Estado e pelas desapareições forçadas ocorridas durante tal período. Ou ainda, tomar o recurso a vitimização empreendido por certos sujeitos para além de sua posição de gozo, vislumbrando a possibilidade de endereçamento de uma demanda subjacente à dimensão jurídica da reparação.

Na dimensão do engajamento do sujeito a um tratamento analítico, isso não implica em realizar uma inflexão no significante "demanda precária de tratamento", para fazer advir o real da "precariedade do sujeito de demanda", próprio do sujeito desejante? Com tal questionamento nos propomos a repensar a chegada de tais sujeitos a uma instituição psicanalítica e sua demanda possível de análise.

Para tanto, uma revisão breve sobre a especificidade dos traumas das violências de Estado é necessária, pois ao longo dos anos observamos como esse encontro entre a clínica psicanalítica e os efeitos destrutivos da violência promoveram transformações e experimentações na técnica e teoria psicanalítica do traumático.

1. O TRAUMA ADVINDO DA TORTURA: A CAPTURA DO OUTRO.

Começamos com a frase de Mia Couto, pois esta exprime o ato de colonização que a violência de Estado promove no sujeito e seus laços de pertença a uma comunidade. Maurice Merleau-Ponty (1980, p.432) já nos advertia que tanto a medicina quanto a tortura apropriam-se do corpo humano, tendo, no entanto, finalidades diferentes: a primeira ocupando-se em curá-lo, a outra em colonizá-lo, submetendo-o a um controle (quase) total. Desse ato de colonização encontramos os signos em diversos testemunhos, tais como o proferido na primeira audiência pública realizada em Porto Alegre pela Comissão Regional da Verdade/RS: o torturador não queria apenas arrancar a informação de mim, mas queria destruir minha humanidade.

Quando estamos em face de um sujeito que viveu violências extremas advindas da tortura, uma distância abissal se apresenta entre ambas as partes, abolindo qualquer pretensão imaginária de que poderíamos compreender a dor que o outro nos relata. Se os sentimentos de revolta, raiva e solidariedade podem facilmente aflorar naquele que escuta tais relatos, como nos adverte Freud (1915/1982), nada garante que estes edifiquem no sujeito torturado uma função de alteridade. Efetivamente, a vivência da tortura, tal como a vivência concentracionária, caracterizam-se muito antes pelo silêncio que parece instalar-se de forma definitiva e enlouquecedora entre o acontecimento humilhante e a possibilidade de narrá-lo, isto é, dele se constituir enquanto experiência. A impossibilidade de narrar e de pensar se inaugura inicialmente pelo próprio controle que o algoz tenta impor ao sujeito. Aqui o *Hier ist kein Warum*², proferido pelo soldado alemão em Auschwitz e relatado por Levi (1987) em seu testemunho, reverbera no imperativo do torturador, "se não falares eu continuo, se contares para alguém eu te mato". Ou seja, quando não podemos perguntar nada, ou mesmo proferir nenhuma palavra sobre o que nos ocorre, estranhamente todo ato violento é autorizado a recair sobre nosso ser.

Estar continuamente exposto ao real da violência de seu algoz pressupõe, não raro, uma não-separação entre ser "vítima de" e ser "sua vítima". A presença do pronome possessivo indica a extensão do laço de assujeitamento ao qual o sujeito é submetido. Dessa não-separação entre vítima e algoz, entre cena e representação podem advir duas situações corriqueiras no setting analítico: tanto um silêncio mortífero que se instala abruptamente na cadeia discursiva, demonstrando à impossibilidade de aceder aos significantes que apresentam o sujeito à tais cenas de horror; quanto uma enxurrada de palavras que não se configuram necessariamente como um discurso endereçado a um Outro, mas uma aderência às cenas não metabolizadas pelo aparelho psíquico. Em ambos os casos, esses são efeitos de um esfacelamento ou de uma captura da função do Outro enquanto "dimensão de álbi da verdade" (LACAN, 1999, p.29), aos quais tais sujeitos estão expostos.

Enquanto analistas não poderíamos deixar de nos interrogar sobre a singularidade do tratamento de tais sujeitos quando, como escreve Viñar (2005, p.1205), "o deserto de sentido das imagens que se apresenta". Aqui antes de nos perguntarmos sobre a dimensão da demanda de tratamento, deveríamos nos

atentar às condições de possibilidade para que a palavra possa ser endereçada. Poderíamos dizer introdutoriamente que quando estamos face ao silêncio prolongado no setting, devemos tratar de escutar uma palavra sendo dirigida contra o muro da linguagem. Mas como podemos escutar aquilo que não se faz presente senão através de sua ausência?

A função do psicanalista não residiria aqui precisamente em propiciar uma reconstituição da função de alteridade que foi esfacelada ou capturada pela violência do algoz? Pois, sabemos como um silêncio pode ensurdecer mais do que mil gritos quando ele se faz suporte para toda a dor que não pode ainda ser enunciada. A instauração de um preâmbulo transferencial através do qual o sujeito irá testar a figura do analista, responde nesse contexto, ao próprio medo de colapso (*fear of breakdown*) experimentado pelo sujeito ao narrar tais situações. Cabe ao analista poder escutar a palavra que não pode ser ainda pronunciada, sob os riscos de sentir em si mesmo os efeitos de "despersonalização" e "desrealização" vividos pelo paciente. Essa resposta contratransferencial apontada por Silvia Amanti (1993), em seu trabalho realizado com ex-presos políticos nas ditaduras civil-militares da América latina, sinalizara a necessidade do analista em prestar atenção aos traços sensitivos e corpóreos que o processo analítico desperta nele próprio. Em sua experiência no tratamento com vítimas do genocídio cambojiano, Phillipe Bessoles (2005) aponta que a trama analítica deve ser pensada inicialmente a partir da tentativa de separar tais espaços aglutinados entre vítima e torturador. O analista ocupando a função de aparelho de pensar os pensamentos, descrito por W.R. Bion (1972), ao desintoxicar os elementos *alpha*, transformando-os em elementos *beta* não patógenos. Tal trabalho repousaria na ação de re-confecção da intimidade abalada do sujeito, oferecendo uma condição de representabilidade e encenação do evento traumático, através da inscrição das marcas no psiquismo.

Vemos que aquém de uma demanda precária de tratamento, a escuta do trauma advindo de torturas passa por uma possibilidade de (re)construção da dimensão do Outro, através do próprio ato de endereçamento das vivências intoleráveis.

2. DES-APARECIDOS.

Concomitante à sistematização da prática da tortura, os desaparecimentos forçados daqueles considerados inimigos do Estado marcam até hoje a vida de seus familiares. O desaparecimento forçado põe em obra a montagem perversa nazista, encontrada na fala do soldado S.S. alemão em Auschwitz quando este pronunciara: "ninguém acreditará em vocês, porque nós eliminaremos as provas eliminando vocês mesmos [...] Seremos nós que ditaremos a história dos *Lagers*" (LEVY, 1989, p.12) De certa forma, o desaparecimento dos corpos nas ditaduras latino-americanas procurou realizar a fantasia nazista do apagamento do rastro do outro da memória coletiva e individual de nossa história.

O trauma daqueles que ficam é o índice da atemporalidade do inconsciente. Sua especificidade nos chama atenção para um passado que não pode ser esquecido, uma vez que o processo de luto dos familiares encontra-se estacio-

nado. O direito secular de sepultamento dos corpos daqueles que se foram demarca a passagem do reino dos vivos ao reino dos mortos, na qual a presença do real do corpo é uma das condições de possibilidade para ritualização de tal passagem. De forma geral, para os familiares de "desaparecidos forçados", seus parentes não estão nem mortos nem vivos, mas des-aparecidos. Significante este que demonstra o hiato espaço temporal em que se encontram tais sujeitos: aqui a "aparição" pode se dar a qualquer momento como retorno irruptivo do familiar que não é desinvestido do circuito pulsional do sujeito. À espera de uma inscrição psíquica e social dos episódios de violência, os familiares permanecem indefinidamente nesse hiato.

Nesse contexto, não podemos deixar de sublinhar a atualidade das investigações clínicas de Sándor Ferenczi (1933/1990) sobre a etiologia do trauma e seus riscos de reatualização. Em seu célebre texto *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* o psicanalista húngaro estabelece a hipótese de que o desmentido do episódio violento por parte dos adultos é parte ativa nos efeitos de comoção e atomização do "eu" da criança. Quando o sujeito não obtém recursos advindos de seu meio social e afetivo para representar as situações ansiogênicas que vivenciou, o processo de recalque da situação excessiva não encontra lugar e o sujeito lança mão de uma reação *autoplástica* ou *aloplástica* para lidar como o corpo invasor do trauma. Em nosso caso sublinhamos, sobretudo, a reação autoplástica na qual será o seu ego que se fragmentará para dar espaço à intensidade não metabolizada. Ferenczi (1924) nos adverte ainda que tal processo pode ser agravado por sentimentos de culpa que ou afloram no sujeito ou são percebidos nos outros (adultos) e, por conseguinte, introjetados pelo sujeito.

Tais fragmentações são observadas no testemunho de muitos familiares de desaparecidos quando dizem: *no dia em que ele não retornou, uma parte de mim sabia o que tinha acontecido, uma parte de mim morreu ali*. Em nossa experiência de acompanhamento psicológico dos familiares dos guerrilheiros do Araguaia junto às expedições forenses de busca de seus restos mortais³, notamos esse inquietante fenômeno se reproduzir junto a alguns familiares que se engajam na busca. Durante visitas e expedições de campo para a coleta de informações sobre os guerrilheiros, os familiares não raro produzem o lapso de se apresentarem pelo nome do parente desaparecido. O ato falho demonstra que na impossibilidade de esquecer aquele ainda não se foi está em jogo uma identificação a esta parte mórbida de si que "tombou"⁴. Concomitantemente, o sujeito abre mão de vários traços de sua própria história e personalidade, permanecendo na posição de eterno bastião da memória do outro. Na falta de mediadores culturais e reconhecimento social que possam garantir a inscrição destas histórias em nossa memória coletiva será o sujeito que tomará para si tal incumbência.

Na contramão desse movimento, observamos casos em que partes significativas da história dos sujeitos ficam enquistadas, ou ainda, "enterradas", como formação sintomática do mistério irresoluto/do luto irresolvido. Não é de se surpreender que tais histórias "enterradas" repercutam nas gerações seguintes enquanto *vazios de sentido ou significantes enigmáticos*, sobretudo àqueles que

vivenciaram a clandestinidade ou parte dela junto aos parentes desaparecidos. A dificuldade de atribuição de sentido a um sofrimento que retorna sob algo da ordem do informe ou do inominado se apresenta aqui como outro nó ao trabalho clínico. Vemos no documentário "15 filhos" das diretoras Marta Nehring e Maria de Oliveria, um exemplo de clareza perturbadora: uma menina que não suportava ir ao recreio na escola, pois a arquitetura do prédio desta era idêntica a do prédio em que sua mãe fora presa. Nesse caso, mãe possibilitou uma nomeação que apaziguou o terror que tomava o infante. Em inúmeros outros casos, todavia, não há nenhum nome ou voz a emprestar sentidos a tais sofrimentos. É a partir de um mistério silencioso que tais sujeitos começar a tecer um demanda por (sua) verdade.

Dentro desse contexto, não devemos nos perguntar sobre os efeitos psíquicos do desmentido do reconhecimento social dos desaparecimentos forçados cometidos no tempo da ditadura? Mais especificamente no tocante ao trauma vivido pelos familiares destes, o efeito fragmentador do traumático descrito pelo desmentido do adulto por Ferenczi não pode e deve ser transposto ao desmentido realizado pelo Estado durante vários anos, enquanto lugar da Lei?

3. A "DEMANDA" NO CRUZAMENTO ENTRE DIREITO E PSICANÁLISE.

Quando se analisa o processo de "auto anistia" realizado pelo governo brasileiro sob a ideologia dos "dois demônios"⁵ implícita no espírito de nossa transição democrática, nos apercebemos de como as tecnologias do terror foram naturalizadas e autorizadas pelo Estado brasileiro pós-ditadura, uma vez que o "perdão" dado aos envolvidos de ambos os lados desresponsabilizou os agentes estatais de seus atos, invisibilizando-os. A reparação, financeira, moral psíquica, surgem aqui como resposta, ainda que tardia, à omissão de tantos anos de silenciamento e desmentido de tais sofrimentos. Entrecruzarem-se na demanda de anistia memória e justiça, verdade subjetiva e histórica, sofrimento e reparação: onde um termo não se realiza, senão através do outro.

Se tais questões são de suma importância para o trabalho clínico com sujeitos vítimas de violência de Estado, é justamente na medida em que tal reconhecimento deve ser trabalhado em sua ampla acepção, no que pese todos os anos de silenciamento a que ficaram expostas tais histórias. Vemos rapidamente que o discurso de que tais sujeitos não apresentam demanda nenhuma, mas tudo pedem dos outros reproduz, muito antes do que uma "síndrome de excepcionalidade", certas lógicas de denegação e pactos de silêncio, reificando figuras da precariedade no laço social.

Por outro lado, a psicanálise nos oferece pistas sobre como nos posicionarmos enquanto analistas com relação ao ideal de justiça que, segundo Freud (1933/1982), se encontrará sempre em xeque frente ao nó obscuro que comungam direito e violência. Se "a história dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral" (BENJAMIN, 1994, p.226), então não há lugar confortável para habitar a Cultura, sendo o processo civilizatório uma constante demonstração disto. No entanto, a presença de certas montagens-sociais perversas não fazem do ensinamento freudiano

uma desconstrução da Cultura. Quando em *O futuro de uma ilusão* ele indica uma hostilidade de certos sujeitos contra esta (*Kulturfeindlichkeit*) correlata ao sentimento insolúvel de se encontrar prejudicado por esta, Freud (1927/1982) chama atenção ao risco de tornar-se estrangeiro aos ideais culturais.

Seguindo as pistas freudianas, concebemos que a espera indefinida pela justiça advinda do Outro, Estado, mesmo conferindo um lugar social de reconhecimento da dor do sujeito, não tamponará o mal-estar conjuntural de habitar a Cultura. Haveria algo de mortífero nessa espera que vemos ser rearticulado num segundo momento por Lacan (1999) quando este nos revela que em tal posição está presente igualmente uma "demanda de morte" do sujeito. De acordo com o psicanalista francês:

[...] a demanda de morte precisa ser formulada no lugar do Outro, no discurso do Outro, o que quer dizer que a razão não deve ser encontrada em uma história qualquer [...] é de uma forma interna que a demanda de morte concerne o Outro. O fato que o Outro se encontra no lugar da demanda implica no efeito de morte da demanda. (LACAN, 1999, p 509)

A essa delicada posição a psicanálise não pode responder senão sob o imperativo freudiano de que onde o silêncio da violência estava possa advir à precariedade da demanda assumida pelo próprio sujeito. Apontamos assim uma posição ética que permite ao psicanalista, ciente de sua conjuntura histórica, de acompanhar o paciente no processo que lhe permite aflorar o resto de desejo que o sustenta enquanto sujeito.

NOTAS

¹ Ver Lacan, J. *O seminário V. As formações do inconsciente*. Lição 05

² Aqui não existe porquê! Em, Isto é um homem?

³ Experiência realizada junto a expedição do Grupo de Trabalho do Araguaia (GTA) em 2012.

⁴ O termo da biologia animal utilizado por Ferenczi é "autotomia" narcísica. Ver Ferenczi, S (1915) *Thalasa: ensaio sobre teoria da genitalidade*. São Paulo: Martins Fontes.

⁵ "Dois demônios" é uma das teorias que justifica a violência de Estado a partir da existência da vontade de tomada de poder por parte dos comunistas subversivos brasileiros, solidarizando assim ambas violências como decorrentes uma da outra. Ver Bauer, C. (2012). *Brasil e Argentina: Ditaduras, desaparecimentos e políticas da memória*. Medianiz:Porto Alegre

⁶ Freud, S. (1927) *O futuro de uma ilusão*. Seção 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIANTI, S. Contribuições psicanalíticas ao conhecimento dos efeitos da violência institucionalizada. **Época de Névoas**. São Paulo: Educ, 1993.

ASSOUN, P-L. Précarité du sujet, objet de la demande. Préjudice et précarité à l'épreuve de la psychanalyse. **Cliniques méditerranéennes**. Paris: ERES. 2005/2 - n° 72 p. 7-16

ARTIGO

BAUER, C. Brasil e Argentina: **Ditaduras, desaparecimentos e políticas da memória**. Medianiz: Porto Alegre, 2012.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas** Vol I. São Paulo: Brasiliense, 1994

BESSELES, P. Barbarie et Traumatism. Clinique de la terreur. **Champ psychosomatique** Paris: L'Esprit du temps 2005/2 - n° 38 p. 31- 49.

BION, W. **Aux sources de l'expérience**. Paris: PUF. 1972

CHEMAMA, R. & VANDERMERSCH, B. **Dictionnaire de la Psychanalyse**. Paris: Larousse, 1995.

COUTO, M. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Cia das letras, 2005.

LACAN, J. **O seminário V. As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEVY, P. **Si c'est un homme?** Paris: Julliard, 1987.

_____. **Naufragés et Rescapés. Quarante ans après Auschwitz**. Paris: Gallimard, 1989.

MEURLEAU-PONTY, M. Maurice Merleau-Ponty, **Humanisme et Terreur**, Paris: Gallimard, col. "Idées", 1980.

FERENZCI, S. **Thalassa: ensaio sobre teoria da genitalidade**. In _____. Obras completas. São Paulo: Martins Fontes, 1990, v.3. (Obra originalmente publicada em 1924)

_____. **Confusão de línguas entre adultos e crianças**. In _____. Obras completas. São Paulo: Martins Fontes, 1990, v.4. (Obra originalmente publicada em 1933)

FREUD, S. Considérations actuelles sur la guerre et la mort. **Essais de psychanalyse appliquée**. Paris: Gallimard, 1976/1982. (Obra originalmente publicada em 1915)

_____. Différents traits de caracteres tirés du travail analytique. **Essais de psychanalyse appliquée**. Paris: Gallimard, 1976/1982. (Obra originalmente publicada em 1916)

_____. L'avenir d'une Illusion. **Œuvres Complètes** vol. XVIII. Paris: P.U.F, 2006 (Obra originalmente publicada em 1927)

_____. Pourquoi la guerre? **Œuvres Complètes** vol. XIX. Paris, P.U.F, 2004 (Obra originalmente publicada em 1933)

VIÑAR, M. La spécificité de la torture comme source du trauma. Le désert humain quand les mots se meurent. **Revue française de psychanalyse** Paris: P.U.F. 2005/4 - Vol. 69 p. 1205 -1224.

REFERÊNCIA AUDIOVISUAL

Nehring, M. (1996) **15 filhos**. Disponível em: <http://www.videotecas.armazemmemoria.com.br/Video.aspx?videoteca=Mg==&v=ODA=>. Acessado em 15 abr 2013.

DESTRUTIVIDADE E NARCISISMO

DESTRUCTIVITY AND NARCISSISM

Sissi Vigil Castiel¹

A clínica contemporânea nos confronta muito frequentemente - nas neuroses graves, nas patologias do narcisismo e nos casos limite - com as incidências da destrutividade no funcionamento psíquico direcionadas ao interior do sujeito. Refiro-me a sujeitos nos quais a ação, no sentido da passagem ao ato, é uma das marcas de sua condição de ser. Neles se faz presente a descarga da excitabilidade sem possibilidades de simbolização, manifestando-se sob forma de comportamentos às vezes mais, às vezes menos autodestrutivos. Essas expressões da destrutividade se colocam como impasses na análise e nos convocam como psicanalistas a tomar posição diante seus nefastos efeitos na clínica.

Desde o ponto de vista da clínica é, portanto, necessário fazer trabalhar conceitos de forma que se possa conceber uma metapsicologia da autodestrutividade. O fazer psicanalítico com esses casos coloca em juízo os enunciados metapsicológicos para que sejam repensados, de forma que novas articulações se façam possíveis frente aos enigmas que a prática impõe. A obra de Freud, deixada em aberto, proporciona que os conceitos metapsicológicos sejam sistematicamente trabalhados. Assim, ao reafirmar o caráter de abertura da psicanálise, meu propósito neste artigo é fazer dialogar os conceitos freudianos a respeito da destrutividade, da fusão/desfusão pulsional e o narcisismo com proposições de autores contemporâneos. Tal intuito parece-me viável uma vez que o fundamento epistemológico é o mesmo, de maneira que somam na consideração desses fenômenos na prática clínica.

Tomando como ponto de partida a obra de Freud, constata-se que o tema da destrutividade foi tratado diferentemente ao longo de suas duas dualidades pulsionais¹. Durante a Primeira Tópica, ele fala da agressividade - a qual não foi postulada a partir de uma pulsão específica, mas, sim, como uma pulsão de dominação². Essa não tinha como finalidade a destruição do objeto e, sim, o domínio sobre ele. No entanto, os fenômenos da destruição que apareciam nas patologias, na clínica e na cultura foram motivos suficientes para provocar a revisão à questão do mal. Justamente um dos motivos para a introdução da Segunda Tópica foi a tomada em consideração dos fenômenos da repetição, que Freud observava na clínica e que o levava à ideia de um caráter regressivo da pulsão, o qual não se reduzia à busca de uma satisfação libidinal ou a uma simples tentativa de dominar as experiências desagradáveis. Ao contrário, Freud via nelas o sinal do demoníaco, de uma força além do princípio do prazer e suscetível de se opor a ele.

Além disso, depois da introdução do conceito de narcisismo, para as duas espécies de pulsões passa a ser a libido a energia em causa. Eram, na verdade,

¹Psicanalista,
doutora em psicanálise
pela Universidade
Autônoma de Madri,
presidente da Sigmund
Freud Associação
Psicanalítica

modalidades distintas de direcionamento da libido: para o ego ou para o objeto. Em função disso, um ponto a mais precisava ser repensado: Toda a problemática da agressividade, do ódio, do sadismo e do masoquismo e de como se inscreviam no psiquismo o excesso e o traumático e qual sua relação com o princípio do prazer (CASTIEL, 2007).

Assim, em 1920, a parte da pulsão de morte voltada para fora com o auxílio da musculatura - denominada por Freud de pulsão agressiva consiste no sadismo propriamente dito. A outra parte da pulsão mantém-se no organismo, onde está ligada libidinalmente pelo auxílio da excitação sexual, o que caracteriza o masoquismo³. Portanto, a postulação de Freud é clara quanto à diferença entre a agressividade e a destrutividade presentes na mudez da pulsão de morte que aparecem nos *acting outs*, por exemplo. Com isso salienta-se a diferença entre a destrutividade muda, característica da pulsão de morte e a agressividade presente em sua relação com o desenvolvimento da libido. Nessas situações a agressividade aparece fusionada com a libido em maior ou menor quantidade, fazendo parte de estruturas neuróticas tais como a neurose obsessiva, por exemplo.

Green (1988) destaca que em Freud a função autodestrutiva desempenha para a pulsão de morte um papel correspondente àquele que desempenha a função sexual para Eros. Há uma aliança da pulsão de morte com a pulsão sexual no masoquismo. No entanto, há formas de destruição que não comportam essa fusão pulsional como, por exemplo, as formas graves de depressão que conduzem ao suicídio e nas psicoses que revelam uma desintegração do eu⁴. Percebe-se que, para além da questão do masoquismo, o qual teria relação com a fusão da pulsão de morte com a sexualidade, existem formas desfusionadas de destrutividade sendo sobre estas que quero me deter. Minha hipótese é a de que a ação autodestrutiva acontece porque a desfusão pulsional acarreta importante condição de desinvestimento dos objetos. Logo, o retorno da libido ao ego provoca a desfusão e a auto-destrutividade podendo-se, a partir desta consideração, analisar as relações estabelecidas entre pulsão de morte e narcisismo.

Na oposição entre Eros e pulsão de morte, Eros é compatível com a ligação e o desligamento imbricados, enquanto a pulsão de morte é puro desligamento. Assim, para entender o autodestrutivo no sujeito, é preciso colocá-lo no contexto do processo da desfusão pulsional. Todo esse tema é tratado mais especificamente já a propósito da segunda tópica em *O ego e o id*. Freud (1923/1980) afirma que as duas classes de pulsão se unem e se fundem, de forma que o impulso destrutivo pode ser neutralizado, sendo desviado para o mundo externo através do aparelho muscular. Dessa forma, as duas classes de pulsão se unem e funcionam combinadamente.

A libido constitui um fator de ligação, de fusão pulsional, enquanto a agressividade, um fator de desfusão. A partir da ideia da fusão pulsional, a desfusão é uma consequência necessária. Quanto maior for o predomínio da agressividade, mais a fusão pulsional tende a desfazer-se. Inversamente, quanto mais a libido prevalecer, mais se realizará a fusão. Nesse sentido, a essência de uma regressão da libido, da fase genital à fase anal para a genital tem como condição um acréscimo de componentes eróticos.

Nesse sentido, o componente sádico da pulsão sexual seria o exemplo de uma fusão pulsional útil, e o sadismo, que se tornou independente como perversão, seria uma desfusão. Para fins de descarga, a pulsão de destruição é colocada a serviço de Eros. A regressão da libido reside numa desfusão pulsional, enquanto o avanço para uma fase posterior seria um acréscimo de componentes eróticos. A ambivalência é o melhor exemplo, para Freud, de uma desfusão ou de uma fusão que não se realizou.

Todo impulso consiste em fusão das duas categorias de pulsões que ocorre em variadas proporções. Os impulsos eróticos introduziriam a multiplicidade dos fins sexuais, enquanto a pulsão de morte apenas admitiria atenuações em sua tendência uniforme. No entanto, ambos os grupos pulsionais têm o mesmo poder e se enfrentam no mesmo campo, gerando os comportamentos e os tipos de relações de objeto. A hipótese da desfusão pulsional implica o aumento da destrutividade, na qual os processos de desligamento triunfam sobre a geração de fontes de prazer ou sobre o desenvolvimento das potencialidades criativas (CASTIEL, 2012b).

Portanto, a postulação da segunda teoria das pulsões e a ideia da fusão-desfusão pulsional permitem pensar sobre o funcionamento combinado das pulsões sexuais e de morte, o quanto elas aparecem mescladas ou desfusionadas no sujeito. A partir disso Freud (1923/1980) entende que uma energia neutra pode ser acrescentada aos impulsos eróticos ou destrutivos, definido se esse acréscimo de energia levaria a fusão ou desfusão pulsional. No entanto, ainda dentro do contexto da fusão-desfusão da pulsão, existe em *O ego e o id* uma afirmativa de Freud sobre a retirada das catexias do objeto característica da pulsão de morte que parece ampliar a compreensão dos fenômenos destrutivos. Afirma ele no texto que:

A transformação (de libido erótica) em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização. De qualquer modo, isso lança luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos pulsionais opostos. (FREUD, 1923/1980, p. 61)

Essa passagem do texto refere-se à dessexualização pulsional e, mais especificamente, à dualidade que se estabelece entre as pulsões, ou seja, se algo deixa de ser sexual passa a estar no domínio da pulsão de morte. É claro também que a energia que atende os dois tipos de pulsão é neutra, o que vai determinar que ela seja sexual ou de morte é o direcionamento para o objeto ou para o ego, um processo catexial se torna mortífero porque desinveste dos objetos. Desta forma, pode-se dizer que para Freud ainda que a destrutividade esteja vinculada a um tipo específico de pulsão, a qualidade da energia que atende as pulsões sexuais e de morte é a mesma, ou seja, ela é neutra⁵. Portanto, existem possibilidades de transformação do que é destrutivo em um sujeito, na medida em que

a transformação da pulsão morte depende de sua fusão com Eros. Esta postulação de Freud permite potencializar a clínica como o lugar capaz de gerar essa transformação. Além disso, e tão importante quanto, se a desfusão pulsional acarreta que o ego seja transformado em objeto amoroso único - como diz Freud, ela se relaciona ao narcisismo, ou seja, na desfusão pulsional a destrutividade se relaciona ao narcisismo.

Ainda que esta passagem no texto de Freud se refira ao seu posicionamento sobre a sublimação de acordo com a segunda tópica, parece que ela proporciona, também, elementos para a compreensão da destrutividade, na medida em que coloca como aspectos centrais da destrutividade, o desinvestimento e o narcisismo. Passo, desta forma, a abordar o narcisismo em suas possíveis articulações com a pulsão de morte como sendo um caminho particularmente fértil para abordar o problema da auto-destrutividade. Ainda que o narcisismo tenha sido postulado cinco anos antes da segunda dualidade pulsional e que o narcisismo tenha sido um dos motivos da necessidade de revisar a teoria das pulsões, Freud não realizou esse enlace, deixando a nosso encargo trabalhar a condição de abertura e de incompletude vitais para a vigência de seu legado.

De fato, a especificidade da relação entre o narcisismo e a destrutividade foi trabalhada por importantes autores da Psicanálise contemporânea. Dentre eles destaca-se, André Green (1993b) quem demonstra que nos casos limite o mecanismo dominante é o luto insuperável e as reações defensivas que ele suscita resultado de um narcisismo negativo. Também Birman (2006), define o sujeito da contemporaneidade, nas demandas as quais este se vê submetido. O autor apoia-se em Debbord e Larsch para afirmar que o eu do sujeito contemporâneo está atravessado pelo narcisismo e assim aprisionado no fascínio que ele tem que provocar, sendo a consequência disso a auto-destrutividade, como no sujeito da toxicomania por exemplo. São contribuições férteis que lançam luz sobre a destrutividade. Com efeito, se a prática atual obriga-nos a levar em consideração o peso de fatores vinculados a destrutividade, não se pode tentar uma metapsicologia da destrutividade sem levar em conta o narcisismo.

Freud (1914/1980) postula o narcisismo como o investimento das pulsões no ego, constituinte da formação deste antes das catexias libidinais serem enviadas a objetos e que é obscurecido no decorrer do desenvolvimento libidinal. Posteriormente, a patologia evidenciaria o narcisismo que surge da indução das catexias objetais. Esse seria um narcisismo secundário superposto ao narcisismo primário. Freud considera ser necessário ultrapassar os limites do narcisismo - ligar a libido a objetos para não adoecer. O represamento da libido no ego por seu retorno torna-se patológico.

Assim, existem duas dimensões do narcisismo em Freud: uma delas, na qual o narcisismo, constitutivo do sujeito, é o alicerce psíquico que possibilita a existência do ego. O ego do narcisismo é o ego do prazer purificado e para que ele exista tem que se opor à destrutividade. Aqui o narcisismo é o resultado e o agente do primeiro triunfo das pulsões de vida. A outra dimensão na qual Freud aborda o conceito diz respeito ao retorno da libido objetal tal como ele observa

na melancolia e que tem um caráter aprisionante e destrutivo. A partir disso, poder-se-ia supor uma articulação entre a teoria do narcisismo e a segunda dualidade pulsional, na qual a retenção da libido no ego com a consequente impossibilidade da ligação a objetos estaria relacionada às pulsões de morte.

Da mesma forma, em *Mal-estar na civilização*, Freud (1930/1980) também se refere a esses aspectos do narcisismo, ao dizer que quando a agressividade é desviada para fora ela está a serviço de Eros porque preserva o eu. Inversamente, qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição, a qual em todo e qualquer caso prossegue. Os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade procuram fazer com que ela seja introjetada, dirigida no sentido do próprio eu. Poderia se supor que esta introjeção da agressividade a que Freud se refere também acarreta um desinvestimento dos objetos e, portanto, se relaciona com a estrutura narcísica do sujeito.

Nessa linha de raciocínio, Green (2010) levanta a hipótese do papel da destruição por desinvestimento. O autor refere um narcisismo negativo, expressão do que denomina função desobjetalizante, nesta, é o desinvestimento que desfaz aquilo que o investimento tinha conseguido construir. O narcisismo negativo é uma espécie de medida extrema a qual, após ter desinvestido os objetos, se transporta sobre o próprio ego e o desinveste.

Para Green (2008), a meta das pulsões de vida é de garantir uma função objetalizante, o que significa não só criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que a pulsão de vida se revela capaz de transformar estruturas em objetos mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão. Ou seja, a função objetalizante não se limita às transformações do objeto, mas pode fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades ou, das propriedades do objeto. O que se mantém no trabalho psíquico é o investimento significativo, ou seja, o próprio investimento é objetalizado, enquanto que a meta da pulsão de morte é realizar uma função desobjetalizante⁶ através do desligamento. A função desobjetalizante não pode ser confundida com o luto, pois se opõe ao trabalho do luto. Nela, a relação com o objeto é atacada e da mesma maneira o ego também é atacado, na medida em que se torna o único objeto de investimento dado ao desligamento dos objetos. Salienta-se essa formulação de Green, na medida em que ela poderia explicar as ações destrutivas como decorrência do processo de desinvestimento no seio da função desobjetalizante. Nesse mesmo sentido, Birman (2012) afirma que a subjetividade contemporânea se evidencia como sendo essencialmente narcísica, na qual onde o sujeito se fecha sobre si mesmo em uma experiência solipsista, não havendo lugar para o outro.

Dessa forma, pode-se compreender as ações autodestrutivas como consequência do desinvestimento e do narcisismo. Por outro lado, a posição narcísica do sujeito corrobora uma contínua decepção no encontro com o outro, incrementando ações autodestrutivas. É também pela decepção do sujeito com relação ao que ele pode esperar do objeto que se fomenta o que o leva a desinvestir e autodestruir-se. Essas considerações permitem que se pense sobre a

relevância do objeto na economia do sujeito a partir de uma concepção da destrutividade que contextualize tanto as experiências do campo intersubjetivo juntamente com as repercussões pulsionais.

Lacan (1948/1998) na tese IV do texto *A agressividade em psicanálise*, coloca a noção de agressividade como correlata a estrutura narcísica do sujeito. Situada na especularidade imaginária, a agressividade, para o autor, é elaborada no estádio do espelho, no âmbito da rivalidade especular com o semelhante. O sujeito rivaliza consigo mesmo, pois constrói uma imagem que o aliena em uma organização passional que será o eu. O eu, resultado de uma tensão interna, determina o despertar do desejo pelo objeto de desejo do outro. O termo agressividade em Lacan é relativo ao estádio do espelho e não pode ser confundido com o termo violência, que é próprio da linguagem sobre o vivente que ao nascer encontra o discurso do Outro e aliena-se nas leis do significante que são sempre do Outro. Em contraposição a isso, Lacan (1964/1988) aborda a fala da violência no *Seminário dos Quatro conceitos fundamentais da psicanálise* no capítulo *O sujeito e o outro*, dizendo que esta comporta a separação do outro, inerente ao processo de instituição subjetiva do sujeito, retirando-o da alienação significante. Ainda que existam diferenças conceituais entre Lacan e Freud a respeito dos fenômenos destrutivos, toma-se o posicionamento lacaniano do autor para salientar que, também em Lacan, a dimensão da destrutividade está dada na relação do sujeito com o outro e nas repercussões narcísicas que isso comporta.

Green (1990) trabalha a questão de como nos casos limite o mecanismo dominante é o luto insuperável, fruto de um narcisismo negativo, o luto se torna insuperável dada a presença excessiva do objeto primordial frente ao sujeito. Essa invasão do objeto em relação ao sujeito implica no desinvestimento dos objetos e na ação como forma de descarga das excitações. Por outro lado, Moraes e Macedo (2011) falam da vivência de indiferença como o que é experimentado no encontro primordial com o outro, resultado da ausência de uma condição de ajuda alheia na medida em que o outro oferta à criança apenas sua indiferença. A partir dessas formulações, supõe-se que o objeto primordial excessivamente presente ou indiferente leva ao desinvestimento dos objetos e ao narcisismo, ambos se atualizam continuamente na vida do sujeito em uma indiferença com relação aos objetos e em condutas destrutivas em um movimento circular que se retroalimenta. Essas considerações metapsicológicas com relação ao estatuto do desinvestimento dos objetos e a consequente posição narcísica dele decorrente, são elementos que contribuem para uma ampliação da compreensão da forma como os fenômenos autodestrutivos se apresentam na clínica psicanalítica e permitem a proposição de uma leitura metapsicológica da auto-destrutividade conforme mencionado no início deste texto.

NOTAS

¹ A forma como Freud trabalha o tema da agressividade na primeira dualidade pulsional, não será abordado neste artigo. Para uma abordagem mais detalhada, Cf: CASTIEL, S et all. (2012a). O homem dos ratos, Schreber e Kafka: destinos possíveis para a hostilidade. In: Psicologia: ciência e profissão/CFP. Ano 32, n. 42012. p. 808-825.

² A pulsão de dominação foi postulada por Freud nos Três ensaios sobre a sexualidade (1905/1980).

³ A questão da origem do sadismo e do masoquismo é tratada diferentemente por Freud. Primeiramente em Pulsões e seus Destinos (1915/1980) coloca o sadismo como primário no desenvolvimento da libido. Mais tarde já na segunda teoria das pulsões coloca o masoquismo como originário em O problema econômico do masoquismo (1924/1980).

⁴ Este tema também é abordado pelo autor no texto: Por qué el mal? (1993a).

⁵ Essa questão também implica pensar na gênese da destrutividade no sujeito, pois se a energia que se acrescenta ao processo pulsional é neutra isso quereria dizer que a destrutividade não é inerente ao homem, posição diferente da adotada por Freud em Mal estar na civilização (1932/1985) quando fala da maldade natural do homem. Em Klein, as tendências mortíferas teriam um caráter inato. Ainda que esta seja uma discussão muito pertinente dada a sua atualidade e que repercute em questões caras à filosofia, não será objetivo deste texto.

⁶ O tema da função desobjetalizante é também abordado em: Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante (1988).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTIEL, S. **Sublimação: clínica e metapsicologia**. São Paulo: Escuta, 2007.

CASTIEL, S et al. O homem dos ratos, Schreber e Kafka: destinos possíveis para a hostilidade. **Psicologia: ciência e profissão**, ano 32, n. 42012. p. 808-825, 2012a.

_____. Abuso sexual e clínica psicanalítica. In: MIRANDA, C. A. (Org.). **A psicologia clínica e suas relações com a violência e negligência: marcas na constituição psíquica**. Passo Fundo: IFIBE, 2012b. p. 187-205.

FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.7 (Texto originalmente publicado em 1905).

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.14 (Texto originalmente publicado em 1914).

_____. Pulsões e seus Destinos. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.14 (Texto originalmente publicado em 1915).

_____. Além do princípio do prazer. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.18 (Texto originalmente publicado em 1920).

_____. O ego e o id. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19 (Texto originalmente publicado em 1923).

_____. O problema econômico do masoquismo. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.19 (Texto origi-

nalmente publicado em 1924).

_____. Mal-estar na civilização. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.21 (Texto originalmente publicado em 1930[1929]).

GREEN, A. **Orientações para uma psicanálise contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

_____. **De locuras privadas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.

_____. **El pensamiento clínico**. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

_____. Por qué el mal?. In _____. **La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud: aspectos fundamentales de la locura privada**. Buenos Aires: Amorrortu, 1993a.

_____. **Narcisismo de vida, narcisismo de muerte**. Buenos Aires: Amorrortu, 1993b.

GREEN, A et all. **Pulsão de morte**. São Paulo: Escuta, 1998.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise. In _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 (Texto originalmente escrito em 1948).

_____. **O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Texto originalmente escrito em 1964).

MORAES, E; MACEDO, M. **Vivência de indiferença do trauma ao ato-dor**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2011.

DIFERENÇA CULTURAL, SOFRIMENTOS DA IDENTIDADE E A CLÍNICA PSICANALÍTICA HOJE

CULTURAL DIFFERENCE, IDENTITY SUFFERS AND
NOWADAYS PSYCHOANALYTICAL CLINIC

Jaime Betts¹

INTRODUÇÃO

A globalização em escala planetária coloca em evidência e acentua a questão do mal-estar na cultura. Na interação entre culturas, na interação do "nós" com os "outros" - os estranhos estrangeiros - os mal-entendidos culturais se multiplicam, cada qual defendendo o seu jeito "melhor e certo" de fazer as coisas, recorrendo a múltiplos mecanismos de exclusão social, inclusive os da higienização e 'limpeza' étnica, para se ver livre da alteridade incômoda. O etnocentrismo e o narcisismo se dão as mãos. Os conflitos interculturais, multiplicados pela mobilidade global, levantam a questão dos sofrimentos da identidade e a diferença cultural.

Somos confrontados em nossas intervenções clínicas como psicanalistas, em diferentes âmbitos, com os sofrimentos provocados pelas incidências subjetivas e sociais da diferença cultural. Defrontar-se com a diferença cultural remete o sujeito às suas experiências primordiais de desamparo, coloca em questão seu laço social com os outros, bem como o expõe a situações de vulnerabilidade.

A experiência subjetiva da diferença cultural geralmente provoca mal-estar e sofrimento em função das diferentes formas de conflito ou de exclusão subjetiva e social decorrentes da mesma, podendo levar a crises de identidade, tanto para o sujeito, quanto para o laço social na família, na comunidade, em um país, ou internacionalmente.

Um primeiro ponto é esclarecer o que é a cultura para Freud, indicando seu estatuto metapsicológico. Em seguida, abordaremos o que é diferença cultural e depois o que entendemos por identidade e as manifestações dos sofrimentos da identidade na clínica psicanalítica hoje.

A CULTURA COMO CONCEITO METAPSICOLÓGICO

A questão da cultura se apresenta desde muito cedo na obra freudiana. No *Projeto de uma Psicologia Científica*, Freud (1895/1976) fala do 'complexo do próximo' a respeito da relação do recém-nascido com o seu outro cuidador.

A condição de prematuração do bebê humano faz com que ele seja inteiramente dependente de um outro cuidador que venha satisfazer suas necessidades básicas e realizar as ações específicas que acalmem suas tensões internas.

Freud faz do estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) um conceito de referência

¹ Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA, Diretor Executivo do Instituto APPOA - Clínica, Pesquisa e Intervenção em Psicanálise (2012-), Co-autor dos livros *Sob o Véu Transparente - recortes do processo criativo com Claudia Stern*. Porto Alegre: Território das Artes, 2005; e *(Re)Velações do Olhar - recortes do processo criativo com Liana Timm*. Porto Alegre: Território das Artes, 2005.

ao longo de sua obra por considerá-la uma experiência fundamental da condição humana. Esta condição de desamparo primordial faz com que toda experiência subjetiva implique a referência do sujeito a um próximo/semelhante com quem se relaciona, sempre mediado pelo muro da linguagem (Outro) que tanto o determina simbolicamente como sujeito, como organiza o laço social e o lugar no qual ele se insere na relação com o outro.

Freud enfatiza que o estado de desamparo é o protótipo das situações traumáticas, geradoras de angústia no sujeito adulto, confrontando-o no presente com a impotência de seu estado de desamparo infantil originário.

A dependência do bebê faz do cuidador o primeiro objeto familiar de satisfação e amor, e, ao mesmo tempo, faz dele o primeiro objeto estranho, hostil e ameaçador de sua fonte de amor e satisfação. Freud fala dessa ajuda do outro cuidador como 'ajuda estrangeira', uma ajuda que é familiar e estrangeira ao mesmo tempo. Isso quer dizer que a fundação da subjetividade e da cultura pressupõe identidade com o familiar e amado e ódio em relação ao estranho da alteridade, a quem procura excluir.

Outra perspectiva do desamparo primordial e sua dimensão traumática se dá em função de que, além de sua prematuração biológica e dependência da ajuda estrangeira, o recém-nascido também se defronta com uma determinação simbólica limitada, no sentido que a linguagem encontra seu limite diante do real impossível de simbolizar.

Freud (1927/1976, p.16), em *O Futuro de uma Ilusão*, afirma desprezar a distinção entre os termos cultura e civilização:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolhe como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal.

Em *O Mal-Estar na Cultura*, Freud (1930 [1929]/ 1976) enfatiza o progressivo custo que a civilização cobra de seus integrantes para tornar possível o laço social, enfatizando a perspectiva de que o mal-estar na cultura é inevitável em função das renúncias progressivas à satisfação pulsional que a vida em sociedade exige.

Nesse texto, Freud afirma que o mal-estar, a infelicidade e as situações traumáticas nos chegam de três direções: do sofrimento de nosso próprio corpo, frágil e condenado à decrepitude e morte; das condições do mundo externo material e das forças da natureza, desafiadoras e às vezes catastróficas; das insatisfações ou da violência proporcionada pelas relações com os outros, sendo que ele considera que a relação com os outros, que a vida em sociedade, é a principal e mais desafiadora fonte do mal-estar.

Rassial (2006) propõe como hipótese metodológica pensar a cultura especificamente como conceito psicanalítico, "*como a construção de um novo objeto da metapsicologia*", (distinto do objeto cultura da antropologia) "*que tem o objetivo de compreender a psicopatologia e a prática da cura*". (RASSIAL, 2006, p.32-33) (o grifo é nosso).

Como dissemos acima, somos confrontados atualmente em nossa prática clínica de forma cada vez mais frequente com sujeitos que vem de outras culturas, pelos mais diversos motivos - importantes de serem levados em consideração - manifestando estados de sofrimento ligados a experiências sofridas diante da diferença cultural.

A proposta feita por Rassial (2006, p.32) enfatiza que:

Freud usa (o conceito de cultura) como um conceito da Metapsicologia, articulado aos conceitos de desamparo, de supereu, de angústia e de sentimento de culpabilidade. [...]. A partir de Freud, fica claro que a cultura constitui um determinante da construção do aparelho psíquico, quer acentuemos a importância da língua materna, com uma formulação específica dos interditos edípicos na constituição do supereu, ou, mais psicologicamente, na composição narcísica do eu, quer se considerem os mitos como conceitos-limite entre a psique e o social, como as pulsões são definidas por Freud como conceito limite entre a psique e o soma. [...]. Assim, a cultura constitui igualmente um dos objetos possíveis da psicanálise.

Rassial (2006) propõe três definições da cultura como conceito e objeto da metapsicologia psicanalítica (e, portanto, com implicações na psicopatologia e na prática clínica) partindo dos textos freudianos de Totem e Tabu (1912), O Futuro de uma Ilusão (1927) e de O Mal-estar na Civilização (1930 [1929]).

Primeira definição: "*a cultura como defesa contra o desamparo*". O desenvolvimento cultural acumula os meios para se lutar contra um desamparo primordial, necessário e não accidental, e que encontra seu sentido naquilo que poderíamos chamar de "*substituto social da função materna*". (RASSIAL, 2006, p. 33).

Nesse sentido, mais do que ser apenas um esforço de atingir um ideal proposto pela cultura, o motivo das mais altas produções culturais (técnicas, religiosas ou artísticas) é o mesmo que o da toxicomania, ou seja, elas são, sobretudo, formas de lutar contra o sofrimento e a angústia diante da condição humana de desamparo primário, estrutural e não accidental.

A cultura como defesa contra o desamparo, como substituto social da função materna, implica uma posição de alienação ao Outro materno. Nessa perspectiva, a relação do sujeito com a cultura é de alienação à mesma. Conforme dissemos acima, este Outro, além de amado como protetor, é vivido como estranho e hostil, tornando-se alvo de hostilidade, ódio e agressividade por parte do sujeito.

O narcisismo contém assim e repousa sobre este amor/ódio ao Outro materno. Como as produções culturais com as quais nos identificamos fazem parte de nosso narcisismo, podemos conceber um narcisismo cultural. Ou seja, estamos ligados narcisicamente às produções culturais com as quais nos identificamos e como tais compõem os pilares de nossa identidade numa relação de alienação imaginária. Na antropologia, o conceito próximo a esse é o de etnocentrismo.

Temos com a cultura (ou as culturas) na qual nos constituímos como sujeitos uma relação de ambivalência, pois por um lado devemos a ela quem somos, e por outro, a odiamos pelas restrições e limitações que impõe à satisfação pulsional.

Segunda definição: "*a cultura como construção superegóica que alivia o sujeito de sua culpa*." (RASSIAL, 2006, p. 33). Como a alienação do bebê ao Outro materno, a quem ama e de quem depende, está associada a uma agressão contra o mesmo, esta ambivalência amor-ódio do eu-prazer originário para com o Outro se realiza no sentimento de culpa, de onde provém um supereu materno, arcaico e feroz. Como se vê, o supereu materno arcaico não decorre da severidade parental, embora a mesma possa vir a agravar a ferocidade do supereu arcaico na sequência da constituição do sujeito.

Como o "*supereu é o dejetivo da ambivalência do eu-prazer originário, culpado por experimentar ódio agressivo em relação ao objeto de amor*" (RASSIAL, 2006, p. 33), a cultura como construção superegóica permite que o sujeito alivie sua culpa, deslocando-a para o grupo e para as representações míticas que procuram reparar a ambivalência de amor e ódio do sujeito ao Outro, e, ao mesmo tempo, direcionando seu ódio e agressividade aos de fora de seu grupo, ao estrangeiro.

Terceira definição: *o supereu cultural*. O supereu cultural é como Freud denomina o supereu em sua nova formulação, feita nos capítulos VI e VII do *Mal-estar na Civilização* (1930 [1929]). A nova teoria freudiana do supereu pode ser desdobrada em sua constituição em três tempos lógicos, como "*efeito da angústia de perda do amor do Outro, da Autoridade primordial, e da culpa diante das moções destruidoras*". (RASSIAL, 2006, p. 33).

O primeiro tempo lógico de constituição do supereu decorre da angústia de culpa sentida pela criança quando o Outro lhe exige uma renúncia à satisfação pulsional, o que Lacan caracterizou como a enunciação das leis da palavra. Cabe observar aqui que, neste primeiro tempo se trata da imposição da *lalíngua materna*, como a denomina Lacan (1972-73), na qual a mãe acolhe a criança e lhe impõe as interpretações do que lhe passa, por exemplo, se está chorando de frio, fome ou dor. Em nosso entendimento, mesmo na *lalíngua materna*, a cultura está em jogo. Basta observar as diferentes maneiras com que as mães interpre-

tam as manifestações de seu bebê, mais ou menos influenciadas pelas diferentes escolas de puericultura, bem como a reedição da transmissão da função materna que se dá entre a mãe e a filha, quando esta vai se tornar mãe e aquela avó.

O segundo tempo lógico da constituição do supereu, segundo Rassial (2006), é aquele em que a demanda do Outro passa da renúncia da satisfação da pulsão à renúncia ao desejo. Renuncia ao desejo edípico como interditado, na "*conjunção da teoria sexual infantil e da mitologia culturalmente transmitida*." (RASSIAL, 2006, p. 33).

O terceiro tempo lógico da constituição do supereu é aquele que Freud chama de supereu cultural, em que "*a tarefa essencial de uma cultura reside na ritualização da morte, e até mesmo na redução de todo rito, inclusive os de iniciação a uma atualização da morte*." (RASSIAL, 2006, p. 33).

Rassial conclui sua terceira definição de cultura como conceito psicanalítico afirmando ser "*o modo com que, na língua materna, enunciam-se ao mesmo tempo os interditos edípicos, constrói-se um lugar do Outro que suporta o ódio que lhe é dirigido, sem renunciar a seu amor (...) e se repete ritualmente a violência da intersubjetividade*." (RASSIAL, 2006, p. 33).

Freud enfatiza, nesse sentido, que o preço a pagar pelo esforço do desenvolvimento cultural/civilizatório é a de deixar alguns de fora para aparar os golpes que tornam possível unir por laços de amor uma grande massa de homens (FREUD, 1930 [1929]/1976).

A DIFERENÇA CULTURAL

Ainda retomando o artigo de Rassial, ele coloca que "*as culturas se diferenciam não pelas operações que as fundam, mas pelo sistema de representações produzidas pelos recalques, forclusões ou desmentidos desses fundamentos*." (RASSIAL, 2006, p. 34).

Ou seja, as operações de recalque, forclusão e desmentido estão presentes em toda cultura, mas incidem sobre diferentes representações-fundamentos, configurando culturas diferentes. O que ocorre nas interações culturais é que o que é recalcado, forcluído ou desmentido numa cultura frequentemente não coincide com as representações submetidas a estas operações em outra cultura.

Toda cultura tem por fundamento uma definição de um dentro familiar e de um fora estranho, tornado estrangeiro. Isto quer dizer que a diferença está no coração da formação da cultura, sendo um componente essencial da mesma. Esta definição de um dentro familiar (um sistema de representações relativamente compartilhado), e um fora diferente e hostil, se dá por um ato de violência simbólica fundante de exclusão, sendo o dentro familiar amado, e o fora estrangeiro, visto como ameaçador, hostil, e frequentemente odiado.

Desde Freud (1919/1976), em O Estranho (*Unheimlich*), sabemos que a inquietante estranheza se deve ao surgimento no real de algum traço que remete de forma direta demais a algo que já foi íntimo e familiar, mas que atualmente é recalcado, e seu retorno é experimentado com mal-estar, angústia e às vezes

repúdio e exclusão, que pode se tornar violento.

Uma das formas comuns com que a cultura lida com a inquietante estranheza é excluir o que é estranho, expulsá-lo e torná-lo estrangeiro, ou seja, aquele que vem de fora e de algum modo - porque é diferente, porque seus interditos e tabus de origem não coincidem com aqueles da cultura de chegada - ameaça fazer retornar o recalcado, o forcluído ou o desmentido fundante daquela cultura. Isso causa reações que vão do mal-estar ao estranhamento e à exclusão violenta do estrangeiro.

Tomemos como exemplo a delinquência e violência juvenil ou adulta, principalmente nos centros urbanos. Segundo Rassial (2006), são dois os principais determinantes das mesmas. Estas se dão, não em função do estatuto socioeconômico e sim, por um lado, pela falha na inserção social do sujeito e/ou de sua família. Por outro lado, se observa um conflito na diferença cultural entre o modo de socialização da violência aceito na cultura e origem que não coincide com aquela do país de chegada. O estrangeiro, mesmo involuntariamente, ameaça tornar evidente a violência fundante da cultura de chegada. *"Quanto mais uma sociedade nega a violência que a funda e recusa qualquer expressão socializada deste ódio, mais aparece uma violência selvagem"*. Nesse sentido, o terrorismo se desenvolve como *"consequência direta da ideologia pacifista da globalização."* (RASSIAL, 2006, p. 34).

Como as formas que o laço social toma numa dada cultura é o modo como uma coletividade mascara a falta estrutural na relação com o Outro (DOUVILLE, 2004), o estrangeiro é potencialmente ameaçador e odiado porque sua língua e memória desestabilizam a identidade cultural local, e com isso ameaçam desmascarar a falta estrutural na relação com o Outro em jogo naquela cultura, desarticulando o laço social da mesma. E por isso deve ser neutralizado de algum modo, sendo a segregação e o recurso à violência os mais comuns.

OS SOFRIMENTOS DA IDENTIDADE

Enfim, a diferença cultural produz, com maior ou menor intensidade, sofrimentos da identidade. Cabe aqui caracterizarmos o que entendemos por identidade para abordarmos na sequência algumas questões que seus sofrimentos colocam para a clínica psicanalítica.

Uma primeira observação a ser feita é em relação à posição de Erik Erikson, que foi um dos autores do movimento culturalista americano e da psicologia do ego que consagrou o termo identidade e crise de identidade. Para ele, certos problemas apresentados pelas pessoas deviam ser procurados principalmente no sentimento de desenraizamento sofrido, particularmente pelo imigrante, devido à ruptura violenta entre o seu modo de vida na cultura de origem e sua experiência em novo contexto cultural.

Ele tem razão nesse aspecto. Entretanto, na formulação de seu conceito de identidade do eu, Erikson distanciou-se da abordagem freudiana baseada na libido, propondo que o sofrimento estaria mais ligado à crise de identidade do eu, à cultura e às interações sociais do que às pulsões sexuais, ao psiquismo

inconsciente e às relações pré-edípias e edípias enfatizadas por Freud. (ROUDINESCO e PLON, 1998).

Considerar a cultura como conceito psicanalítico implica tomar as incidências subjetivas e sociais da diferença cultural como indissociáveis das formulações freudianas referidas no parágrafo anterior acima, diversamente da posição tomada por Erikson.

Para analisarmos os sofrimentos da identidade diante da diferença cultural é preciso considerar quais são os elementos que compõe a identidade, pois os sofrimentos dependem de como a diferença cultural incide sobre seus componentes, o que indicará também como intervir clinicamente. Tomaremos como referência no desdobramento desta questão o artigo *Os quatro componentes da Identidade* (tradução do autor) (MELMAN, 1990).

1 - A DIMENSÃO IMAGINÁRIA DA IDENTIDADE.

A primeira dimensão da identidade que abordaremos é a dimensão imaginária. Segundo Melman (1990), para que possa haver comunicação, é preciso que haja um mínimo de pressupostos implícitos compartilhados, de modo que o sentido das coisas seja semelhante para uns e outros. Ou seja, é preciso que haja uma estética compartilhada baseada em formas e traços de identificação comuns. Sem isso, o diálogo não é possível. Por exemplo, pela forma de vestir, se pode saber se o outro é "um dos nossos" ou não. Ou ainda, a arte de Vincent van Gogh rompeu com os padrões estéticos que sustentavam a identidade de sua época de modo que o reconhecimento de sua arte só veio muito após sua morte.

A identificação imaginária do eu com a imagem (forma) de si que vem do outro se dá desde a Fase do Espelho formulada por Lacan (1949/1988) em 1949. Com a predominância do registro do imaginário, ocorre uma confusão entre o eu e o outro, pois uma mesma forma e traço são compartilhados por ambos. O que pode se tornar ameaçador, pois o eu se vê colocado numa certa alteridade (imaginária) em relação a si mesmo, sendo que esse outro geralmente é visto pelo eu como sendo seu eu ideal.

Essa identificação imaginária instala a dimensão patológica da paranóia no coração da formação da identidade, pois ela se funda sobre a certeza de que no interior de si mesmo há sempre esse outro ameaçador, inquietante, modificador, que pode roubar de si mesmo a própria identidade. Nessa dimensão paranoica, esse outro pode chegar a se tornar o duplo do si mesmo, como se pode ler no conto *William Wilson*, de Edgar Allan Poe, publicado em 1839.

Os sofrimentos da identidade centrados na dimensão imaginária, aquém da paranóia do duplo, decorrem do fato de que sempre que o sujeito busca uma verdadeira realização da identidade de si mesmo, vê-se obrigado a passar por essa incômoda constatação de que a imagem de si é compartilhada numa alteridade com o outro semelhante.

O mal-estar aumenta pelo fato de que sempre se produz uma assimetria na imagem especular com o outro, em que um dos dois eus toma o valor de ideal,

instaurando obrigatoriamente uma rivalidade, uma competição invejosa e reivindicatória para saber do lado de qual eu se situa o ideal. Temos uma expressão que indica essa concorrência narcísica quando se diz que "é muito ego para pouco espaço", ou de que se trata de "uma disputa de beleza", em que as partes competem para ver "quem tem o pau maior, ou, como fazem os meninos, "vendo quem mijar mais longe". Na histeria, uma expressão comum entre duas rivais, expressa por aquela que se encontra em desvantagem no momento, é dizer "o que é que ela tem que eu não tenho?".

Quando o outro, portador da diferença, está em vantagem, seu aspecto ameaçador se potencializa, e a busca de reconhecimento se transforma numa luta de morte por puro prestígio, o que implica que o único prestígio possível é o de derrotar esse outro e excluí-lo, espancá-lo, ou até mesmo matá-lo, como ocorre muitas vezes em brigas de torcidas rivais.

Como as formas/traços implícitos comuns se impõem às pessoas numa comunidade cultural, podemos ver, por exemplo, os modos como um sujeito na histeria pode reagir a isso. Melman (1990) refere a esse respeito que a pessoa pode se mostrar camaleoa, adotando as formas do contexto, mesmo se queixando disso. Pode, por outro lado, se manter à distância e recusar o convite de compartilhar a forma comum, ou ainda, permanecer numa recusa à especularidade.

2 - A DIMENSÃO SIMBÓLICA DA IDENTIDADE

A dimensão simbólica da identidade traz uma estabilidade à identidade imaginária, pois na imagem do espelho é preciso que a mesma seja autenticada pelo traço simbólico que vem do Outro, permitindo ao sujeito saber a qual das imagens que vem dos outros corresponde seu eu. Com isso, a dimensão simbólica traz uma constância e permanência à identidade para além de todos os mimetismos convocados pela cultura.

Segundo Melman (1990), o que funda esta permanência da identidade do sujeito são os elementos da história pessoal, das origens, da família, da religião, da formação cultural e escolar, e do sobrenome, que determina sua filiação nas relações de parentesco.

A identidade simbólica traz consigo a dimensão da dívida e da culpabilidade. É a posição de estar sempre em dívida, sempre devendo, de ter sempre algo a pagar pela identidade simbólica e de nunca estar à altura de realizá-la perfeitamente.

É interessante notar que a palavra alemã utilizada por Freud (*Schuld*) tanto quer dizer dívida quanto culpa. Nesse sentido, Freud (1909/1976), no caso do "Homem dos Ratos", relata como na neurose se encena o drama do sintoma obsessivo, qual seja, o cenário da dívida impagável, que se torna uma fonte infundável de culpabilidade e de recriminações.

Outro aspecto levantado por Melman (1990) é que a identidade sexual é fixada pela a identidade simbólica em termos de imperativo superegóico de dever se situar de um lado e não de outro, de situar-se como homem ou como

mulher de acordo com seu sexo, o que remete também ao dever correspondente a cumprir como pai ou como mãe. É do lado da dimensão simbólica que estas exigências superegóicas se manifestam.

Ocorre que a identidade sexual também é composta pela dimensão imaginária das identidades de gênero com suas diferentes formas de expressão que compõe o movimento LGBTs (acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e simpatizantes, que inclui todas as orientações sexuais e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo anatômico ao nascer).

É importante observar que a identidade imaginária e a identidade simbólica podem estar mais ou menos em acordo ou mais ou menos em conflito. Como dissemos acima, citando Freud, o supereu é cultural, e os ideais simbólicos da tradição moderna que compõe a identidade se encontram pulverizados e em conflito com novos ideais, marcados pelo individualismo, em que se defende que cada indivíduo tem o direito à liberdade de opção, expressão e reconhecimento social de sua identidade de gênero. Ou seja, o supereu cultural da tradição já não é mais hegemônico. Há imperativos superegóicos em conflito no que tange à identidade sexual simbólica ideal na pós-modernidade, conflito que pode ser observado nacional e internacionalmente, por exemplo, nos embates públicos e parlamentares em relação ao reconhecimento legal dos casamentos homossexuais. Na clínica também testemunhamos dos conflitos e dos sofrimentos causados pelas diferenças entre as identidades imaginárias e simbólicas, e não apenas especificamente em relação à identidade sexual.

Geralmente, quando alguém se sente bem consigo mesmo é porque a identidade imaginária e a identidade simbólica estão em acordo. Cabe lembrar que, por razões culturais, migratórias ou imigratórias, a discordância entre a identidade simbólica e a identidade imaginária é frequentemente fonte de mal-estar e sofrimento. Um fenômeno clínico relativamente comum entre imigrantes, exilados, refugiados, ou filhos dos mesmos, é a amnésia da identidade simbólica. Por exemplo, a relação imaginária do estrangeiro com o outro especular da cultura de chegada pode se dar de forma totalmente adequada, mas à custa de uma amnésia das referências simbólicas de origem conflitantes com as da cultura de chegada. Esta amnésia pode incidir sobre um ou mais componentes isolados da identidade simbólica, ou, pode acontecer também do sujeito recalcar todas as referências de sua história.

Outra ocorrência da discordância entre a identidade simbólica e a identidade imaginária que encontramos na clínica - particularmente na clínica ampliada -, agravada pelo quadro de neutralização da diferença cultural, é funda em mecanismos pelos quais o sujeito imigrante é privado de memória e de língua. Nesses casos, ocorre do sujeito entrar em desorganização psíquica de sua identidade simbólica e imaginária, em que o próprio corpo se torna algo estranho para o próprio sujeito e já não coordena o funcionamento dos orifícios corporais, situação frequentemente confundida com a psicose, mesmo não sendo o caso (DOUVILLE, 2004, p.179).

3 - A DIMENSÃO DESEJANTE DA IDENTIDADE

A dimensão desejante da identidade diz respeito ao sujeito do inconsciente que deseja. Segundo Freud (1904/1976), o desejo é inconsciente, recalcado, infantil, e permanece vivo, indestrutível, atemporal e ativo, produzindo efeitos na vida adulta. É a essência do ser humano. Para além dos propósitos, daquilo que tinha a intenção de dizer ou fazer, contradizendo os sentidos e significados imaginários estabelecidos ou pretendidos, é a verdade do sujeito que deseja que está em jogo nesta dimensão da identidade. O desejo é o elemento constitutivo mais forte da identidade (MELMAN, 1990).

Há conflitos também entre esse componente da identidade e a identidade imaginária e a simbólica. Os atos falhos e as formações sintomáticas realizam desejos que são uma traição das intenções da identidade imaginária, que frequentemente não se reconhece em seus desejos inconscientes, ou que podem estar também em contradição com os ideais estabelecidos na identidade simbólica.

A identidade, enquanto significativa do desejo, não pode ser deixada para trás em nenhuma fronteira e não pode ser dominada pelo eu, muito embora frequentemente seja desconhecida, ignorada, denegada e recusada pelo mesmo.

4 - A DIMENSÃO DO SINTOMA NEURÓTICO NA IDENTIDADE

O sintoma é o que há de mais sólido e consistente na identidade de uma pessoa. Podemos dizer também, por extensão, que o sintoma social é o que há de mais sólido numa cultura.

O sintoma é constituído como defesa contra o desejo. Por ser uma solução de compromisso resultante do conflito entre desejo e proibição, se pereniza no tempo justamente por ser uma defesa contra o desejo que, como foi dito acima, é indestrutível. Por este motivo, o sintoma não pode ser esquecido nem dominado pelo eu, por mais que este se esforce para tanto.

O sintoma é uma invenção particular, marca individual de cada sujeito, com uma cifragem singular em sua formação de compromisso em relação ao desejo. Como o sintoma é singular a cada sujeito, a resposta no tratamento analítico é também singular, pessoal e intransferível.

Entretanto, embora o desejo seja sempre singular e as defesas contra o mesmo tenham sempre um cunho enigmático singular, os sintomas singulares podem se articular coletivamente em sintomas sociais, em relação aos quais o sintoma singular do sujeito tem vários pontos de identificação em comum, obedecendo ao modelo freudiano de formação das massas por identificação a um mesmo traço introjetado no ideal do eu de cada sujeito, permitindo que uma massa de sujeitos identifiquem os eus de uns e outros como sendo do mesmo time (sintoma social). Freud também fala, nesse sentido, na identificação ao desejo do outro como uma das formas da identificação na histeria. (FREUD, 1921/1976).

Por outro lado, o desejo de um sujeito é muito parecido aos desejos comuns a muita gente. Ocorre que as fantasias que organizam o desejo são muito limita-

das em número, como se pode observar na estereotipia repetitiva das produções erótico-pornográficas, e por isso tem a propriedade de serem compartilhados, muito embora tenham sempre uma implicação singular para cada sujeito.

Por esses motivos, o desejo das pessoas funciona de modo muito semelhante dentro de uma determinada cultura, com fantasias muito parecidas e sintomas defensivos organizados coletivamente (sintomas sociais), como bem o sabem os especialistas em marketing, que se esmeram em apresentar imagens publicitárias que permitam aos consumidores alvo identificar seus objetos de desejo sintonizados no sintoma social local do consumismo/mercantilização do desejo.

A dimensão do sintoma na identidade se caracteriza ainda pelo automatismo de repetição (FREUD, 1920 [1919]/1976), o que faz da vida do neurótico algo cíclico e, a cada volta, permite que o sujeito se reconheça como sendo ele mesmo. Por outro lado, o sintoma questiona o sujeito e o coloca em cheque, pois o confronta com o real impossível de simbolizar, confronto que compele novo ciclo de repetição. É por esse motivo, como foi dito acima, que o sintoma é o que há de mais sólido e consistente na identidade.

A QUESTÃO DA DIFERENÇA CULTURAL E A CLÍNICA PSICANALÍTICA HOJE

A questão da diferença cultural e suas incidências na identidade é hoje um problema que se apresenta em escala social global. (DOUVILLE, 2004; MELMAN, 1990). Conforme dissemos na introdução, a diferença cultural, cuja presença incontornável é intensificada pelas migrações, imigrações e progressiva interpenetração das culturas e línguas promovidas pela mobilidade global, coloca uma ampla gama de problemas subjetivos e sociais.

Muitas questões clínicas decorrentes das incidências subjetivas e sociais da diferença cultural já foram referidas acima. Cabe ainda ressaltar que é muito comum, na clínica com imigrantes, expatriados, intercambistas, exilados, refugiados, ou até migrantes dentro de um mesmo território nacional, escutarmos os efeitos da privação de memória e de língua, mesmo quando temporárias, impostas pelos mecanismos de neutralização com que a cultura de chegada lida com o inquietante estrangeiro.

A diferença cultural provoca incertezas sobre a adequação da identidade imaginária num ambiente multicultural. Coloca em causa também o bem fundado da identidade simbólica, na medida em que os valores fundamentais da mesma (como a história, a família, a religião, etc.) são confrontados pela diferença de valores entre culturas.

A cultura de origem do migrante, imigrante ou dos seus descendentes, segundo Melman (1990), se vê diminuída, subestimada, desqualificada diante da cultural local dominante. O sujeito é confrontado com a impotência de sua cultura de origem de ter influência sobre o real, pois não é ela que comanda os usos e costumes, a maneira de se vestir, de se alimentar ou de se comportar. Tampouco comanda a arquitetura, o urbanismo ou regras de trânsito. Situação que é fonte constante de conflitos e lutas pelo reconhecimento das culturas minoritárias segregadas ou excluídas e resistência pelas culturas dominantes.

Frequentemente, o estrangeiro e seus descendentes se vêem forçosamente induzidos a reprovar ou desmentir sua cultura de origem por não prover os traços de identificação valorizados no social, o que impõe no seio dessas famílias um sentimento de impotência e desvalia. Um sintoma reativo a essa situação, seja pessoal ou social, é defender a cultura de origem de forma idealizadora e dissociada do tecido social, o que resulta na formação de guetos e tribos que vivem de forma isolada ou em conflito mais ou menos violento entre si e com a cultura dominante.

O migrante/imigrante muitas vezes faz um esforço para ser reconhecido como nativo da cultura local e ser valorizado como tal, o que pode levá-lo a uma frustração essencial maior. Como a língua veicula os valores vigentes na cultura, um sotaque estrangeiro pode lhe qualificar ou desqualificar, dependendo do status fático corrente entre as línguas/culturas em questão. É comum acontecer que o imigrante e seus descendentes não consigam mais se reconhecer ou fazer reconhecer sua identidade, tanto na cultura de origem, quanto na cultura local.

Nessas circunstâncias, tão comuns na contemporaneidade, restam ao sujeito cinco saídas (MELMAN, 1990): a passagem ao ato (por fracasso da simbolização), a delinquência (que transgride em busca de um reconhecimento simbólico, mas que fracassa), a violência (aparentemente gratuita), o integrismo (que é a adoção alienante e violenta da identidade imaginária e simbólica de adoção, tornando-se "mais papa que o próprio papa", ao preço de denegação das referências de origem); ou ainda, um sintoma tanto pessoal quanto social - cada vez mais comum hoje -, que é a defesa fundamentalista dos valores da cultura de origem, ou, pelo contrário, os da cultura de chegada.

Segundo Douville (2004), novas formas de dessubjetivação vêm como resposta ao mal-estar nas relações sociais referidas acima. O autor enfatiza que na clínica psicanalítica das situações de instabilidade da identidade em migrações, imigrações, exílio, errância e exclusão, vários fenômenos psicopatológicos tais como toxicomanias, anorexias e bulimias massivas e violências adolescentes entre outras expressões do mal-estar, não devem mais ser considerados exclusivamente na perspectiva de sintomas neuróticos clássicos (ou seja, como formações de compromisso resultantes do recalque de desejos proibidos).

Na contemporaneidade, o laço social se pulveriza em discursos identitários em que a alteridade simbólica do terceiro é neutralizada e os dispositivos de filiação e pertencimento são atravessados pela violência simbólica de privação de língua e de memória, ou diretamente pela violência bruta. Predomina neste contexto uma lógica imaginária de pertencimento ou de exclusão, calcada na forma de identificação com que Freud caracterizou a psicologia das massas (FREUD, 1921/1976).

Muitos casos designados como novas formas da psicopatologia são pacientes que vem ao encontro do analista para dizer, enredar e desenredar as relações entre trauma histórico de privação de memória e de língua e acidente singular.

É preciso um trabalho prévio com sujeitos que chegam nessas condições, que consiste em vencer este desespero singular com relação à palavra, uma vez

que a neutralidade tradicional do analista remete esses sujeitos a um Outro onipotente que foi, em sua história vivida ou herdada, impossível de fazer reagir a suas palavras e seus gritos. A neutralidade nesses casos reforçaria a neutralização cultural subjetiva já sofrida.

Nesse sentido,

a situação psicanalítica não é mais, então, [apenas] o dispositivo que permite a emergência do elemento recalcado, mas também a ocasião na qual se dizem enfim as palavras banidas e os significantes da filiação que foram atacados pelas violências da história. (DOUVILLE, 2004, p.180).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.3 (Texto originalmente publicado em 1895).

FREUD, S. Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.10 (Texto originalmente publicado em 1909).

FREUD, S. O Estranho. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.17 (Texto originalmente publicado em 1919).

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.18 (Texto originalmente publicado em 1920[1919]).

FREUD, S. Psicologia das Massas e Análise do Eu. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.18 (Texto originalmente publicado em 1921).

FREUD, S. O Futuro de uma Ilusão. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.21 (Texto originalmente publicado em 1927).

FREUD, S. Mal-estar na Civilização. In _____. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v.21 (Texto originalmente publicado em 1930[1929]).

LACAN, J. **O Seminário, Livro 20 - Mais, Ainda**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LACAN, J. O Estádio do Espelho como formador da função do eu. In _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 (Texto originalmente escrito em 1949).

RASSIAL, J-J. Cultura como Conceito Psicanalítico. **Textura - Revista de Psicanálise**, ano 6, n. 6, 2006.

DOUVILLE, O. Uma Melancolização do Laço Social?. **Ágora**, v.7, n. 2, jul/dez 2004.

MELMAN, C. **Les quatre composantes de l'identité**. Conférence prononcée le 27 octobre 1990 à l'Hôpital Bicêtre, dans le service du Professeur Féline. Disponível <http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=cmelman271005>. Acessado em 15 abr 2013.

ROUDINESCO, E. e PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

O SACRIFÍCIO DO CORPO COMO TOMADA DA PALAVRA E SEU CÁLCULO PARA A IDENTIDADE. UMA REFLEXÃO PSICANALÍTICA SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS.

THE SACRIFICE OF THE BODY AS SPEAKING OUT AND ITS CALCULUS TO IDENTITY. A PSYCHOANALYTICAL REFLECTION ON BODY MARKS.

Nelson da Silva Junior¹

Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira²

A história das modificações corporais começa concretamente no séc. XVIII, com os primeiros contatos do capitão James Cook com as culturas do Pacífico, que delas faziam um uso ritual e estético. Não obstante a impossibilidade de reconstruir a rede de significações em jogo nos primeiros contatos entre essas duas culturas, é um fato histórico a atração que as tatuagens maori exerceram sobre os marinheiros europeus, que passaram a reproduzir essa prática. Os motivos escolhidos, entretanto, eram relativos a sua própria cultura de origem. É a população portuária, aquela cuja porosidade de costumes e valores faz o papel de limite da cultura ocidental com as outras culturas, que abrigará as tatuagens no ocidente. Por muito tempo, tatuar-se será portanto uma prática essencialmente marginal, restrita aos marinheiros, às prostitutas e aos malfeitores. Esta origem histórica encerra entretanto um sentido durável da prática, perceptível até hoje: o contato com a estranheza, a imitação, a apropriação dos costumes do outro, a dúvida sobre sua própria identidade estarão doravante na raiz de todo ato de fazer-se inscrições sob a pele.

As tatuagens só saem das fronteiras da cultura e começam a migrar em direção a seu centro no começo do séc. XX, com os *modern primitives* (VALE; JUNO, 1989). Esse movimento nasce na costa oeste estadunidense e prega o conhecimento de si por meio da recuperação de práticas do corpo de culturas não-ocidentais. Na segunda metade desse século, surge na Inglaterra o movimento punk, como uma forma violenta de oposição aos valores da cultura burguesa e a suas estética e ética corporais. Desses dois movimentos centrípetos de modificações corporais, poder-se-á dizer que, sem dúvida, são as leis do mercado que lhes ditam as regras (LE BRETON, 2003). Essas leis se caracterizam pelo fato de absorver sistematicamente as formas que se lhes opõem. Mas, para que isso seja possível, a cultura ocidental deverá ter passado por longas transformações.

De fato, as condições prévias, as origens da história concreta das modificações corporais começa muito antes, com o começo da Modernidade no seio da própria cultura ocidental. Modernidade que pode, de acordo com certo ponto de vista, ser comparada a uma adolescência do mundo ocidental. Com efeito, esta adolescência da cultura se afirma por um lado como negação de toda auto-

¹Psicanalista, professor livre-docente do IPUSP, do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (AUPPF) e um dos coordenadores do Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (LATESFIP-USP).
nesj@terra.com.br

²Psicólogo formado pela Universidade de São Paulo, onde atualmente cursa Pós-Graduação em Psicologia Social e Graduação em Filosofia. Membro do LATESFIP e da Rede Clínica do Laboratório Jacques Lacan (USP). Bolsista FAPESP.
luizevm@gmail.com

ridade, que, à época, era representada pela religião e pela monarquia. Por outro, ela estava embriagada de sua própria potência, potência esta advinda da descoberta da Razão como autoridade sobre o real.

O sentimento de onipotência desta adolescência do mundo ocidental era acompanhada, entretanto, também de uma profunda desordem - ou, dito de outra maneira, de um sentimento de abandono e de solidão ontológica, desencadeados por esta emancipação de seu passado. O homem moderno é o único responsável por si mesmo e deve, destarte, construir-se. Não se espera mais de um filho que ele siga necessariamente o ofício de seu pai, mas sim que ele escolha "o futuro de si". Esta construção compulsória de si torna-se um princípio indissociável dos valores da vida política, dos governos democráticos e mesmo da religião, como no caso da tradição protestante. A fundação laica do estado, sua construção como representante do povo são, sem dúvida, suas expressões sociais as mais consequentes. A dúvida sobre a identidade é, portanto, uma condição estrutural dos marinheiros ocidentais antes mesmo que eles encontrem os maoris, orgulhosos de suas tatuagens e de seu mundo profundamente enraizado no sentido.

Este último movimento da história das modificações corporais realiza-se ao longo do séc. XX, quando a racionalidade torna efetivos seus primeiros resultados concretos no mundo vivido, por meio do desenvolvimento das tecnologias da saúde. A implicação da ciência e de seus produtos tecnológicos em todos os campos da vida social não pode mais ser negligenciada. O sucesso científico torna-se uma realidade cotidiana na vida das pessoas, o que, por sua vez, acarreta uma surpreendente modificação na cultura, modificação esta que opera uma redução sistemática da idealidade à concretude, do imaginário ao empírico e, bem entendido, do espírito à matéria. Não é um acaso se nossa cultura concebe o psiquismo de acordo com um modelo organicista.

A articulação desses elementos da modernidade, a saber, a construção compulsória de si, a dúvida estrutural sobre a identidade e a redução da alma à dimensão concreta do corpóreo, conduz necessariamente a uma só conclusão: construir-se implica e exige a modificação da carne, a retificação do suporte corporal.

As estatísticas aparentemente confirmam esta inquietante equação. Em uma pesquisa publicada por Harris Interactive (2003), constatar-se-á que em uma amostra de pessoas cuja idade ia de 18 a 25 anos, não menos que 36% das pessoas possuíam uma tatuagem. O número é quase o mesmo para aquelas de 26 a 40 anos: 40%. Mas ele cai a 10% quando se passa àquelas entre 41 e 64 anos. Em uma pesquisa do Pew Research Center chamada "A portrait of Generation Next" (2007), os resultados foram os seguintes: para aqueles nascidos entre 1953 e 1963, 15% possuíam tatuagens, número que chega a 24% entre aqueles que nasceram entre 1964 e 1974 e a 36% entre 1975 e 1986.

É nesse contexto que o aumento na frequência das ações autodestrutivas como os *barebacking*, as suspensões, o *scratching*, o "jogo da morte" e as automutilações, bem como a potencial destrutividade dos esportes radicais, por exemplo, coloca o problema de compreender os processos psíquicos os mais

específicos subjacentes a essas tendências. Entretanto, antes que possamos avançar, será necessário examinar as modificações corporais segundo um outro eixo de análise, qual seja, sua relação com a identidade do sujeito.

O CORPO E SUAS RELAÇÕES COM A IDENTIDADE

No quadro atual delimitado por esses fenômenos, pode-se distinguir dois tipos de uso do corpo segundo sua função na relação do sujeito com sua busca de identidade. De fato, uma função de controle da identidade pode ser claramente distinguida de outra relacionada a um anelo ou a um projeto de transformação de si.

A título de exemplo, três formas de uso do corpo parecem submetê-lo ao serviço de um controle identitário: o BIID, isto é, transtorno de identidade de imagem corporal, no qual os sujeitos fazem uma demanda de amputação de um membro saudável por experimentarem um sentimento de inadequação vis-à-vis seu corpo (FIRST, 2004); o transsexualismo; e, por fim, as cirurgias estéticas. Esses três fenômenos, malgrado todas as suas diferenças psicopatológicas e sociológicas, podem ser considerados como partilhando um só ponto de vista na relação que o sujeito constrói entre sua identidade e seu corpo. Com efeito, encontra-se aí um postulado comum, que afirma que a identidade subjetiva depende da adequação do corpo a uma forma previamente concebida. Entre o sujeito que tenciona amputar um membro saudável, o que se submete a uma cirurgia de mudança de sexo e a mulher que implanta próteses de silicone, há ao menos uma questão em comum: os três atos são tentativas de suprimir a distância que separa uma imagem ideal daquilo que é vivido como o próprio corpo. De certa maneira, pode-se dizer que o corpo possui aí um papel central na determinação identitária de si: ele torna-se o representante da identidade para o sujeito, isto é, seu fiador existencial.

Por outro lado, as modificações corporais também podem possuir um sentido de passagem, e, portanto, de abertura à diferença em si mesmo. O site *Body Modificaion Ezine* (Revista Eletrônica de Modificação Corporal) relata as atividades de uma comunidade de modificação corporal constituída por praticantes de modificações como *piercing*, *scratching* -isto é, esfolar (eventualmente, descascar) - tatuagem, *cutting*, suspensões por ganchos inseridos na pele. Um espaço do site é reservado para relacionamentos pessoais, sob a forma de textos e fotos.

Entre as muitas práticas relatadas, destacamos a da suspensão, na qual ganchos são trespassados na pele de uma pessoa, por meio dos quais ela é suspensa no ar por determinado período. Há diferentes formas de suspensão, de acordo com as partes do corpo onde serão colocados os ganchos e a posição final que o sujeito tomará. As mais frequentes são o "suicídio", na qual o corpo é suspenso horizontalmente e os ganchos, introduzidos nas costas e na parte posterior dos membros. Esta posição permite algumas variações. Em primeiro lugar, o "crucifixo", no qual os braços também são usados em posição aberta. Em seguida, o "super-homem", que parte da posição do suicida, impondo-lhe uma ligeira inclinação da cabeça para baixo. O "coma" também deixa a pessoa na horizontal, mas desta feita com o rosto virado para o alto. Há também referências a outras culturas, como o "o-kee-pa", técnica apache na qual se perfura a panturrilha

com os ganchos; e o lótus, no qual a pessoa é suspensa sentada, como um yogi. Estas suspensões podem durar de alguns minutos a algumas horas.

Isso poderia fazer com que reconsiderássemos seu parentesco com as experiências análogas à iniciação de jovens guerreiros em várias culturas. Mas, diferentemente desses últimos, encontra-se aí uma ausência quase total de referências à sacralidade vivida como realidade social. Em seu lugar, tem-se um desafio individual, um limite cuja transposição o sujeito impõe a si mesmo. O prazer não apenas narcísico, mas também corporal que acompanha a dor vivida é frequentemente descrito. O risco que a pele se rompa e a eventual destruição de si parecem funcionar como uma maneira de se recriar, reconstruir-se ou reinventar-se. Há também outra diferença, talvez essencial: as práticas do corpo rituais nas culturas tradicionais possuem uma função de inclusão social, enquanto essas de nossa cultura perdem uma boa parte de seu sentido se a função de separação e de distinção de um grupo em relação a outros lhe for retirada.

A esse propósito, uma mulher escreve que ela se sentia assustada, e entretanto viva e livre enquanto ela se faz suspender. Eis aqui um trecho de seu relato:

(...) Senti-me tão feliz e tranquila na semana passada. Quando penso no que aconteceu, sorrio. Sinto-me tão tranquila, e qualquer coisa que estivesse me incomodando em minha cabeça não me importava mais. É esquisito o tamanho do efeito. Obrigado a todos que fizeram isso acontecer (...).

Este testemunho dá conta de uma reorganização do vivido desta mulher em relação a seu corpo. Poder-se-ia dizer que a geografia e a economia libidinal parecem, aqui, estar em questão para ela. Algo semelhante aparece nos testemunhos de outros sujeitos:

(...) Acho difícil compreender, mas minha mente parecia ser uma parte de minha pele. Senti uma sensação física correndo por minha mente. É como se a mente e o corpo se fundissem ao invés de estarem separados. Foi tão esquisito. Então me dei conta de tudo externamente. Podia ver minha namorada, as pessoas tirando fotos, todos sorrindo para mim. Foi totalmente surpreendente. (...).

Esses relatos referem-se, em geral, a uma experiência quase unânime: a sutura do mal-estar advindo da separação entre corpo e espírito (*esprit*). O reinvestimento corporal parece ter um efeito de disseminação libidinal sobre todo o sistema percepção-consciência, e, portanto, também sobre o Eu. A respeito disso, diz Freud em "O Eu e o Isso", "o eu não é somente um ser de superfície, ele é também a projeção de uma superfície" (FREUD, 1923/1982, p. 294). Porque, declara Freud,

o próprio corpo e, sobretudo, sua superfície é um lugar do qual podem simultaneamente partir percepções do interior e do exterior. (...) Mesmo a dor parece ter um papel aqui e a maneira por meio da qual se adquire um novo conhecimento de seus órgãos a partir de doenças dolorosas é talvez prototípica da maneira pela qual se pode chegar à representação do pró-

prio corpo. (FREUD, 1923/1982, P.294).

Deste ponto de vista, não seria ousado demais considerar as práticas de manipulação como ensaios de reconstrução, isto é, ensaios de construção do corpo e do Eu-corporal pela dor, do mesmo modo que um delírio é um ensaio de reconstrução da realidade. O masoquismo não seria, então, o ápice da natureza depravada do homem, mas a maneira encontrada por ele de habitar seu corpo e seu mundo.

Com efeito, na psicopatologia são os fenômenos sadomasoquistas, clássicos ou tradicionais, por assim dizer, que se organizam em torno da dor, de sua encenação e, às vezes, de uma organização contratual. A reflexão sobre esses fenômenos exige que sua singularidade seja isolada previamente, o que tentaremos fazer a partir de uma análise comparativa das três modalidades de masoquismo descritas por Freud.

Essas três modalidades do masoquismo organizam-se segundo uma lei genética. Haveria, no início, o masoquismo erógeno, posto que ligado a constituição de cada um dos outros dois, e, em seguida, duas derivações daquele: o masoquismo feminino e o masoquismo moral. É a partir de sua relação com o erotismo, assinala Freud, que uma primeira diferença pode ser estabelecida entre essas duas modalidades. Tanto o masoquismo feminino quanto o erógeno implicam experiências acompanhadas de prazer, enquanto o último, o masoquismo moral, parece estar distante de qualquer sexualidade (FREUD, 1924/1982, p. 349).

Não esqueçamos, entretanto, que, malgrado o fato de ser melhor observado em casos extremos, o raciocínio de Freud implica a continuidade entre o normal e o patológico. Isso nos leva a postular uma natureza masoquista em todo e cada um de nós. Dito de outra maneira, na normalidade, em cada ato de fala, será suposta a existência de uma participação da satisfação masoquista.

O CORPO COMO SUPORTE PARA A TOMADA DA PALAVRA

Na segunda das funções aqui isoladas das modificações corporais, qual seja, a de permitir uma passagem, uma transformação do sujeito, o que está em jogo, além do nível propriamente imaginário desta alteração, é sem dúvida sua relação com a fala. Antes, simultaneamente ou mesmo após suas explorações dos limites de seu corpo, o sujeito toma a palavra. Quando se escuta os sujeitos relatando a experiência de quando eles se fizeram tatuar, nunca faltam os efeitos de sua enunciação, atos falhos, lapsos, inversões que mostram que o sujeito do inconsciente está profundamente implicado nesta experiência. Esta abertura para o inconsciente participa do fato que, para expressar sua dor, frequentemente o sujeito se machuca. Não de uma maneira completamente voluntária e decidida, mas como uma moeda de troca de uma aposta mal conhecida. Com efeito, a sutil dialética entre dor e sofrimento é aparentemente um dos meios encontrados pelos sujeitos para "falar". Este verbo deverá ser entendido como intransitivo para que possa apreender a espessura da dimensão do sujeito na qual sua tomada da palavra possui uma eficácia enquanto tal, independentemente de seu conteúdo. Mas, para chegar a tomar a palavra, o caminho nunca é pacífico. A con-

quista do direito a falar parece às vezes ser mais uma guerra que um discurso. Tomemos, por exemplo, a seguinte declaração, feita por um jovem:

Não sou um cortador stricto sensu. Não odeio meu corpo e de modo algum sinto necessidade de me punir. Mas, ainda assim, faço estrago.

Um dos poemas de Paul Celan, cujo título é "Fala tu também"¹, lembra-nos o que talvez esteja no fundo desta narração de um estrago infligido a si, malgrado si mesmo:

"Fala, mas não separa o não do sim.

Dá sentido a seu dizer, dá-lhe a sombra!"

Se tudo está compreendido na fala, é porque ela não disse nada de fato. Dito de outro modo, é necessário compreender aqui que a linguagem não existe independentemente daquele que fala. É nesse sentido que o tomar a palavra não pode abrir mão da sombra, da ausência de sentido, que a ameaça.

O sacrifício da soberania total do si é, aparentemente, uma moeda indispensável nesta obscura negociação por um pouco de autonomia. O sujeito faz este sacrifício, entretanto, como uma aposta cega, porque ele nunca poderá estar certo de que vá receber o que ele almeja com a parte de seu corpo que tem o papel de dom. Assim, este movimento de emancipação faz-se sempre em relação com um outro essencialmente desconhecido.

É uma contabilidade complexa que está em jogo em qualquer sacrífico: uma coisa, uma parte de alguém é destruída no lugar de uma outra. Mas qual seria esta outra coisa pela qual o sujeito se sacrifica?

Em geral, referimo-nos às tatuagens como um meio de se apropriar do corpo, de sexualizá-lo. Ora, frequentemente se escuta que a dor experienciada na realização de uma tatuagem faz parte dela. É preciso "sangrar", e não apenas no sentido literal, mas também no sentido do sofrimento. Uma referência cultural ainda mais próxima seria a do tabu da virgindade. O ferimento, o depósito de sangue e, finalmente, o fato irremediável do hímen rompido poderia dar um corpo à sua história, fazendo-o descer da pureza intocada do céu em direção aos prazeres e dores da terra. Não seria, nesse sentido, ousado demais conceber a tensão e os conflitos das primeiras modificações corporais como um análogo daqueles presentes na passagem à sexualidade adulta. Com efeito, as primeiras tatuagens parecem frequentemente aceitar a significação de um rito de passagem, de um gesto transgressor e heróico frente à apropriação do corpo. Mas o sentido desta apropriação ultrapassa grandemente apenas a vida erótica do sujeito.

O SIGNO DE UM TEMPO SEM RETORNO

Quando um sujeito se tatua, quando ele se corta ou se arrisca, um dos elementos fundamentais em jogo é precisamente o não retorno, aquilo que não pode ser desfeito. Assim, não se trata apenas a potência do sujeito sobre seu destino e seu corpo, mas também, e talvez sobretudo, da impotência nesses atos que, em sua superfície, destacam apenas sua autonomia.

Nesse sentido, a saber, uma marca indelével sobre a pele, lembra uma cicatriz e, posto que é intencional, poder-se-ia dizer que é mesmo a metáfora ou a mimese de uma cicatriz. Com efeito, a tatuagem também é, nesse sentido, sempre a evocação de acontecimentos de corpo vividos passivamente. Nesta evocação, o corpo faz a função de uma tela, de superfície na qual o destino deixa sua escrita. Destino no sentido de uma potencia que está fora de nós, mas sem a qual não seríamos mais nós mesmos. Enquanto lugar e sede de nossa morte, o corpo traça as fronteiras de tudo aquilo que não pode ser controlado, como a dor, o desejo ou seu fim. Assim, a tatuagem sobre a pele redesenha sobre o corpo aquilo que já está no corpo, a saber, sua abertura àquilo que é radicalmente outro, àquilo que é definitivo na vida e àquilo que nos forma a despeito de nós mesmos.

O corpo pertence à negociação para a abertura à fala, na medida em que, tal como a fala, não pertence inteiramente ao sujeito. Ao contrário, o sujeito ali se encontra submetido, tomado e alienado. O corpo é então homólogo à fala como elemento frente ao qual esta negociação do sujeito com seu outro pode se realizar.

Claro, tanto o corpo como a fala são, por assim dizer, matéria de um dizer. Como a fala, o corpo é lugar de gozo e de dor. Assim, a emancipação do sujeito dos dizeres que o oprimem passa, eventualmente, ou preferencialmente, pela exploração, manipulação, conquista de seu corpo, com as derivações destrutivas que toda conquista implica.

PARA CONCLUIR

Freud afirma que aquilo que recalcado da consciência retorna como sintoma. Se a modernidade exclui a impotência do sujeito frente a seu destino, se não somos mais feitos de nossa dor, então será esta mesma impotência que deverá retornar, como sintoma, no sujeito contemporâneo. Se na atualidade esta impotência não possui mais o direito de ser percebida como tal, seu retorno como sintoma adquire o significado de uma revolta. Se o comando coletivo da modernidade incita a onipotência, a recusa passa obrigatoriamente pela afirmação da impotência, mesmo se esta afirmação sói estar profundamente escondida nos atos e nas falas do sujeito.

De fato, se esta época demanda uma dominação perfeita de nosso próprio destino, é o inconsciente que poderá melhor retomar a loucura deste projeto. A tatuagem, assim como qualquer marca irreversível sobre o corpo, relembra que somos feitos daquilo que não podemos fazer. O sacrifício é uma parte de si e nesse sentido uma das formas do sublime, isto é, aquilo que está para além de qualquer preço.

NOTA

¹ "Sprich ? / Doch scheide das Nein nicht vom Ja. / Gib deinem Spruch auch den Sinn: / gib ihm den Schatten". (CELAN, 2002, p. 103).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELAN, P. **Von Schwelle zu Schwelle. Vorstufen, Textgenese, Endfassung.** Frankfurt: Suhrkamp, 2002.

FIRST, M. B. Desire for amputation of a limb: paraphilia, psychosis, or a new type of identity disorder. **Psychological Medicine**, v. 34, p. 1-10, 2004.

FREUD, S. Das Ich und das Es. In _____. **Studienausgabe, Band III: Psychologie des Unbewußten**, Frankfurt: Fischer, 1982. (Texto originalmente publicado em 1923).

FREUD, S. Das Ökonomische Problem der Masochismus. In _____. **Studienausgabe, Band III: Psychologie des Unbewußten**, Frankfurt: Fischer, 1982. (Texto originalmente publicado em 1924).

HARRIS INTERACTIVE. Disponível em <<http://www.harrisinteractive.com/vault/Harris-Interactive-Poll-Research-A-Third-of-Americans-With-Tattoos-Say-They-Make-Them-Feel-More-Sexy-2003-10.pdf>>. Acessado em 17 de mai. 2011.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Campinas: Papirus, 2003.

PEW RESEARCH CENTER. **A portrait of generation next.** Disponível em <<http://people-press.org/2007/01/09/a-portrait-of-generation-next/>>. Acessado em 17 de mai. 2011.

REVUE DE MODIFICATION CORPORELLE. Disponível em <<http://www.bmezine.com/>>. Acessado em 17 de mai. 2011

VALE, V.; JUNO, A. **Modern primitives: an investigation of contemporary adornment & ritual.** São Francisco: Re/search, 1989.

CLÍNICAS DO TESTEMUNHO: DESAFIOS NA RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

CLINICS OF TESTIMONY:
CHALLENGES ON THE HISTORIC RECONSTRUCTION

Bárbara de Souza Conte¹

Resumo: Clínicas do Testemunho, projeto da Comissão de Anistia/Ministério da Justiça em parceria com a Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG), é discutido em seus pressupostos fundamentais: a escuta psicanalítica e a recomposição histórica, a partir dos conceitos psicanalíticos de trauma e temporalidade. A fala é abordada como possibilidade de que as séries traumáticas cristalizadas encontrem relações psíquicas, que retroativamente se temporalizam. A recomposição histórica onde o sujeito se inscreve e reescreve o social é uma das questões apontadas como forma de lidar com a violência de Estado da ditadura no Brasil.

Palavras-chave: Psicanálise, Escuta Psicanalítica, Trauma, Temporalidade, Violência.

Abstract: Clinics of Testimony, Project of the Amnesty Commission/Ministry of Justice in partnership with Sigmund Freud Associação Psicanalítica are debating, in their fundamental assumptions: the psychoanalytic listening and the historical recomposition, from the psychoanalytic concept of trauma and temporality. The speech is approached as a possibility of the crystallized traumatic series found psychic reconnections, that retroactively temporalize. The historical recomposition, where the subject inscribes and reinscribes the social is one of the questions pointed as the way of dealing with the violence of State while the Brazilian dictatorship.

Keywords: Psychoanalysis, Psychoanalytic Listening, Trauma, Temporality, Violence.

criar não é imaginação, é correr o risco de se ter realidade (Clarice Lispector)

¹Psicanalista, membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do Projeto Sig Intervenções Psicanalíticas. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid. barbara.conte@globo.com

"O que faz andar a estrada?" indaga Mia Couto. "É o sonho. Enquanto sonharmos a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro" (COUTO, 2010, p.5). Imagem que baliza a discussão histórica dos acontecimentos e a história das paisagens interiores, que falam da experiência de cada sujeito na resistência ao regime de exceção e suas consequências. O trauma pode ser pensado ao modelo de um sonho. Há o sonho que faz a estrada, o caminho, o futuro. Há o sonho que paralisa, onde o futuro não se vislumbra. Quando se sonha com uma cena fruto de experiência de excesso, com intensidade psíquica, o sonho se repete com os mesmos ele-

mentos traumáticos do vivido, por isso é um sonho traumático. Os sonhos da neurose traumática recolocam o sujeito em contato com o trauma, trazem de volta o afeto penoso do vivido. As deformações do sonho criam distorções, fantasias, realizam desejos ao invés de descarga e sentimentos de medo, pânico.

A tortura, a clandestinidade, os desaparecimentos, a perda dos direitos são experiências traumáticas que ensejam uma ruptura no processo psíquico, um bloqueio nas traduções possíveis dos acontecimentos vividos. A ruptura psíquica por excesso interrompe o caminho de tradução possível sobre o que ocorre. Não há como realizar o trabalho de elaboração. O tempo congela e a cena que faz sofrer é a que se impõe e se repete. Deixa-se o caminho do futuro.

A Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG) desde 2010 desenvolve o *Projeto SIG intervenções psicanalíticas*. Esse projeto traz para dentro da prática da instituição o trabalho em um âmbito social dos grupos e instituições. A inclusão/exclusão, a violência, a crueldade, a exceção, o estrangeiro, o trauma e seus efeitos tem nos ocupado como psicanalistas engajados em um exercício político. A psicanálise é uma resposta ética. Para quem se diz psicanalista esse exercício está por definição enlaçado à produção da verdade. E este é o compromisso da SIG com a verdade do sujeito em sua história e em seu fazer.

Marcamos, desta forma, nossa posição frente ao projeto Clínicas do Testemunho, parceria instituída em janeiro de 2013 da Sigmund Freud Associação Psicanalítica com o Ministério da Justiça/ Comissão de Anistia em cumprimento a Lei n.10559/2002. Projeto que oferece atendimento psíquico aos anistiados políticos e familiares em quatro estados do Brasil: Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

Cada grupo apresenta sua metodologia frente às metas do projeto: o atendimento psíquico - individual e de grupo - aos anistiados, vítimas da violência de estado, e seus familiares; a capacitação de profissionais e agentes de saúde que trabalham com o tema da violência; e a produção de conhecimento a respeito das práticas de violência em nosso país com vistas a quebrar o silêncio da história da ditadura (1964 -1985) em nosso país.

SOBRE O TRAUMA E A TEMPORALIDADE

Sabemos, desde Freud (1919/1990), em Mais além do princípio do prazer, que o traumático é uma grande quantidade de excitação que impede a circulação psíquica, ficando esse excesso como uma forma de angústia que necessita ser descarregada na ação e/ou no corpo, sob a forma de sintomas somáticos que indicam que o processo de elaboração psíquica está paralisado.

Quanto mais insuportável para o aparelho psíquico a realidade objetiva, mais o sujeito se afasta dela, desmentindo o evento que provocou o impacto. O sentido do termo desmentida, ou recusa da realidade (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992), em psicanálise, é o de uma forma de defesa que consiste em uma recusa por parte do sujeito em reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante.

Se há um excesso de excitação psíquica (traumático) e uma recusa da per-

CONVIDADO

cepção traumatizante, podemos dizer que o processo de elaboração psíquica está impedido e que o princípio de realidade está fraturado. Tomamos conhecimento do processo de ligação psíquica nas formações do inconsciente, como os sintomas, atos falhos, a transferência e os sonhos, que expressam representações simbólicas. Verificamos os processos de desligamento das representações ou de impedimento de ligações, nas compulsões de repetições onde o excesso de excitação não transformado é descarregado através de atos, nas formações delirantes e alucinatórias.

Quando uma cena vivida é ab-reagida, repete-se com intensidade e revela os mesmos elementos do vivido, como um sonho traumático. A deformação da cena vivida, assim como a deformação onírica, evidencia a redução do excesso de excitação e gradativamente a criação de distorções e fantasmas. Os sonhos da neurose traumática recolocam o sujeito em contato com o trauma, ou seja, com o excesso, traz de volta o afeto do vivido, oposto ao que se passa com os sonhos do neurótico, onde no lugar da descarga há realização de desejo.

Em seu trabalho, Silvia Bleichmar (2010, p.25), ela própria uma exilada de seu país, refere-se a que

a repetição em si mesma não amplia o conhecimento que o sujeito tem de seu próprio inconsciente nem acerca de si mesmo. Isto é como uma velha discussão, na política, a respeito da prática; a prática em si mesma o que tem demonstrado é que os povos podem repetir seus erros 20,30, 50 vezes ao longo dos anos. O único que possibilita a transformação é a reflexão sobre essa prática.

Podemos entender desta mesma maneira que quando o sujeito repete, a repetição diminui a intensidade e propicia uma significação capaz de transformar essa vivência psíquica. O que se repete, com efeito, é uma intensidade que pode produzir *como por acaso* um enlace com a realidade que está lá em *souffrance*, em sofrimento, em espera, como um negócio não concluído (LACAN, 1963-64/1998). Tempo de espera para que a repetição adquira passagem do estatuto do real para o simbólico produzindo uma representação, um significante, a fala, o testemunho.

Dentre os inúmeros exemplos dos filmes, documentários e a literatura específica sobre a época da ditadura escolhi dois exemplos que de forma comovente marcam este trauma no tempo de espera. No documentário chamado 15 filhos de Maria Oliveira e Marta Nehring, há um depoimento de Vladimir, que teve seu pai assassinado, que dizia que toda vez que seu pai chegava, a certa distância ele assoviava e ele se ligava e saía correndo para encontrá-lo. E com 9 anos ele nunca mais voltou. "E eu passei 10 anos ouvindo esse assovio". Ou o testemunho de Flávio Tavares em seu livro Memórias do Esquecimento onde diz que esperou 27 anos para escrevê-lo e poder esquecer.

Quando o tempo congela, o traumático vai se encadeando em outras

séries traumáticas e se cristaliza como um sintoma em busca de significação. Este é sentido primeiro de nosso projeto: criar oportunidade para que o traumático circule em outro tempo psíquico e dê lugar a significação possível de ser falada, outros assovios possam ser ouvidos.

Desta forma o trauma se enlaça com a temporalidade, nas palavras de Marcelo Viñar (ANTELME, 1999), outro psicanalista que viveu o exílio, "se algo não está significado de nenhum lado e eu não o faço, não só eu perco, senão toda a humanidade perde o que não pode ser dito" (p.7). Há um tempo para que o trauma tome a forma de algo significado que possa servir de memória, de registro simbólico tanto no plano histórico individual como no social.

Temporalidade está indicada na psicanálise pelo termos *après coup*, *Nachträglich*, posterioridade, ação diferida, e podemos apontar três usos: o sentido do posterior ou de secundário, que enlaça a segunda consciência a uma primeira ou o sentido temporal de mais tarde ou depois. Dito de outra forma, tomar conhecimento mais tarde de algo que aconteceu em um tempo anterior. O segundo uso segue a direção do tempo do passado para o futuro e o terceiro ao revés, do futuro para o passado.

Na segunda acepção, o *après-coup* é compreendido como um acontecimento que se torna traumático em um segundo tempo, outra cena que confere a intensidade à primeira, ressignificada, tal como entendemos a sedução na histeria, conforme Freud (1895/1990) descreveu no caso Emma sobre o afeto de terror que com efeito retardado transforma-se em trauma quando ligado a outra cena e na teoria da sedução generalizada, onde Laplanche (1989) dá novo sentido à sedução que falava Freud, colocando-a nos primórdios da vida, como sexualidade traumática. Não há retroatividade, pois só é ativo em segundo tempo.

No terceiro uso da palavra é que retroatividade encontra seu sentido. Existe "uma quantidade de passagens onde se fala de coisas percebidas em um primeiro tempo e que se compreendem depois retroativamente" (LAPLANCHE, 2001, p.55). São mensagens que emitidas por outro, que demandam ser decifradas, pois se tornaram enigmas implantados com violência. Necessitam, portanto de uma tradução para que passem a ser representadas e qualificadas, ou seja, que adquiram um estatuto de representação e de experiência, tornem-se próprias para o sujeito.

O aparelho psíquico está sempre aberto à possibilidade de novas inscrições, de receber elementos do real exterior - elementos "traumáticos", capazes de produzir afluxos energéticos que devem ser dominados ou expulsos para manter a constância. As representações previamente existentes, mesmo que permaneçam como tais em sua singularidade, entrelaçam-se de modo diferente na reorganização resultante do psiquismo. Esta reorganização opera como um luto, que ao ser elaborado, retraduz as ligações psíquicas em uma temporalidade que não é linear, nem literal. Essa é a fundamental diferença de repetir e elaborar, que aponta Freud (1914/1990), Bleichmar (2010) e Laplanche (2001). A história adquire nova temporalidade e nova espacialidade.

Esses dois processos - trauma e temporalidade - constituem o eixo da escuta para que a fala se instaure e, a partir disso, um significado se construa. Os

fatos que acontecem e que ficam como marcas de uma história não compreendida não existem se não houver um sujeito que os signifique, que capture seu sentido. Reafirmamos com Viñar (1999) que entre a cena vivida e o relato há uma distância decisiva que introduz a capacidade criadora de construir a realidade e significá-la.

ESTADO DE EXCEÇÃO E FORMAS DE VIOLÊNCIA

A partir do modelo da psicanálise, podemos pensar o estado de exceção, o terrorismo de estado das ditaduras militares na América do Sul, do nazismo com a experiência dos campos de concentração. Realidades que impuseram a crueldade e o sadismo como formas de romper laços, destruir marcas identitárias, crenças.

Decompor o homem de seus códigos civilizatórios, sublimatórios e das relações estabelecidas por identificação é a finalidade destes estados de exceção. Freud as apresenta a Einstein nas cartas que trocaram no entre guerras (1933/1990). Indicativos pensados para conter ou transformar a destrutividade do humano, destrutividade esta sempre presente.

O estado de exceção é a figura do *homo sacer* que Agamben (2007) chamou de vida nua, vida descartável, auge da disjunção da vida qualificada. Estado onde o excesso e a exceção se juntam e transformam o indivíduo como destituído de suas condições sublimatórias e identificatórias, uma vez que é colocado fora da condição de existir, falar, ter domínio de seu próprio corpo.

Ao apagar as memórias, aplainam-se as singularidades, apagam-se as marcas que se fazem em nossos corpos, homogeneizando as diferenças que indicam nossa unicidade. Tentativas de matar uma parte de nossa biografia, de nosso repertório afetivo. Tentativa de extinguir resíduos do passado, substituir lembranças por atos que enterrem a história (HAUSEN, 2012). O indivíduo torna-se "entregue" a outro que detém o poder de destituí-lo de ser sujeito em si.

E de quais formas de violência falamos? Formas de violência que são subjetivas, sociais e transgeracionais. A noção de violência organizada é discutida por Riquelme (1993) com o significado de "guerra psicológica" e utilizada nos regimes de exceção com dois objetivos: a intimidação e a submissão à dominação autoritária de outro. Para tais objetivos há três formas de ação: o desaparecimento de opositores ao regime que impõe a dominação; a tortura sistemática e a intervenção dos meios de comunicação.

O efeito desaparecimento produz nos familiares e amigos uma situação emocional contraditória, uma vez que coexistem o sabido da tortura e do extermínio e a esperança "irracional" do retorno. Um processo de luto começa quando há o reconhecimento da perda. Se isso não ocorrer, os efeitos desta experiência contraditória do sabido/ não sabido da morte, do desaparecimento vai tomando conta do sujeito sob a forma de um vazio de sentido. "Bolhas de tempo" (KOLKER, 2010) que ora se rompem com o sabido e ora se perpetuam com o não sabido que impede que a realidade se imponha.

Possibilidades de que esse vazio passe a ser compartilhado são as ações coletivas, como as avós da praça de Mayo que ao lado da denúncia da violência perpe-

trada pela ditadura, podem também fazer circular coletivamente o que ainda não encontrara suporte simbólico interno de elaboração. O espaço privado da escuta psicanalítica cumpre a mesma função nessa busca de labor psíquico.

Os atendimentos de grupos também cumprem essa função de oferecer suporte simbólico, assim como o falar vai dando contorno ao que até então ficara como irrepresentável, pelo excesso que o traumatismo do "desaparecimento" produz. Dupla função fundamental para que o psiquismo ofereça "saídas", ligações, mediações possíveis: a esfera do privado e do social.

Na segunda forma de ação encontra-se a tortura que trata de provocar uma lesão de caráter duradouro na integridade psicossocial ao indivíduo. Marcas visíveis de dores, expressas pelo corpo biológico e marcas ainda invisíveis no corpo erógeno, sexualizado, onde as dores se farão aparecer em um outro tempo, quando o horror se fizer explícito e a angústia buscar caminhos, quer sejam sintomas ou elaborações. Vivência de quem viveu a tortura e de quem, em outra geração, carrega em si um enigma que precisa ser reconhecido e significado, uma vez que aparecem como inscrições arcaicas que o corpo passa a denunciar.

Na terceira forma, a intervenção dos meios de comunicação de massa tem a finalidade de influir na opinião pública em termos coercitivos e disciplinares e reforçar os efeitos repressivos sobre os familiares, instaurar responsabilidade, vergonha, desonra pelo acontecido com seus membros. Exemplo disso é a passagem no interior do estado onde a família foi se fechando, deixando de "circular", pois todos sabiam *onde o guri andava metido* (BRUM, 2012).

Nos estados de exceção percebemos que a dominação sob a forma da violência organizada, visa à impossibilidade de compartilhamento, de enfrentamento, de uso de capacidades e defesas psíquicas levando o homem a paralisar seu psiquismo, sua condição de elaborar o acontecido, refletir e encontrar saídas, de partilhar o vivido.

Nossa proposta ao trabalhar com a psicanálise nas vivências acontecidas quando do período da ditadura, do estado de exceção é singularizar o processo subjetivo e abrir caminhos para que se recomponha o processo histórico, quebrando o silenciamento. Possibilita, também, a reconstrução, a condição de reparação que se dá com a circulação psíquica, a temporalidade que restitui a representação, que abre a possibilidade de fala, do testemunho, que se crie uma memória. Recoloca na dimensão social o ocorrido subjetivamente, dando lugar a reflexão histórica de uma prática.

PROJETOS DE REPARAÇÃO

O conceito de *reparação* em psicanálise nos remete primeiramente a possibilidade de identificação com outra pessoa. Esta capacidade é o elemento mais importante nos relacionamentos humanos em geral, e também condição para autênticos e fortes sentimentos de amor. Ao nos identificarmos com outras pessoas compartilhamos por assim dizer, da ajuda ou satisfação a elas conferidas por nós, é como se reconquistássemos por um lado o que havíamos sacrificado por outro. Esta fala é de Melanie Klein (KLEIN e REVIERE, 1970), psicanalista que escreveu

CONVIDADO

que o amor, o ódio e a reparação são os sentimentos fundamentais para que o sujeito se veja em relação a outro nos embates das relações humanas. Não temos como escapar deste embate com o outro, movimento que nos constitui como sujeito e que, ao ser rompido, nos coloca no campo do excesso e da exceção.

As vias de recomposição psíquica são múltiplas: grupais e individuais. Conhecemos o trabalho das Mães e Avós da praça de Maio que buscaram tornar conhecidas situações ainda nem reconhecidas como existentes, como as que seus filhos fossem considerados desaparecidos e mortos pela violência de estado na Argentina. Trabalho primordial de reconhecimento do fato para aí haver um processo de elaboração.

Grupos com os filhos dos detidos ou desaparecidos, reconstrução reivindicatória da história de seus pais, visando recuperar uma idealização que permitisse a esses filhos identificar-se com pais que escolheram um destino militante e cujo desaparecimento não pode ficar impune. Grupos com crianças em idades até 4 anos e que 10 anos depois puderam se encontrar para falar do que haviam passado, mostrar através do brincar, de encenações, e da palavra um trabalho que começava com o caos, a confusão, a letargia, a destruição até chegar a uma individualidade que dava contornos simbólicos ao traumático, através de interrogações sobre o acontecido, ação na direção do conhecimento de sua história e com isso pensar de que poderiam fazer uma inserção social e ter um futuro. (RIQUELME, 1993)

O ENCONTRO ANALÍTICO

O espaço para a fala é fundamental e, por isso, é o que vamos priorizar como psicanalistas. O encontro analítico supõe a fala de um e a escuta de outro a respeito do inconsciente de quem fala. Este é o contexto da situação analítica, que especifica um campo que é o conhecimento do inconsciente, do pulsional. A transferência é dialógica - analista e analisante - e produto da situação analítica, que põe em cena o conflito e atualiza a realidade do inconsciente.

O analista opera enquanto objeto da transferência do analisando, ou seja, aquele que escuta a fala do outro. Freud (1914/1990) já nos propunha pensar "que o analisando não recorda, em geral, nada do esquecido e recalcado, senão que o atua. Não o reproduz como recordação, senão como ação (...) um poder atual (...) das reações de repetição (p.156); o repete, sem saber, que o faz" (p.152), marcando que no campo atualizado da transferência é que o conflito se instala e busca sua compreensão na presença do analista.

O repetido na transferência é entregue à reconstrução do analista. Este é o espaço e o lugar que propomos: não atribuir sentido, mas receber o repetido que é endereçado pelo sintoma do analisando permitindo uma nova circulação psíquica. Enquanto a dupla analisando/analista estiver neste lugar de transferência é possível operar uma análise. Pode-se dizer que há lugar à regra fundamental, pois há abstinência.

Este pode ser o paradoxo do que se entende por abstinência: estar embebido do transferido pelo paciente, mas se abster de atribuir sentido ou julgamento.

Lugar ético da escuta que se dá em um espaço intersubjetivo, em que "escuto" na verdade quer dizer "escuta-me".

A originalidade da escuta psicanalítica consiste neste movimento de vai-vém que faz a ponte entre a abstinência do julgamento moral e no engajamento de reconhecer e penetrar no sofrimento de quem fala. Jogo de captação de significantes que não pode ser realizado através de um dispositivo teórico, mas no reconhecer o desejo que implica nele penetrar, perder o equilíbrio, e terminar por encontrar-se nele (LACAN, 1963-64/1988).

É uma via possível para chegarmos à verdade entendida como uma metáfora que tenta fazer sentido ao sem sentido. Transforma o significado literal em um novo significado emergente e nesta perspectiva se aproxima do enigma. Nietzsche (2005) aborda a verdade dizendo que não temos consciência de quando nos sentimos obrigados a dizer a verdade, pois justo aí estamos sendo forçados a mentir de um modo particular. Precisamente a inconsciência ou esquecimento a respeito disso é que mantém a força desta obrigação viva em nós: precisamente por meio dessa inconsciência e esquecimento é que o homem chega ao seu sentimento de verdade. Aí se faz possível uma temporalidade, no sentido da retroatividade, que abre novas vias de significância, de ligações, traduções que (re)faz vias simbólicas. Ao mesmo tempo, abre o lugar ao esquecimento, do inconsciente em sua verdade sempre presente.

Elaboração psíquica que consiste em transformar uma inscrição traumática, uma inscrição da violência, em uma representação processada psiquicamente através de recomposição simbólica. Construção que entretece uma verdade - verossímil que permite o domínio da compulsão de repetição e abre-se à recomposição do histórico vivencial, em um processo elaborativo que permita novos modos de circulação entre os sistemas psíquicos e abra as possibilidades de simbolização (BLEICHMAR, 1990).

Esse é o duplo desafio ético que o SIG/Clínicas do Testemunho tem como estrada, como sonho, como parente do futuro: a recomposição histórica na dupla via onde o subjetivo se inscreve e, ao fazê-lo, reinscreve o social.

Não olhar para trás é olhar para a frente na cegueira.
(Tarso Genro, audiência pública da Comissão Nacional da Verdade. Porto Alegre, março de 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. Homo Sacer. **O poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2007.
- ANTELME, R. **La especie humana**. Chile: LOM Ediciones. 1999.
- BLEICHMAR, S. **Psicoanálisis extramuros. Puesta a prueba frente a lo traumático**. Buenos Aires: Editorial Entreideas. 2010.
- BLEICHMAR, S. La construcción de la verdad en análisis. **Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados**, Número 16, pp. 246-7. Buenos Aires. 1990.

CONVIDADO

BRUM, L. H. **Antes do Passado. O silêncio que vem do Araguaia**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

COUTO, M. **Terra Sonâmbula**. Barcelona: Leya BIS, 2010.

FREUD, S. Proyecto de psicología. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, vol. 1, 1990. (Obra originalmente publicada em 1895)

FREUD, S. La interpretación de los sueños. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.5, 1990. (Obra originalmente publicada em 1900)

FREUD, S. Recordar, repetir y reelaborar. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v. 12, 1990. (Obra originalmente publicada em 1914)

FREUD, S. Más allá del principio de placer. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.18, 1990. (Obra originalmente publicada em 1920[1919])

FREUD, S. Por que la guerra?. In _____. **Obras Completas**. Buenos Aires: Amorrortu, v.22, 1990. (Obra originalmente publicada em 1933)

HAUSEN, D. **Revista Anistia Política e Justiça de Transição**. Ministério da Justiça, n.5 (jan/junho). Brasília. 2012.

KLEIN, M. e RIVIERE, J. **Amor, Ódio e Reparação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

KOLKER, T. **Tortura**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Org. Coordenação Geral de Combate à Tortura. Cap.4. Brasília. 2010.

LACAN, J. **O Seminário. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Livro11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. (Obra originalmente publicada em 1963-64)

LAPLANCHE, J. **Entre seducción e inspiración: el hombre**. Cap.2. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.

LAPLANCHE, J. **Nuevos Fundamentos para el psicoanálisis. La seducción originaria**. Buenos Aires: Amorrortu. 1989.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NIETZSCHE, F. On truth and lies in a non-moral sense. In MEDINA, J. & WOOD, D. **Truth: Engagements across Philosophical Traditions**. New York: Blackwell, 2005.

RIQUELME, H. **Era das Névoas**. São Paulo: EDUC, 1993.

OS CASOS-LIMITE E A PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA: DO DESAFIO CLÍNICO À COMPLEXIDADE TEÓRICA

LIMIT-CASES AND CONTEMPORARY PSYCHOANALYSIS:
THE CHALLENGE TO CLINICAL COMPLEXITY THEORY

ENTREVISTA DE ANDRÉ GREEN¹
POR FERNANDO URRIBARRI²

Parece-me oportuno fazer uma breve nota introdutória para situar a ocasião e a razão desta entrevista, proposta por André Green, a quem conheci em 1990. Em 1991 fiz a primeira de mais de 10 entrevistas, ao longo de vinte anos de estreita relação intelectual e pessoal, plenos de diversos projetos compartilhados (desde publicações e grupos de pesquisa na IPA, até diálogos em Nova York e Paris).

Na Introdução do seu livro "Ideias diretrizes para uma psicanálise contemporânea" (André Green, PUF, 2002) o autor faz constar que a obra está baseada em "uma série de entrevistas com Fernando Urribarri, realizadas em setembro de 2001, para preparar este livro". Desde aquela época tenho participado de várias maneiras na elaboração e preparação dos próximos livros de André Green. Por exemplo, no monumental volume "As novas vias da terapia analítica" (2007) convidou-me a escrever a Introdução à terceira seção "Reflexões Teóricas".

Na sua obra "Ilusões e desilusões do trabalho analítico" (2010), encomendou-me a redação de um Pós-fácio. No "Do sinal ao discurso" (2011) solicitou-me a seleção inicial dos artigos e a escrita do Prefácio. Em maio de 2011, quando nos reunimos para prepararmos juntos dois novos volumes de artigos, André Green propôs realizar uma série de entrevistas direcionadas a tornar conhecidos dos leitores latino-americanos as suas ideias e trabalhos dos últimos dez anos, a maioria ainda inéditos nestas latitudes. Esta entrevista pertence a essa série.

¹André Green (março de 1927-janeiro de 2012).

²Psicanalista. Membro da Asociación Psicoanalítica Argentina (APA). "Maitre de Conference Associe" do Programa de Doutorado em Psicanálise da Universidade de Paris X. Diretor da Coleção "Pensamiento Contemporáneo de EUdeBA. Co-editor de "Autour de l'Ouvre d'Andre Green" (2005).

FU: ENSAIANDO UM OLHAR HISTÓRICO, PANORÂMICO, SOBRE TODA A SUA OBRA, PODERÍAMOS DIZER QUE HÁ UMA EVOLUÇÃO E UMA MUDANÇA IMPORTANTE MARCANDO ESTA ÚLTIMA ETAPA. NUMA PRIMEIRA ÉPOCA, ENCONTRAMOS NO SEU TRABALHO, UM ESTUDO INOVADOR DOS CASOS LIMITE E DOS TRANSTORNOS NARCISISTAS ("DE VIDA" E "DE MORTE"), CUJA ESPECIFICIDADE VOCÊ PROCUROU SINTETIZAR COM A NOÇÃO DE "LOUCURAS PRIVADAS". MAIS TARDE, HÁ UMA MUDANÇA IMPORTANTE: POR UM LADO A SUBSTITUIÇÃO DA EXPRESSÃO DE "CASOS LIMITE" PELA DE "ESTRUTURAS NÃO-NEURÓTICAS"; PELO OUTRO LADO, SURGE A IDEIA DE QUE ESTAS ÚLTIMAS CONSTITUEM OS "CASOS PARADIGMÁTICOS", NÃO APENAS DE UM EXTENSO CAMPO CLÍNICO, MAS DE UM NOVO MODELO OU PARADIGMA CONTEMPORÂNEO.

AG: Exatamente, no meu percurso pode ser constatada uma mudança que eu considero significativa. Você assinala duas referências importantes, que

correspondem a dois níveis diferentes e complementares. Num plano geral, acredito que nos últimos dez anos, através do meu trabalho, tenho me esforçado por reconhecer e esclarecer o que costuma ser chamada a "crise da psicanálise". E, também, por propor algumas possíveis vias de superação. Tudo isso fica claro a partir de "Ideias diretrizes para uma psicanálise contemporânea" (2002) e continua estando presente nos meus últimos textos. É nesta mesma essência de preocupações e apostas que procuro abordar nossas ilusões e desilusões, a partir dos, assim denominados, "fracassos da análise". Considero que o estudo dos impasses da prática analítica é uma imprescindível "via régia" para o progresso da nossa disciplina.

O importante é não permanecer focado na ideia de crise, nem no termo paradigma, mas na necessidade e possibilidade de uma mudança complicadora da nossa forma de pensar. Sabemos que a fecundidade do pensamento está no lado das perguntas. Por isso, o essencial é reconhecer e problematizar (elevando à classificação de "problema" para nossa disciplina) a inquietação que afeta aos psicanalistas e pela qual atravessa a psicanálise contemporânea. Essa inquietação tem diversas fontes. Do ponto de vista histórico, é possível falar do "babelismo" teórico criado pelo desenvolvimento das diversas correntes da psicanálise pós-freudiana. Esta fragmentação pode ser entendida se observarmos que cada corrente pós-freudiana aborda um aspecto parcial do pensamento de Freud (Lacan privilegia a primeira tópica; Klein prefere a segunda, etc.) e desenvolve outro aspecto que Freud não aprofundou. Por exemplo, o papel estrutural do objeto. Mas, o problema é que este enriquecimento da psicanálise foi afetado porque as correntes de pensamento tornam-se movimentos militantes, dogmáticos, simplificadores. Ou seja, as sínteses e articulações complexas ficam impossíveis.

Se isto é ruim em geral, é muito pior quando se trata de abordar as mudanças que a realidade (interna e externa) apresenta à psicanálise. Como as mudanças sociais ou os desenvolvimentos de outras disciplinas ligadas. Ou como, por exemplo, os quadros clínicos "limítrofes", imprevistos, que questionam as classificações psicopatológicas, assim como, a técnica de Freud e dos pós-freudianos. Porque é necessário dizer que nem Lacan, nem Klein pela sua teoria, mas sobretudo pela sua prática, tiveram muita noção do que é uma estrutura limítrofe. Freud aproximou-se um pouco com "O homem dos lobos". Porém, não aprofundou demais neste terreno, que não era o da sua prática, autolimitada às neuroses. Tivemos que esperar a Winnicott para começar a reconhecer e pensar nesta novidade.

Todavia, os que começaram como casos excepcionais, que colocavam em questão o método analítico, tornaram-se uma crescente maioria dos pacientes que nos consultam. Isto os transformou numa referência necessariamente central do pensamento clínico. Além disso, várias décadas de estudo e tratamento destes funcionamentos provocaram uma revisão, extensão e renovação dos fundamentos metapsicológicos e do método analítico. Dar conta desta mudança "de fato" e transformá-la, conceitualmente, num progresso "de direito" é o desafio que define a psicanálise contemporânea.

AS ESTRUTURAS NÃO-NEURÓTICAS: AVATARES DO TRABALHO DO NEGATIVO

FU: PODERÍAMOS DIZER QUE CERTOS QUADROS CLÍNICOS PASSARAM DE ESTAR NOS LIMITES DO MODELO FREUDIANO, CIRCUNSCRITO À NEUROSE, A COMPARTILHAR O CAMPO ESTENDIDO DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA?

AG: Exato. Porque o objetivo é ampliar e articular o campo da neurose e o das estruturas não-neuróticas. A introdução da denominação "estruturas não-neuróticas" procura incluir uma diversidade de problemáticas clínicas que desafiam a técnica clássica e que, na época, eu tinha proposto definir como "situações nos limites da analisabilidade". Acontece que para pensar - e analisar! - estas formas clínicas, não acredito que seja bom pensá-las como "casos limítrofes" com a psicose. Nem tampouco, como "núcleos psicóticos". Esta referência à psicose parece-me inconveniente e errônea. Para começar, porque estes quadros quase nunca evoluem para (ou se revelam como) estruturas psicóticas. Além disso, porque deste modo se supervaloriza a dimensão destrutiva e se ignora a dimensão erótica, propriamente passional. De uma sexualidade arcaica que é, justamente, chave das "loucuras privadas".

Por outro lado, pode se dizer que o nome "estruturas não-neuróticas" é intencionalmente impreciso, pois deve refletir um amplo polimorfismo clínico e psicopatológico. Porém, esta relativa imprecisão abrange duas ideias importantes. Uma delas é que convém pensar a relação complexa e contrastante com o funcionamento neurótico. Isto é o que esbocei quando assinalei a reduplicação das angústias de castração e de penetração, focadas no conflito sexual, com as angústias de abandono e invasão, focadas no conflito limítrofe ou identificadorio com o objeto. A outra ideia é que a decisão "pela negativa" remete, conceitualmente, à problemática predominante do negativo (na sua vertente desestruturante).

Esquemáticamente, poderíamos dizer que as neuroses se definem pelo desejo e suas formações de compromisso, enquanto as estruturas não-neuróticas podem se caracterizar pelo pulsional que rejeitam, pelo predomínio do que negam. Por isso encontramos, respectivamente, uma lógica da esperança e uma lógica do desespero.

FU: NO FUNCIONAMENTO NÃO-NEURÓTICO DESTACA-SE O PAPEL PATOLÓGICO DE UM "TRABALHO DO NEGATIVO" PARADOXAL. O PREDOMÍNIO DOS MECANISMOS DE CLIVAGEM, DESMENTIDO E DESINVESTIMENTO, AO INVÉS DE ESTRUTURAR E ESTABILIZAR O PSIQUISMO (COMO RESULTA DO PREDOMÍNIO DA REPRESSÃO, PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA, COMO MECANISMOS DE DEFESA) TENDE A GERAR UMA "RÍGIDA FRAGILIDADE" DO EU.

AG: É o que a nossa prática nos ensina. Ao examinar os fatores atribuíveis às modificações do Eu, no "Análise terminável e análise interminável", Freud confessa a sua perplexidade, reconhece que há muito por dizer, mas permanece discreto. Não saberíamos satisfazer-nos, hoje, com a menção das distorções caracterológicas do Eu, cuja descrição é muito parcial. Eu descrevi uma "*síndrome de desertificação mental*" (2004) nos casos em que, quando tentamos instalar o enquadre analítico em pacientes que se revelam, de fato, incapazes de suportá-lo, nos enfrentamos com paralisias psíquicas funcionais causadas pelo efeito traumá-

tico que se produz na psique no momento de soltar as rédeas à associação livre. O paciente experimenta um estado de vácuo psíquico, um deserto libidinal com um sentimento que o que lhe é pedido, não pode senão remetê-lo a sua vacuidade, a uma angústia ligada a um desamparo profundo, perante um perigo de desorganização grave. O sentimento de unidade do Eu é colocado em xeque e a desertificação psíquica é portadora de uma ameaça de aniquilamento psíquico. Logo somos forçados a alterar a situação analítica devido ao risco iminente de uma catástrofe e a propor (ou aceitar) um trabalho "cara a cara", continente, que sustenta a consistência identificatória e evita o perigo de desabamento psíquico. Compreendemos que o "cara a cara" procura evitar a repetição de uma experiência traumática de desamparo, de um estado de impotência psíquica.

FU: O SUJEITO MOBILIZA AS SUAS DEFESAS CONTRA UMA REGRESSÃO (ACOMPANHADA PELA SEPARAÇÃO PULSIONAL) QUE NÃO AFETA APENAS ÀS FIXAÇÕES LIBIDINAIS, MAS AO EMBASAMENTO DO EU. NESTE CONTEXTO A NOÇÃO DE NARCISISMO NEGATIVO CONTINUA ESTANDO VIGENTE?

AG: Em absoluto. Por isso, nestes casos, *o sentimento de vácuo psíquico* raramente falta. Este sentimento pode atingir até uma vivência de inexistência ou, em menor grau, de futilidade. A vitalidade do corpo não se sente. Este é vivido mais como uma carga do que como uma fonte de prazer. Outra expressão frequente do narcisismo negativo é a alucinação negativa da própria imagem ante o espelho. O sujeito não se reconhece. Ou afirma que não lembra nada: "Sim, vejo algo, mas não distingo nada". Ou, ainda, a primeira imagem, apagada, vaga, não identificada, deve ser pensada por um segundo espelho. Isto é, faz falta o olhar de um terceiro para provocar o reconhecimento, como se o segundo espelho permitisse sobrepor o que o primeiro reflete de um olhar materno primário experimentado negativamente.

A ausência está mal integrada. "Não posso pensar nada quando o Sr. não está." "Tem algo de loucura pensar que alguém está aí, quando não o está." O sentimento de ausência é equivalente, aqui, a um sentimento de perda. A ausência está acompanhada pela perda da esperança de reencontrar o objeto. A fragilidade narcisista é onipresente. Parece-me que estes casos mostram o que consegui descrever como desligaduras subjetais do Eu. Todas estas variedades revelam o que é o trabalho do negativo nas estruturas não-neuróticas. Elas remetem à desordens da economia narcisista que tocam o sentimento de existência do Eu. Estes enunciados são observações que enclausuram, que fecham a capacidade de associação e que são ameaças que acompanham um perigo de autodesaparecimento do Eu.

AS VARIAÇÕES DO ENQUADRE E O ENQUADRE INTERNO DO ANALISTA.

FU: TODOS ESTES "AVATARES DO NEGATIVO" QUE DESCREVES CONDUZEM A EXPLORAR AS VARIAÇÕES TÉCNICAS DO ENQUADRE ANALÍTICO E FUNDAMENTÁ-LAS DE MANEIRA TEÓRICA. PARA ISSO, DESTACASTE DOIS ASPECTOS NO ENQUADRE: A MATRIZ DINÂMICA (CONSTITUÍDA PELO FUNCIONAMENTO ACOPLADO, DIALÓGICO, DA ASSOCIAÇÃO LIVRE E A ATENÇÃO FLUTUANTE) E O "ESTOJO" (COMPOSTO PELOS ASPECTOS MATERIAIS E FORMAIS).

AG: Para abordar a técnica podemos retomar a perspectiva complexa, que já mencionamos, sobre a extensão e a articulação no campo clínico contemporâneo das estruturas neuróticas e não neuróticas. Neste sentido, desenvolvi a ideia de dois grandes modelos que, de certa forma, extraí do Freud, onde a articulação orienta à técnica e à clínica: o modelo do sonho e o modelo do ato (*agieren*).

Com o modelo do sonho continuamos nos referindo ao papel central do método e do enquadre freudiano, que se sustenta na primeira tópica. É um modelo que se baseia no funcionamento da representação inconsciente: representações de coisa e de palavra que se articulam no discurso impulsionado pela transferência. A interpretação expressa o conteúdo representativo recalçado e graças a isso o Eu do analista pode transformar em consciente o inconsciente. O funcionamento da matriz dinâmica e seu acople com o "estojo" é ideal. Porém, nas estruturas não-neuróticas sabemos que o funcionamento representativo encontra-se interferido pelo trabalho do negativo. As moções do Id tendem à compulsão da repetição mortal. O irrepresentável entra em cena. O paciente não é capaz de associar livremente: a possibilidade de simbolização e de elaboração vai demandar alterações do enquadre e um trabalho suplementar do analista. Por isso falo de um modelo do ato e proponho a ideia de enquadre interno para situar este trabalho psíquico do analista.

FU: PODERIAS EXPLICAR UM POUCO MAIS ESTA NOVA NOÇÃO DE "ENQUADRE INTERNO DO ANALISTA"?

AG: O enquadre interno é uma figura do pensamento clínico para dar conta da necessária criação, pelo analista, de um espaço interno, intermédio, no qual sustenta a qualidade analítica da comunicação quando o paciente não tem condições de reconhecer a sua dimensão metafórica. No qual, devido às limitações e ataques do paciente contra o seu próprio funcionamento e contra o tratamento, o analista deve poder investir a relação em quanto analítica (e não apenas interpessoal), postulando e sustentando a virtualidade do processo analítico, de quem, durante um longo tempo, deverá ser o avalista.

O que eu falo é que, quando o enquadre analítico não funciona, é possível dizer que este já não é um conceito compartilhado entre o paciente e o analista. O enquadre devê de uma noção interna ao analista. É ele quem terá que avaliar aquilo que escuta com relação a uma falha de funcionamento representativo, que apenas ele tem condições de perceber e compreender. Nestes casos, não podemos procurar a unidade do campo analítico no lado dos pacientes, pois percebemos que a diversidade dos mesmos implica formas de abordagem muito diferentes e, inclusive, em ocasiões, a renúncia a diferentes aspectos formais do enquadre. Isto é, quanto menos o enquadre clássico funciona, mais sou levado a pensar que a unidade do campo psicanalítico não pode senão localizar-se no próprio analista, no seu pensamento clínico.

TRADUÇÃO: MARIA DONA LOBL

PSICANÁLISE PARA ALÉM DAS NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA

PSYCHOANALYSIS BEYOND THE TRANSFER NEUROSES

Lizana Dallazen

LIVRO: LIMITES DE EROS

ORGANIZADORAS: ELIANE MICHELINI MARRACCINI, MARIA HELENA FERNANDES, MARTA REZENDE CARDOSO, SILVANA RABELLO.

SÃO PAULO: PRIMAVERA EDITORIAL, 2012.

A passagem do tempo é percebida através de registros diversos, observáveis em vários níveis da cultura em que estamos inseridos. O fato de existir um intervalo de mais de um século desde o nascimento da psicanálise, não torna esta, uma ciência limitada para tratar as formas de padecimentos dos sujeitos da contemporaneidade. Anos atrás, falava-se da crise da psicanálise como se estivesse se aproximando a linha terminal para esta, confirmando a derrocada da capacidade psíquica dos sujeitos que buscavam tratamento.

As manifestações psicopatológicas eram tidas como não mais passíveis de abordagem pela palavra via transferência, motor do método analítico. Mediante o novo cenário, os analistas perceberam a necessidade de discutirem sobre a aplicabilidade de suas teorias e técnicas. Porém, podemos pensar que a crise, faz com que os profissionais, ao inquietarem-se com seus limites e impotências, possam reencontrar a coluna dorsal do arcabouço teórico construído por Freud, ou seja, uma identificação com a capacidade investigativa e reflexiva a partir das vivências na clínica.

Em um encontro científico, ocorrido em Curitiba, algumas colegas tiveram a idéia de organizar um livro que apontasse caminhos possíveis para a ampliação dos limites da clínica psicanalítica. *Limites de Eros*, conta com a contribuição de psicanalistas, mestres e doutores de diversas regiões do país, e adquire relevância por vir ao encontro dos analistas que enfrentam cotidianamente, uma diversidade de situações que persistem em apontar para os fenômenos que tem como característica principal, manifestações da pulsão de morte. A coletânea é fruto do trabalho sério, rigoroso e realizado com maestria pelos autores, atualizando e reafirmando a vigência da psicanálise como um método de tratamento eficaz para além das neuroses de transferência.

Limites de Eros é o resultado de pesquisas e estudos, nascidos de um campo fecundo para fazer trabalhar o legado psicanalítico, ou seja, a clínica das psicossomatizações, das melancolias, das anorexias e bulimias, dos casos limites, das psicoses infantis e da impossibilidade de aquisição da autonomia e da responsabilização de si. Temas estes, abordados e ilustrados ao longo dos capítulos do livro, que foram muito bem articulados para apresentarem os avanços teóricos

da psicanálise sobre a problemática da capacidade de ligação e representação, evidenciadas pela insistência da pulsão de morte que limita o trabalho de Eros.

As alterações da técnica, necessárias para a sustentação da prática clínica no contexto das psicopatologias que apresentam falhas na constituição do eu, ou uma ranhura nos limites do eu/não-eu, são pensadas a partir do pressuposto de um trabalho interpsíquico da dupla analítica. Dessa forma, as intervenções são realizadas pelo modelo técnico proposto por Freud, de construção, vinculada a idéia de figurabilidade do analista, como via de acesso para a inscrição do traumático no psiquismo do sujeito.

Limite de Eros é uma leitura relevante não só pelo conteúdo publicado, mas por evidenciar também um modelo de produção científica entre pares. Os autores conseguem apontar para novos contornos da psicanálise como teoria e técnica vigentes para os tempos modernos. Em um período de escassez de investimentos nos afetos, onde o império do imediatismo supera o delicado e pacioso trabalho de Eros, é fundamental nos encarregarmos das constantes reformulações da psicanálise, como bem ilustrado neste livro.

*Lizana é psicanalista, membro da Comissão Executiva
da Sig Revista de Psicanálise.
lizana.dallazen@gmail.com*

O SUJEITO DA DOR E SUAS FORMAS DE MAL-ESTAR THE SUBJECT OF PAIN AND ITS FORMS OF MALAISE

Carolina Neumann de Barros Falcão Dockhorn

LIVRO: O SUJEITO NA CONTEMPORANEIDADE

AUTOR: JOEL BIRMAN

RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2012, 160 P.

Joel Birman é, sem sombra de dúvidas, um magnífico pensador da e na Psicanálise, e seu mais novo texto vem, uma vez mais, provar isso. Em "O sujeito na contemporaneidade", articula uma reflexão sobre as engrenagens que sustentam a produção de subjetividade na atualidade. O livro retoma o longo percurso traçado pelo autor, considerando as temáticas do mal e do mal-estar. Neste ensaio, Birman (2012) parte das categorias de tempo e espaço como categorias constitutivas do sujeito para problematizar as diferenças entre as subjetividades moderna e pós-moderna. Considera, ainda, as antíteses dor X sofrimento; desamparo X desalento para descortinar o sujeito da contemporaneidade.

Como lhe é característico, também nesse livro Birman transita por diversos interlocutores, de tal forma a produzir uma reflexão eminentemente psicanalítica - crítica, consistente e aberta - mantendo-se distante da endogenia. Ao contrário, a todo tempo o autor recorre a pensadores de outras áreas (filosofia, sociologia, antropologia) para fundamentar suas considerações.

Para apresentar as duas categorias básicas com as quais trabalha ao longo de todo o ensaio, Birman (2012) utiliza o modelo do trabalho com o sonho em Freud. Apresenta o sonho como uma experiência psíquica orquestrada pelos registros do espaço e do tempo. O sonho como guardião do sono coloca em evidência a capacidade psíquica de dar conta do mundo pulsional, além de se configurar como "uma experiência efetiva de transgressão, que subverte a ordem da percepção" (BIRMAN, 2012, p.13). As imagens que montam o sonho não obedecem à lógica da percepção visual e são organizadas conforme a gramática do desejo inconsciente. Todavia, não é apenas à categoria de espaço que o sonho corresponde, uma vez que é apenas com a evocação do sonho (organizado sob a forma de um discurso dirigido a um outro) que permite ao sujeito sonhador apropriar-se do sonhado. Ou seja, é somente na incidência da categoria de tempo que a produção onírica pode, efetivamente, transformar-se em uma experiência, a qual deixa marcas na subjetivação.

Por meio da noção de pesadelo, Birman (2012) apresenta para o leitor a necessária diferença entre a angústia e a dor. A angústia que faz o sujeito acordar de um pesadelo refere-se ao desejo e à censura, o que evidencia um psiquismo produtor de metáforas, de material simbólico. A Psicanálise nasce justamente

nesse cenário de revelação do mundo psíquico do qual o sonho é um tão belo exemplo, dando luz ao latente, ao desejo que pulsa e que para obter descarga se deforma em símbolos. Atualmente, porém, operou-se um deslocamento do sonho para a dor, ou, como explica Birman (2012, p. 22) "o sonhar como experiência crucial que seria do sujeito se apaga cada vez mais, sendo substituído progressivamente pela presença pregnante, disseminante e assustadora da dor".

E o sujeito da contemporaneidade é, de fato, o sujeito da dor: preso num traumático que denuncia, segundo a proposta de Birman (2012), uma predominância, cada vez maior na contemporaneidade, do registro do espaço sobre o de tempo. Não é à toa que justamente o discurso da ciência hoje é o da imagem, em detrimento ao recurso da escuta e da palavra. São as neurociências com suas imagens e os clínicos alquimistas com seus medicamentos que detêm na cultura pós-moderna a verdade sobre o sujeito. À Psicanálise cabe, assim, o lugar de denunciante e de crítica frente a essa proposta de considerar o indivíduo como resultado de um funcionamento biológico.

O sujeito da dor é, pois, um sujeito sem passado e sem futuro. A proposta de Birman (2012) é a de que, frente ao engolfamento da temporalização pela espacialização, o sujeito fica sem condições de metabolizar e inscrever psiquicamente suas experiências subjetivas, preso no aqui e agora que o deixa sem saída: precisa ser sem saber quem realmente é, porque para isso precisaria estar inscrito no registro da falta que o faz criar o desejo. Acaba tendo de recorrer à imagem e à performance, ao fazer em detrimento do sentir e do pensar. É a ideia contida no Ter para tentar Ser.

O ensaio apresenta, então, uma necessária reflexão acerca das diferenças entre a Modernidade e a Contemporaneidade e o estatuto do mal-estar que delas se origina. Birman (2012) propõe que o mal-estar contemporâneo se inscreve em três registros psíquicos: do corpo, da ação e da intensidade, enquanto que os registros do pensamento e da linguagem já não são mais os eixos organizadores do mal-estar.

De fato, os três registros apontados por Birman apontam para a intensidade pulsional que não encontra vias de trâmite psíquico. Resta o ato, a passagem ao ato. As toxicomanias, as doenças psicossomáticas, os transtornos alimentares retratam um corpo real e não o corpo erogeneizado e fonte pulsional. A Síndrome do Pânico, o estresse em todas as suas variações denunciam a angústia real em contraste à angústia sinal que evidencia a presença do desejo. A avidez pelo consumo, pelo corpo magro, a medicalização constante, a irritabilidade e a violência são manifestações, para Birman (2012) dessas novas cartografias do mal-estar. O sujeito da dor é o sujeito do desalento e o mal-estar contemporâneo se materializa no corpo e na ação.

Parece-me que o ponto culminante da reflexão de Birman (2012), ao utilizar as categorias de tempo e espaço, diz respeito à proposição de uma ação cortada no mal-estar da atualidade. Ou seja, há uma ruptura entre os registros do tempo e do espaço, sendo que o registro do espaço passa a dominar todo o território do psiquismo. Nessa espacialização do psiquismo, a incidência do

Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associaçãopsicanalítica

RESENHAS

traumático impede que se construam vias de movimento à subjetividade, prendendo o sujeito a repetição eterna do mesmo. A ação é cortada por ser fracassada, não atingindo sua finalidade de produzir mudanças no mundo e possibilidades de devir.

Se a categoria tempo está retirada, então os processos de simbolização não se dão, uma vez que se perdem os registros de passado, presente e futuro e por isso o sujeito fica preso à economia do traumático. A cultura contemporânea, erguida na base do narcisismo, do individualismo e do imediatismo propõe que a alteridade é um risco; afinal, o outro é tido como potencialmente rival. Como sabiamente destaca Birman (2012), sem espaço para a solidariedade, vive-se um mundo sem sentido e, conseqüentemente, vazio.

O sujeito contemporâneo fica, assim, impossibilitado de transformar a dor em sofrimento e o desalento em desamparo. E é preciso reconhecer que sem desamparo não há alteridade, não há desejo; e sem sofrimento não há movimento de transformação.

*Carolina é psicóloga, psicanalista, membro da
Comissão Executiva da Sig Revista de Psicanálise.
carolfalcao@yahoo.com*

Sigmund Freud Associação Psicanalítica

Rua Marquês do Herval, 375
Moinhos de Vento . Porto Alegre, RS . Brasil
CEP 90570-140 . (51) 3062.7400
www.sig.org.br . sig@sig.org.br
revista@sig.org.br



associação psicanalítica